



GRIM SINNERS
REBELS

GAGLE

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
LEANN ASHERS





GAGE

LEANN ASHERS

A presente tradução foi efetuada pelo grupo WL, de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra. Incentivando à posterior aquisição.

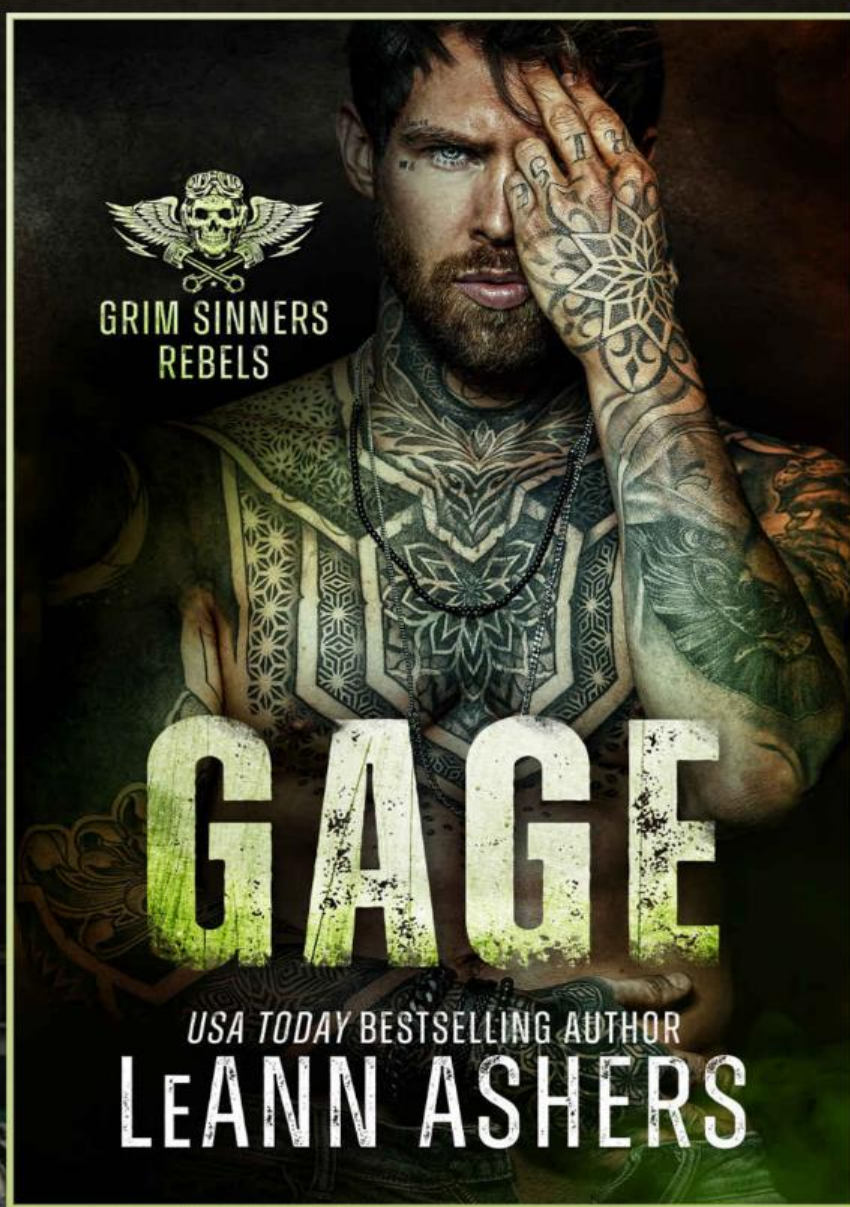
O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto. Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro original, modo, não poderiam, idioma não ser no a impossibilitando conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo WL poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que foram lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o de qualquer WL parceria, coautoria grupo ou coparticipação em eventual delito cometido por presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.



GRIM SINNERS MC REBELS

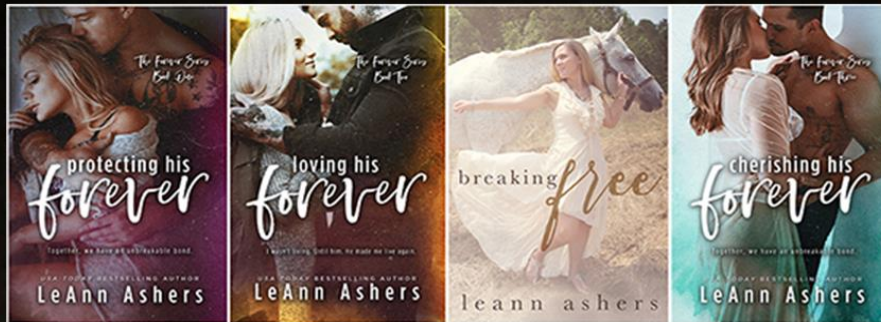
LANÇAMENTO



LIVRO UM

SÉRIES INTERLIGADAS

The Forever Series



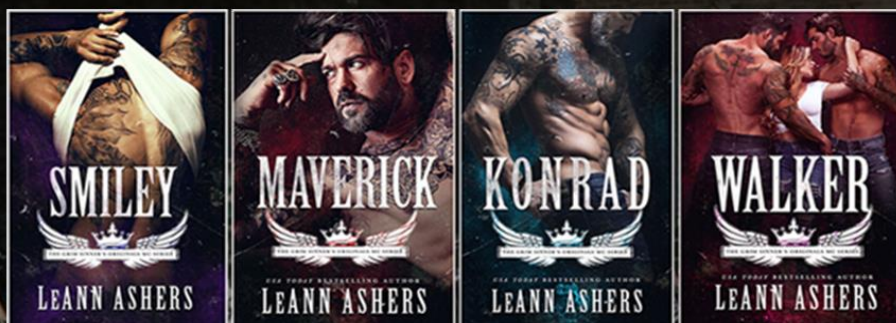
devil souls



THE GRIM SINNER'S MC



THE GRIM SINNER'S ORIGINALS



SINOPSE

RIVER

Quem é sequestrado duas vezes em um dia?

Aparentemente, eu.

Mas o que eu esperava menos ainda era realmente me apaixonar pelo meu segundo sequestrador: Gage, o presidente do Grim Sinners Rebels MC.

Ele era alguém que eu nunca soube que precisava. Ele me resgatou.

Ele se tornou minha casa.

Seu MC se tornou minha família.

Infelizmente, nossa nova vida juntos estava em perigo. O presidente do MC rival decidiu intensificar seu jogo contra os Grim Sinners Rebels.

O que ele não percebeu, no entanto, foi que o próprio diabo sabia melhor. Você não joga de frangote com o ceifador.

E o ceifador era Gage.

GAGE
LEANN ASHERS



PRÓLOGO

Eu suspiro, esfregando o rosto antes de olhar para o meu computador mais uma vez, as palavras começam a se confundir depois de pesquisar por horas e horas para tentar encontrar minha mãe.

Estou exausta, mais mentalmente do que fisicamente porque ainda não cheguei a lugar nenhum depois de meses procurando em todos os lugares.

Sempre tive o desejo de encontrar minha irmã, mas minha mãe sempre esteve na vanguarda da minha mente. Encontrei uma foto da minha mãe que foi tirada quando ela me teve, o olhar em seus olhos era o que mais me assombrava.

Só sei que ela não queria desistir de mim, não sei por que essa chama dentro de mim quer tanto encontrá-la, mas só sei que preciso.

Eu estive em um orfanato até os quatro ou cinco anos quando meu pai maluco e preparado para o fim do mundo, SEAL da Marinha me acolheu. Fugi do orfanato em que estava, eles não eram nada gentis comigo e naquele momento, mesmo jovem, eu sentia que era melhor estar nas ruas do que lá.

Eu cuidava de todas as outras crianças que eram mais novas que eu. Eu ainda não estava na escola e me lembro de acordar a noite toda para cuidar de um bebê.

A gota d'água, porém, foi quando meu pai adotivo entrou no meu quarto no meio da noite. Acordei com ele de pé acima de mim e outra garota que estava deitada ao meu lado no momento.

Seus olhos se arregalaram quando ele me viu acordada e então sorriu, e tudo o que me lembro é do pânico.

Eu joguei as cobertas de cima de mim e passei por ele pela janela aberta do quarto porque estava muito quente dentro de casa.

Eu não tinha um plano de onde estava indo. Corri e corri por partes realmente pobres da cidade, para dentro da floresta e não me atrevi a parar nem olhar para trás.

Eu literalmente fui forçada a parar quando bati nas pernas desse homem enorme. Meu primeiro pensamento foi que meu pai adotivo havia me encontrado. Eu lutei com tudo que tinha tentando fugir.

Ele me pegou para que eu parasse de lutar com ele e me sentou na cadeira, olhando-me nos olhos. — Eu não vou machucar você, perdeu-se dos seus pais? Você está perdida?

Suas palavras amáveis foram minha ruína. Eu encostei-me a seu peito e apenas chorei. Ele me abraçou e eu agarrei sua camisa com tudo em mim, com medo de tudo na minha vida.

— Preciso ligar para alguém? - ele me perguntou alguns minutos depois, quando os soluços diminuíram lentamente.

Eu contei tudo a ele, o que eu poderia dizer a ele nos meus termos de quatro anos e depois disso tudo se tornou um borrão. A polícia foi chamada. Vi meu pai adotivo ser preso e nunca mais entrei naquela casa.

Mas eu fui para outro lugar. Eu tinha uma cama, roupas e uma geladeira cheia de comida e meu pai. O homem com quem bati no meio da noite na floresta me adotou.

Ele era o melhor, mas também era louco. Ele não confiava em ninguém, e enchia minha cabeça com tudo que eu precisava saber para me proteger. Eu sei como matar alguém de cem maneiras diferentes, sei como sobreviver na floresta sozinha por semanas, eu posso usar praticamente todas e quaisquer armas e domino a maioria.

Alguém poderia pensar que essa vida teria me deixado traumatizada, mas sou muito grata a ele e tive a melhor infância, mesmo que tenha sido distorcida.

Uma coisa que ele não me ensinou foi como usar computadores, eu aprendi isso sozinha. Falhei no meu teste de motorista aos dezesseis anos e apenas decidi que a senhora do teste era uma idiota e mentiu, então eu invadi o sistema mudando minha falha para uma aprovação.

Infelizmente fui pega porque não sabia como cobrir meus rastros. A polícia estava na minha porta na manhã seguinte. Meu pai fingiu estar bravo comigo na frente dos policiais, mas me deu um high five assim que a porta foi fechada.

Aprendi a cobrir meus rastros e não ser descoberta em meus movimentos hackers depois disso.

Dezenove anos de idade

Um bipe ensurdecador me tira do sono. Eu suspiro, meu coração batendo forte e corro para o meu computador.

Uma imagem pisca ao longo da tela e quase afundo no chão em choque com o que parece ser a versão mais velha de mim, é ela, minha irmã. Eu sei, sem dúvida, que esta é ela.

Clico na foto para aumentar e leio a reportagem de como ela foi atacada no hospital após dar à luz. Foi datado de semanas atrás, mas eu sei que preciso ir lá.

Eu nem penso ou hesito enquanto faço minha mala e dirijo para o hospital, que fica há horas e horas de distância.

Eu sei que ela não está lá, mas só preciso estar no lugar onde ela estava, é um passo mais perto dela. Então eu posso ir de lá para decidir o que fazer a seguir.

Meu pai me manda uma mensagem e me avisa que ele ficará sem serviço na floresta e fará uma checagem em alguns dias.

Eu suspiro de alívio não querendo dizer a ele onde estou ainda, não estou pronta para esse surto.

Fecho a porta do carro e coloco minha bolsa no ombro, as pessoas estão cuidando de suas vidas enquanto estou enlouquecendo internamente.

Posso literalmente encontrar qualquer pessoa no mundo. Eu havia encontrado minha mãe e a forma como ela está sendo tratada em seu casamento é horrível. Eu só consegui falar com ela por um minuto antes que seu marido chegasse. Escapei antes que ele pudesse me ver e descontar sua raiva nela. Isso foi há um ano e eu sabia que precisava encontrar minha irmã.

A vida que ela está vivendo é uma que revira meu estômago diariamente. Meu pai nem sabe que eu a encontrei e ela está a apenas algumas horas de onde morávamos. Um fim de semana quando ele foi acampar, decidi ir vê-la.

As razões pelas quais eu tive tanta dificuldade em encontrá-la é porque ela faz parte de um culto. Ela nem tem certidão de nascimento, ela é praticamente um fantasma e os únicos registros que ela tem é quando ela deu à luz a mim e minha irmã no hospital.

Sem saber o que fazer a seguir, sento-me na sala de espera na frente do saguão. Agora o que eu faço? Isso foi meio estúpido viajar por todo esse caminho e não ter um plano.

Mas ela estava aqui e isso é algo certo? Eu estou em um lugar onde ela estava e isso tinha que significar alguma coisa, certo?

Ouçoo um grito estranho do pronto-socorro me tirando de meus pensamentos e sem pensar, olho pela porta sendo intrometida para ver o que está acontecendo.

A menina começa a rir, ela estava brincando com uma das enfermeiras. Eu sorrio com a interação, gostaria de ser tão despreocupada às vezes, não me preocupar com alguém machucando sua mãe ou irmã.

Eu me viro e quase tenho um ataque cardíaco na hora. Estou cara a cara com ela... Jessica.

Eu sei com cada fibra do meu ser e da minha alma que esta é ela, nós nos parecemos muito e isso é algo que ninguém pode perder.

Honestamente, poderíamos passar por gêmeas. A única distinção clara é que ela tem olhos verdes em comparação com os meus castanhos.

Eu cubro minha boca para me impedir de gritar com ela, para dizer a ela que estou procurando por ela há anos! Não posso acreditar que isso está acontecendo agora.

O homem que está com ela está olhando entre nós duas como um bobblehead¹. Se eu não estivesse em choque, estaria rindo da reação dele.

Eu não posso mais lutar contra o desejo enquanto dou um passo para mais perto dela. Quanto mais me aproximo, mais eu tremo, meus nervos estão realmente me afetando.

Pergunto a única coisa que posso reunir para ter certeza de que isso é real e está acontecendo agora: — Qual é o seu nome?

Seus olhos se arregalam quando ela me ouve falar pela primeira vez. — Jessica.

Fecho os olhos e caio no assento mais próximo ao meu lado. É ela, eu a encontrei! Depois de anos procurando por ela e imaginando sobre ela, ela está aqui, na minha frente.

Quando vi o estado de minha mãe, como ela estava sendo tratada, não consegui parar os pensamentos em meu cérebro de que talvez Jessica estivesse passando pela mesma coisa. Eu sei

¹ Bonecos colecionáveis que representam atores famosos, personagens de filmes ou desenhos.

que não foi um pensamento racional, mas Jessica tem menos informações sobre ela do que nossa mãe até chegar ao hospital.

Olho para Jessica, realmente olho para ela, meus olhos se enchendo de lágrimas. Eu me preocupei com ela, eu estava com tanto medo de que algo pudesse ter acontecido com ela ao longo dos anos e eu nunca teria essa chance.

— Procurei por você por anos, - sussurro para ela provavelmente parecendo louca. Mas não importa o quê, eu vou soar assim para ela.

Sua boca se abre em choque e eu suspiro batendo no assento ao meu lado querendo que ela se sentasse. Ela o faz e me pergunta: — O que você quer dizer?

O cara com ela paira os olhos sobre mim, posso dizer que ele é protetor com ela e isso me deixa feliz sabendo que ela tem isso.

— Estive procurando por você. - Ela me interrompe: — Uhm, não tenho certeza do que você quer dizer, - ela repete. Ela me olha toda, eu sei que ela vê a semelhança também.

Eu enxugo as lágrimas do meu rosto que conseguiram cair e esfrego minhas mãos pelas minhas pernas. — Acabei de fazer dezenove anos a alguns meses. Quando completei dezoito, encontrei nossa mãe biológica e isso me levou na minha busca para encontrar você.

O rosto de Jessica mostra sua mágoa e dor com a menção de ela ter desistido também. — Encontrei você no noticiário por causa do que aconteceu aqui no hospital. Esse é o único sinal que eu tive de que você estava viva depois de anos de busca.

Jessica está chocada, mas posso dizer que o que estou lhe dizendo está se encaixando. Enfio a mão na minha bolsa e tiro minha certidão de nascimento com o nome da minha mãe. É a única prova que tenho.

Ela se engasga ao ver o nome de nossa mãe. — Uma irmã, eu nunca soube que existia. - Sua voz falha e eu sorrio sentindo o alívio rolar sobre mim por ela estar me aceitando ou chegando a um entendimento de que eu sou real.

Eu sei que isso provavelmente é demais e cedo demais, mas não consigo mais lutar contra a vontade de abraçá-la. Eu a envolvo em meus braços com força.

Ela me abraça de volta com a mesma força. Alguns minutos depois, ela ri e se afasta, seus olhos brilhando alegremente para mim com lágrimas não derramadas. — Agora me diga qual é o seu nome. - Ela empurra meu cabelo para fora do meu rosto.

Eu sorrio feliz. — River.

Ela sorri. — Eu amo esse nome. - Ela olha para a bolsa aos meus pés. — Você tem algum lugar para ficar? - ela me pergunta, então olha para o cara ao lado dela e ele acena de volta para ela.

— Eu estava pensando em conseguir um hotel. - Eu dou de ombros.

Ela balança a cabeça. — Não, não. Venha ficar conosco. Temos muito espaço e você terá a chance de conhecer seu sobrinho.

Meu coração dança ao ouvir que tenho um sobrinho. — Mal posso esperar para conhecê-lo.

O cara se abaixa e pega minha bolsa do chão, colocando-a no ombro, levando-a para a caminhonete deles. Eu posso voltar para o meu carro mais tarde. Ele abre a porta para ela e a ajuda a entrar, em seguida, abre a porta para mim.

Ela me dá um olhar que está dizendo olha como ele é fofo. Eu subo para dentro e observo os dois, ele estende a mão e a prende sem pensar.

Estou feliz por ela. Todos os meus medos se foram sabendo que ela está em um bom lugar e feliz. Ele começa a dirigir pelo estacionamento e ela estende a mão gritando alto: — Ah, espere, minha consulta!

Ele ri e para a caminhonete na vaga mais próxima. — Não podemos perder essa merda, quero que você engravide na próxima semana.

Ela começa a rir, olhando para mim. — River vai pensar que somos loucos. - Eu rio junto com ela. — Não, eu acho adorável, estou feliz por você.

Estou feliz por ela, olho para a base do assento do carro ao meu lado e meu coração se aquece com a ideia de ver meu sobrinho. No entanto, meu estômago afunda pensando nela sendo atacada no hospital. Eu não gosto disso.

Eu me inclino na minha frente e abraço os dois em volta do pescoço. Eles vão pensar que sou a louca, desde que acabei de conhecê-los, mas realmente não me importo.



Estamos sentados em um restaurante após a consulta dela. Coloco minha bolsa ao meu lado no assento e eles se sentam na minha frente.

— Vocês sabem que são exatamente iguais, - Chase aponta. Ouvi Jessica chamando-o de Chase no caminho para cá.

Nós rimos e vasculho minha bolsa até encontrar o pequeno álbum de fotos da minha carteira. — Nós nos parecemos exatamente com nossa mãe e até tirei uma foto do nosso doador de esperma. - Só de pensar em chamá-lo de pai me dá vontade de vomitar, ele é horrível.

Eu me aproximo, debruço-me sobre a mesa e entrego o álbum a ela. — Esta é você. - Eu lhe mostro a foto dela e de nossa mãe quando ela nasceu.

Ela era muito jovem, parece que era mesmo uma criança. Jessica sorri para a foto, Chase está olhando por cima do ombro. — Hunter se parece com você. - A felicidade é mostrada em seu rosto com o elogio.

Ela percorre o álbum até uma foto de Bell, nossa mãe. — Qual é a história? - ela me pergunta.

Eu me acomodo no meu lugar, meu estômago revirando de raiva ao pensar no que nossa mãe está passando. — Esta é parte da razão pela qual eu queria encontrar você. Eu preciso tirá-la de lá, ela está em um relacionamento horrível. Ela teve que me esgueirar para fora de casa para me dar isso porque ele voltou para casa.

Eu olho para o meu colo, encontrando registros de um médico do interior que ignorou o abuso e ele está na minha lista de merda também. — Eu olhei para seus registros médicos e descobri que

depois que ela deu à luz, foi severamente espancada. - Deixei escapar uma respiração profunda tentando controlar a raiva que estou sentindo.

— Foi porque ela estava tentando nos proteger. Pelo menos é o que deduzi do pouco que ela disse. Acho que ela sabia que não podia cuidar de nós e nos proteger. Ela me disse que ele ficava jogando fora o anticoncepcional dela, e é por isso que ela nos teve.

Jessica se recosta com força, fazendo com que o assento marque com seu movimento rápido. Eu sei que ela está se deixando levar. Honestamente, quando fui procurá-la, eu apenas presumi que ela estava usando drogas e foi por isso que ela desistiu de nós. Nunca imaginei que ela fez isso para nos proteger.

— Eu nunca pensei isso, - Jessica compartilha meus pensamentos.

— Eu também nunca pensei isso. Quando fui vê-la, fui apenas para satisfazer minha curiosidade sobre ela. Acho que é pior do que podemos imaginar, o olhar em seus olhos, ela está quase perdida, Jessica. Tenho pesadelos com isso. Ela está apavorada, e eu não acho que ela já teve a chance de ter uma saída. Ela estava com um olho roxo quando fui vê-la.

Jessica esfrega o peito. Eu sei que isso a está incomodando. Mãe ou não, é o pensamento de alguém sendo abusado assim que é mais do que suficiente para eu suportar. Está enraizado em mim proteger e quero protegê-la e tirá-la de lá.

Chase estende a mão e pega a dela, ele ficou olhando pela janela chateado ouvindo. — Vamos buscá-la, - ele exige e sinto vontade de rolar para fora do assento em alívio.

— Vamos, - eu concordo. Estou mais do que pronta para ir agora.

Alguns dias depois

Estamos sentados na frente da casa muito decadente em que nossa mãe vive. Agora, estou ansiosa para apenas correr para dentro e literalmente carregá-la para fora de lá. Chase está esfregando as costas de Jessica tentando acalmá-la. Encontrei com minha mãe uma vez, mas isso é enorme para Jessica. Esta é a primeira vez para ela.

Os últimos dias aqui foram um turbilhão. Eu tive que conhecer meu sobrinho, conhecer praticamente toda a família de Chase e o Devil Souls MC. O Clube então me contratou para um trabalho de hacker.

Literalmente do outro lado da rua, assistimos a um negócio de drogas. Eles nem se incomodam em esconder isso de nós e continuam com seu dia.

Jessica abre minha porta e eu tiro meus olhos dos traficantes de drogas enquanto ela pega minha mão e caminhamos até a casa dela. Os outros que vieram conosco, amigos de Chase, vão ficar no SUV caso precisemos de reforços.

Jessica solta um suspiro profundo e bate na porta. Ela dá um passo para trás e esperamos atentas para ver se ouvimos algum passo atrás da porta.

Alguns segundos depois, que parece uma eternidade, ouvimos alguém caminhando em direção à porta. Jessica aperta a minha

mão, segurando tão forte como se fosse à única coisa que a prendesse.

A porta se abre e seguro minha reação ao vê-la depois de um ano. Sua boca se abre quando ela me vê e depois Jessica. Ela cobre a boca. — Jessica? - ela pergunta.

Seu corpo inteiro está tremendo e vejo o quão frágil ela realmente é através das roupas largas. Ou ela não está comendo direito, ou a situação é pior do que eu imaginava.

— Sou eu. - Jessica engole. — Podemos falar com você? - ela pergunta.

Bell olha ao redor do quintal, finalmente acena com a cabeça e se afasta da porta, segurando-a aberta para nós.

O ar fresco da casa me faz estremecer, está quase tão frio quanto lá fora.

Ela se levanta e nos encara como se não acreditasse que estamos aqui na frente dela. — Podemos nos sentar? - Jessica pergunta.

Bell caminha até uma poltrona reclinável e se senta. Sento-me no sofá do lado oposto dela e Jessica está do outro.

Jessica empurra o cabelo atrás das orelhas. — Eu honestamente não sei por onde começar. River me encontrou e me contou sobre sua situação.

Seus olhos se arregalam e ela olha para mim, agarra um cobertor puído das costas de sua cadeira, puxando-o sobre o colo. A mão que fixa o cobertor está tremendo. — Me matou desistir de vocês garotas, mas eu não queria que vocês tivessem uma vida

ruim. Eu não poderia dar uma boa porque estava presa nesta vida e fui forçada a este casamento quando tinha apenas quinze anos. Prefiro morrer a deixar vocês duas sofrerem o mesmo destino.

Jessica parece que uma pena poderia empurrá-la. — Quinze? Como isso é legal?

Ela encolhe os ombros. — Eu não sou daqui originalmente. Eu sou de Kentucky e era legal lá quando eu era criança com a assinatura dos meus pais. Meus pais eram pobres e escolheram alguém para mim. Ele tinha quase trinta anos e eu tinha acabado de fazer quinze quando subi no altar.

Ela não consegue nem olhar para nós. Posso dizer que ela está perdida em seus pensamentos. — Tem sido nada menos que um inferno aqui. Eu não poderia trazer minhas filhas para este mundo. Lamento ter desistido de vocês, mas fiz isso para protegê-las da única maneira que sabia. Eu não posso nem me proteger... - Uma lágrima cai por seu rosto enquanto ela se recompõe para continuar. — Dele.

Meu coração se despedaça com a maneira como ela diz *dele*. — Eu tive você quando tinha quinze anos Jessica e quase morri porque era muito jovem, pequena e abaixo do peso. Foi difícil, mas eu tive você.

A dor de sua vida continua piorando, fazendo cortes cada vez mais profundos em meu coração. Ela olha para mim. — Eu tive você alguns anos depois, minha doce River. - Eu sorrio com suas palavras gentis.

Jessica olha para mim interrogativamente. Eu concordo. Ela se inclina para mais perto dela. — Se você tivesse a chance de sair, você iria?

Ela assente sem hesitar. — Eu quero sair daqui. Tentei sair, mas ele me encontrou, e fiquei no hospital por semanas por causa do quão ruim foi o castigo. Eu simplesmente não tinha para onde ir. Sem dinheiro, família, nada.

— Você tem uma família, é por isso que estamos aqui para pegá-la. - Eu digo a ela, aproximando-me querendo envolvê-la.

Ela parece completamente chocada por nós sequer pensarmos nisso. — Mas por que vocês iriam querer, depois de tudo que eu fiz? - ela sussurra.

Jessica sorri para ela e eu pego sua mão. — Você fez isso para nos proteger. Você tinha quinze anos, um bebê. O que você fez foi tão corajoso e altruísta.

Lágrimas enchem meus olhos quando ela sente o poder das palavras de Jessica. Eu sei que elas são um bálsamo para uma pequena parte de seu coração fraturado.

— Ok, - ela concorda e ela explode em lágrimas. Ela solta a dor e o sofrimento que sentiu ao longo dos anos, deixando-o nesta casa e nunca mais sentindo.

Jessica a envolve em um abraço, segurando-a e eu choro junto com elas. Um braço é jogado em meu ombro e sorrio para Chase.

Minutos depois, ela se recompõe, sorrindo e é a coisa mais linda que eu já vi. — Quer arrumar suas coisas e sair daqui?

Ela se levanta da cadeira e caminha até os fundos da casa. Chase deixa seus amigos, Lani e Emily se juntarem a nós para ajudá-la a fazer as malas.

Nossos olhos vão para a cama onde as algemas estão na cabeceira da cama com sangue nelas. O pensamento do que aconteceu para causar isso me deixa pronta para rasgá-lo membro por membro.

Eu desvio o olhar e os outros também. A última coisa que eu quero para ela é se sentir envergonhada. Ela começa a puxar suas roupas dos cabides e as coloca na cama. Todos nós a ajudamos a colocar suas coisas na pequena mala que ela pegou de nós.

Eu olho o sangue na cama, tentando advertir meus olhos. — Desculpe, está tão frio aqui, - diz Bell, — ele não gosta do calor a menos que esteja em casa. - Ela diz isso como se fosse à coisa mais normal do mundo.

Seu rosto muda para um de determinação. — Você sabe o quê? Não importa agora, não é? - Ela pisa no termostato e liga o aquecimento e logo uma rajada de ar quente enche a sala.

— Isso mesmo, Bell, - diz Lani, dobrando uma de suas camisas. Eu olho para todos que Jessica tem em sua vida, todos são tão solidários e ótimos para ela.

O telefone de Jessica toca e eu volto minha atenção para Bell esperando por qualquer tipo de angústia dela, mas ela parece feliz e é como se o mundo tivesse sido tirado de seus ombros.

Estou maravilhada com ela, ela passou por tantos anos de inferno, e aposto que sua infância também foi fodida. Ela provavelmente nunca passou um dia em sua vida sem estar no inferno. Ela trocou uma versão do inferno por outra.

Isso é tão fodido.

Eu quero vê-la prosperar e dar um grande dedo do meio a essa merda de vida que ela sofreu e colocar aqueles que a machucaram em um sofrimento dez vezes pior.

Os olhos de Bell estão colados na tela observando Hunter através dela. — Você tem um bebê? - ela pergunta à Jessica assim que ela desliga.

Jessica sorri enfiando o telefone no bolso. — Você tem um neto.

Bell sorri pela primeira vez e mostra em todo o rosto, pura felicidade. — Isso me deixa muito feliz. - Ela fecha a bolsa e nós a pegamos dela.

— Pronta? - Eu pergunto a ela, colocando minha mão em seu antebraço.

Ela está tão exausta, posso ver isso escrito em cima dela. Não é apenas físico, posso ver isso com cada parte de seu ser. Não consigo imaginar os horrores que ela sofreu, e ela ainda está aqui, isso é um milagre.

Nós pegamos suas mãos e a levamos para fora da sala. Respiro fundo quanto mais nos aproximamos da porta da frente.

Entramos na sala e os caras estão encostados na parede esperando por nós. Bell está olhando para cada parte desta casa como se estivesse tentando memorizar cada pequeno detalhe.

— Ela está pronta para ir? - Chase pergunta, caminhando até nós.

Ela solta um suspiro profundo. — Estou mais do que pronta.
- Todos nos viramos para a porta prontos para sair e ela se abre, batendo na parede.

Todos os caras entram em ação se movendo na nossa frente. Eu estou na frente de Bell bloqueando sua visão completamente. Ele nem nos nota parados ali enquanto joga sua lancheira no chão. — Cadela, o que eu disse sobre ligar o aquecimento? - ele grita, batendo a porta. Ele olha para cima e finalmente nos vê todos ali.

Seus olhos vão para mim e depois para Jessica, que está espiando por trás de Chase. Mas eu estou aqui bem na frente dele e eu adoraria que ele tentasse chegar até ela através de mim.

— Que porra você fez, vadia? - ele rosna, seus olhos enlouquecendo olhando para frente e para trás entre Jessica e eu. — Essas são as duas filhas da puta que você desistiu? - Ele joga a mão na direção dela e eu posso senti-la se encolher de onde estamos nos tocando.

Ele reclama para si mesmo, gritando e berrando, completamente histérico. Ele se move em direção a todos nós de repente e Chase está lá em um segundo impedindo-o de chegar mais perto.

Jessica está sussurrando para Bell atrás de mim. — Está tudo bem, nós vamos protegê-la. Ele não pode te machucar mais, - ela sussurra repetidamente.

Eu espio ao redor e vejo que Bell está olhando para o marido, agarrando Jessica com tanta força. — Anjo, por que vocês não vão até o veículo? - Chase nos entrega as chaves e os caras nos cercam, levando-nos até a porta.

— Cadela!! Onde diabos você está indo? Volte aqui!! - ele grita a plenos pulmões e eu o sinto esbarrar em um dos caras, mas ele é empurrado de volta ao chão.

Nós a ajudamos a entrar no veículo e fechamos a porta. Ela olha pelo para-brisa.

Nós não falamos. O que podemos dizer?

Eu olho para a casa esperando os caras saírem e eles saem trinta minutos depois com o maior sorriso em seus rostos. Eu sorrio e desvio o olhar sabendo que alguém está sofrendo hoje e não é ela.

Eu a abraço sabendo que nunca será ela novamente.

Nunca.

CAPÍTULO 1

RIVER

UM ANO DEPOIS

— Quando você estará aqui? - Eu pergunto ao meu pai pelo FaceTime enquanto ele arruma todas as suas coisas. Faz um ano que ele não me vê todos os dias, pois ele disse que decidiu se mudar para o Texas.

Vasculho na minha mini geladeira pegando meu jantar da prateleira. Abro a embalagem e dou uma mordida na minha salada de frango.

— É melhor você estar comendo mais do que isso, menina. - Ele olha para minha tigela.

Eu reviro os olhos. — Por que você tem que ter uma opinião sobre tudo, pai? - Finjo estar brava e chuto minhas pernas para cima da mesa, suspirando para o teto.

— Porque sou seu pai e é meu trabalho torturá-la, - ele brinca, mas honestamente, ele está dizendo a verdade.

— Mal posso esperar até você conhecer todo mundo, especialmente o pequeno Hunter. - Sorrio ao pensar em meu pequeno sobrinho, ele completou um ano a alguns meses e é difícil de acreditar.

— Mal posso esperar para conhecê-lo também e sua irmã. Quero ver se ela é tão má quanto você. - Olho para a câmera em seu atrevimento. — Ei, tudo isso é culpa sua, você me fez mal.

Ele resmunga baixinho colocando uma caixa na traseira de sua caminhonete. — Porra, eu não sei disso.

Eu rio. — Bem, eu te amo, pai. Avise-me quando estiver a caminho.

Ele sorri ao telefone. — Com certeza, irei.

Antes que eu possa dizer adeus, um estrondo vem da porta da frente do meu escritório. Meu estômago se revira e posso ouvir meu pai perguntando que som era aquele.

Olho para o relógio no computador e ele marca dez horas quando outro som alto e penetrante ecoa pelo escritório.

Porra.

Alcanço a gaveta da minha mesa e pego minha pistola empurrando-a na frente do meu jeans assim que a porta é aberta.

Eu me inclino para trás em meu assento. — Bem, o que diabos temos aqui? - Eu pergunto.

Três caras estão na minha frente vestindo camisas brancas de manga comprida, abotoadas até o queixo. Seus cabelos estão penteados para o lado e eles estão pálidos como a porra de um fantasma com uma marca na pele.

É o culto do qual minha mãe foi resgatada.

Foda-se.

— Olha, você vem conosco ou podemos obrigá-la, - eles dizem com tanta confiança em pé na minha frente, três contra um.

Olho para a tela onde meu pai está gritando a plenos pulmões. Aperto o botão desligando não querendo que ele veja isso.

— Acho que quero da maneira mais difícil, rapazes. - Eu me levanto e jogo o pequeno abajur da mesa, acertando o da extrema direita no rosto. Sua mão volta e ele segura seu rosto.

Ele se vira para me encarar. — Do jeito difícil então, vadia.

Eu rio de ser chamada de vadia. Faço beicinho, — Este é realmente o único nome que vocês podem inventar? Cadela? Vadia? Blábláblá.

Eu sei que não é muito inteligente para mim instigá-los, mas não está em mim apenas rolar e ficar tipo, por favor, não me machuque, não.

Todos eles correm para mim ao mesmo tempo, decidindo que não vou ser fácil de pegar. Eu chuto o primeiro cara que chega até mim, acertando-o direto nas bolas. Tive um segundo de satisfação antes que os outros dois agarrassem meus braços, puxando-me para eles.

Jogo minha cabeça para trás e para frente dando uma cabeçada no rosto da minha direita. Ele grita e afrouxa seu aperto e eu balanço meu braço livre, acertando-o no rosto.

Puxo com toda a minha força tentando soltar meu outro braço, mas ele agarra com força. Eu sei que terei hematomas depois disso.

Bato minha bota na dele, pressionando cada vez mais forte até que ele grita de dor com minha bota esmagando seus dedos.

Ele me empurra para longe e agarro minha mesa me levantando, ignorando a dor lancinante do meu couro cabeludo onde estou sendo puxada de volta para eles.

Mãos agarram minha calça me levantando do chão e em um par de braços, envolvendo-me completamente para que eu não possa me mover.

— Amarre as malditas mãos e pernas dela! - ele grita me segurando. Eu chuto minhas pernas não tornando mais fácil para eles enquanto uma segura minhas pernas enquanto as amarram. Malditos amadores. Você não usa corda.

Sou jogada em minha mesa fazendo com que meu computador quase deslize para o chão, minha bunda no ar enquanto eles amarram meus braços atrás das costas.

Eles agarram meu cabelo me levantando da mesa, virando-me para encará-los. — Oh, como eu vou adorar rasgar essa bunda, você é nossa boceta e acho que você precisará lembrar-se disso em breve. - Sua mão acaricia meu rosto.

Eu me empurro não querendo o toque deles em mim enquanto ele sorri da minha tentativa de me afastar. Eu o olho bem nos olhos, quero olhar nos olhos do homem que vou fazer sofrer.

Sou carregada pela porta dos fundos e jogada no porta-malas de um carro velho e batido. Eles riem quando o porta-malas é fechado.

Estou envolta na escuridão e solto um suspiro profundo, desejando que minha mente não entre em pânico. Não sou boa em ficar presa em espaços pequenos.

Eu me viro de lado para tirar o peso das minhas mãos. Mexo meus pulsos para frente e para trás para ver se consigo afrouxar. Puxo com toda a minha força e mordo o lábio para não fazer nenhum som e alertá-los sobre o que estou fazendo.

A corda desliza para a maior parte da minha mão e puxo novamente, torcendo minha mão e movendo meus dedos para torná-la menor. Dou um puxão final e minha mão está livre.

Esfrego meu pulso e tiro a corda da minha outra mão. Levantando meus joelhos, eu me abaixo e desamarro a corda das minhas pernas.

Lembrando o rastreador na minha pulseira que meu pai me deu, eu aperto o botão SOS que envia minha localização direta. Não tenho certeza do que ele vai me fazer de bom, considerando que está a horas de distância, mas talvez ele possa entrar em contato com alguém próximo a mim.

Neste momento, estou agradecendo aos céus por ouvi-lo e não entrei em pânico nesta situação.

Uma hora se passa e posso ouvi-los conversando na frente do veículo, rindo e se divertindo como nunca.

Não entendo como isso pode acontecer. Como alguém pode tratar as mulheres como objetos apenas para cuidar delas.

Minha mãe sofreu muito por causa deles e por nossa causa, fomos feitas para estar nesta vida. Fomos prometidas aos homens,

mas ela não permitiu que isso acontecesse conosco. Ela fez isso por nós, ela sofreu por nós.

De repente, eles diminuem a velocidade e então sinto cascalho sob as rodas. Virando-me para que minhas costas fiquem encostadas no encosto do banco, levanto o pé e chuto as luzes de freio para poder ver o lado de fora e ter uma ideia do que está acontecendo.

Está completamente escuro como breu e mal consigo distinguir as formas leves das árvores e o cascalho abaixo do veículo.

Deito-me no porta-malas rezando para que meu pai e minha mãe não se culpem por isso. Eu posso aguentar muito, mas machucar alguém com quem me importo é mais do que posso suportar.

Eu sei de uma porra. Se vou cair, vou cair lutando *pra* caralho.

Nós paramos e finjo que as cordas ainda estão em minhas mãos. Posso ouvi-los conversando, rindo e fazendo piadas sobre mim neste porta-malas. Com quantas meninas isso aconteceu?

O porta-malas se abre de repente e me deparo com o filho da puta mais feio que já vi.

Ele é nojento, só de vê-lo olhando para mim me dá vontade de vomitar. Ele abre a boca para começar a dizer algo para mim quando chuto minha perna, acertando-o direto no rosto.

Pulo para fora do porta-malas, caminhando direto para o filho da puta feio e chuto-o o mais forte que posso nas bolas. Um rosto desses não merece ser reproduzido.

— Sequestre-me de novo, otário! - Eu rosno, pronta para acabar com seu sistema reprodutivo quando sou socada com força na lateral do meu rosto.

Tropeço para o lado completamente atordoada pelo que acabou de acontecer. Ele me bateu forte. Eles me levantam do chão e me levam para uma casa de madeira antiga.

Dentro da casa não há nada além de uma cadeira bem no meio da sala e um colchão velho e imundo de lado contra a parede sob a janela que é gradeada com metal para que você não possa sair.

Bem, isso não é adorável.

Eles me colocam na cadeira e eu fico de pé, empurrando-os para trás. Ambos me atacam, um me atinge com tanta força que caio para trás, batendo a cabeça com força na cadeira.

Tudo ao meu redor está embaçado. Eles aproveitam meu momento de confusão me amarrando na cadeira. A dor da minha cabeça é tão avassaladora que posso senti-la pulsando em meu crânio.

Movo meus pés de volta para a cadeira de uma forma que meu pai me ensinou se eu, alguma vez, entrasse nessa situação para que pudesse me soltar.

Eles terminam seus nós de merda, olhando para mim, orgulhosos de si mesmos. Eu sei que uma coisa que eles têm é merda nos cérebros. Aposto que são todos primos da porra do papai.

Um homem sai dos fundos da casa, todo vestido de branco. Ele tem que ter pelo menos sessenta anos, se não mais velho. — O que você quer? - Eu pergunto a eles, olhando.

O homem de sessenta anos sorri para mim mostrando seus dentes amarelos. — Você está aqui para ser minha esposa.

CAPÍTULO 2

RIVER

Eu caí na gargalhada, totalmente curvada no estômago rindo, lágrimas rolando pelo meu rosto. — Prefiro arrancar meus olhos com uma colher a me casar com você. Você é um filho da puta nojento. Você nunca ouviu falar em escova de dentes? - Assobio para ele, amando a raiva piscando em seu rosto.

Seu sorriso cai e eu quero suspirar de alívio por não ver mais aqueles dentes desagradáveis. — Mal posso esperar bater esse fogo fora de você, puta. - Ele divide a distância entre nós, agarrando meu rosto com a mão com força, suas unhas desagradáveis cravam na minha pele.

Meus olhos nunca deixam os dele, quero marcar seu rosto em minha mente. Mal posso esperar para vê-lo morrer por ousar me tocar. Seus olhos estão sem vida enquanto os meus mostram as promessas do que vou fazer com ele.

Seu aperto força em mim. Sorrio através da dor na minha mandíbula, não me importando que ele vá me machucar. — Só sei que todo mundo vai dormir em algum momento. - Eu pisco.

Ele solta meu rosto com força, fazendo minha cabeça cair para trás. Ele se afasta de mim, me encarando. Os outros estão olhando para ele e não para mim.

Aproveito esse momento para torcer os pulsos e libertar as mãos das cordas. Eles fizeram um trabalho ainda pior desta vez.

Ele está tendo literalmente um maldito ataque, falando sobre como eu sou o diabo em carne e osso. Minhas cordas atingem o chão e eu alcanço dentro da minha calça puxando minha arma. Em segundos, estou apontando para o fodido gordo que disse que ia se casar comigo.

Ele tropeça contra a parede em choque enquanto os outros três que o seguem me encaram incrédulos.

Eu rio de seus rostos. — Deus, vocês são todos um bando de filhos da puta inúteis. - Eu solto minhas pernas facilmente e então a corda que está espalhada na minha barriga para me manter no meu lugar.

Suspiro dramaticamente. — Eu não sei por que, vocês, filhos da puta, pensam que são Deus. Vocês adoram bater em mulheres porque seus paus são tão pequenos. - Eu franzo a testa olhando para seu pequeno pacote através de suas calças. — Merda, eu tenho uma boceta e um pau maior que você. Isso deve ser difícil, oh espere, - eu zombo dele antes de cair na gargalhada da minha piadinha.

Ele suspira por eu ser vulgar. — Você não vai falar comigo desse jeito! — ele brada.

Eu reviro os olhos. — Você não vai falar comigo desse jeito, - zombo dele novamente, jogando meu cabelo sobre meu ombro e me levantando. — Por que você não se senta, porra? - Eu aceno para a cadeira.

Ele não se move por um segundo, então tomo a iniciativa e atiro em seu pé, cortando seu dedinho do pé.

Ele grita e tropeça na cadeira, que range sob seu peso e quase tenho medo de que ele caia no chão.

A porta é aberta e eu pulo não esperando por isso. Entra pela porta o homem mais bonito que já vi. Meus olhos vão para o seu corte, que diz Grim Sinners Rebels e eu me movo para o nome, GAGE PRESIDENT.

Ah, merda.

Ele olha ao redor da sala e sorri para a cena diante dele. — Parece que alguém começou a festa sem mim.

Ele caminha até mim e tudo que posso fazer é olhar para ele, perplexa. Eu mal chego ao centro de seu peito. Ele é enorme e eu mencionei bonito? — River? Eu sou o irmão de Maverick, Gage, - ele afirma.

Eu sorrio sabendo que alguém enviou ajuda para mim. — Esta sou eu. Parece que fui sequestrada. - Enrugo meu nariz.

Ele joga a cabeça para trás e ri suas veias saltando de sua garganta. — Que pena, querida. Eu vim aqui para te resgatar. Parece que preciso resgatar esses filhos da puta em vez disso.

Eu rio junto com ele, o que é um sinal claro de que nós dois estamos fodidos da cabeça. — Nah, eles queriam, e cito, 'bater esse fogo fora de você, puta '.

Seu sorriso cai e fogo enche seus olhos, ele dá um sorriso maligno. — Oh, eles queriam? Parece que a diversão está apenas começando.

Gage se vira para os quatro caras na sala. Ele vê a corda no chão de onde eles me amarraram. Eu me inclino contra a parede apreciando a cena dos quatro se contorcendo de nervosismo.

Minha frequência cardíaca está diminuindo, e posso sentir meu corpo tremendo com a adrenalina do que está acontecendo. Meu rosto está latejando de ser atingido e jogado ao redor como uma boneca de pano.

Ouçõ um grito alto e, em seguida, todos os quatro, incluindo o velho que disse que era meu noivo, começam a correr em nossa direção.

Gage saca sua arma e atira em seus pés fazendo com que eles parem em suas trilhas, aterrorizados ao vê-lo segurando sua arma. — Ouçam, filhos da puta, vocês não estão no controle aqui. - Ele olha para mim, gira o dedo como se quisesse que eu me virasse.

Eu balanço minha cabeça não.

Ele encolhe os ombros e eu estremeço com cada som da arma disparando. Eles caem no chão gritando, segurando suas pernas. — Você atirou em nós! - um dos homens que veio ao meu escritório grita com Gage.

— Bem, então não seja uma vadia e ataque uma mulher, - Gage rosna de volta para ele.

Ele pega a corda que foi usada em mim e os amarra, mas coloca o filho da puta gordo na cadeira. Ele me encara. — Você vai pagar por isso, idiota. Você é um maldito demônio, você não vai se safar disso, - ele sibila, empurrando em sua cadeira tentando fugir, o sangue escorrendo por suas pernas em suas calças brancas.

Ele sacode a cadeira, fazendo as pernas saírem um pouco do chão. — É melhor você ter cuidado ou você vai quebrar a cadeira e uma das pernas vai enfiar na sua bunda, - eu aponto, apreciando os papéis sendo invertidos agora.

— Você deveria ser minha esposa, você teria sido a chefe da minha família, minha última esposa! Mas não, você é uma puta² demônio que não pode ser salva, o inferno é bom demais para você.

Eu vejo vermelho quando ele me chama de puta.

Me chame do que diabos você quiser, mas um nome que não vou tolerar de jeito nenhum é puta.

Eu nem me lembro de me mover até estar bem na frente dele, segurando seu rosto gordo com força. — Você quer repetir isso para mim? - Eu pergunto em uma voz morta de qualquer emoção, estou tão furiosa.

— Por favor, não o machuque, ele não sabe o que está dizendo, senhorita. - Um dos caras no chão está implorando por sua vida.

Olho para ele. — Quem é ele para você? - Eu pergunto.

— Ele é o nosso ancião. Ele é o discípulo que está aqui para nos salvar dos pecadores, nós fomos enviados para salvá-la.

Eu rio. — Não entendo. Salvar-me de quê? Uma vida de felicidade? Eu com certeza não quero ir para uma onde seria tratada como uma escrava, onde eu estaria acostumada a apenas cuidar desse porco nojento e ter filhos. Prefiro morrer. - Isso é

² Ele usa o termo “cunt”, que seria uma palavra muito vulgar p/ se xingar uma mulher. Significa puta, vadia. Mas de uma forma vulgar, ofensiva.

doentio, apenas a sensação de seus olhos em mim é o suficiente para me fazer querer vomitar.

Ele ataca tentando morder minha mão que está em seu rosto. Gage me puxa para trás e lhe dá um soco forte na boca, seus olhos rolam para trás com o golpe. — Seja a porra de um cavalheiro! - Gage diz a ele, seus olhos escuros.

Sorrio com a reação dele. — Obrigada.

Ele sorri para mim ligeiramente, ficando para trás. Chego até ele e tiro a faca do bolso em seu quadril.

— Qual é o seu nome? - Eu pergunto.

Ele me mostra seus dentes desagradáveis. — Eu sou o que você quiser que eu seja baby. - Ele balança a língua para mim e olha para seu pau. — Por que você não me desamarra e posso te mostrar como seu futuro marido deve tratar sua esposa.

Comecei a rir e olhei para Gage como se esse cara estivesse falando sério. Gage não me reconhece olhando para ele. Não, seus olhos estão nele.

— Vamos baby, sente-se no meu colo. Deixe-me mostrar-lhe um homem de verdade, - ele continua a me provocar.

Gage pega a faca da minha mão, levantando-a acima de sua cabeça e abaixa em sua coxa, perto de seu pau.

— Oh merda, - eu sussurro.

— Você é uma porra de uma puta! Eu vou matar vocês dois por isso, - ele grita a plenos pulmões. — Você esfaqueou meu pau!

— Oh merda, eu fiz? Achei que tinha errado. Isso é melhor do que eu pensava. - Gage ri.

— Agora é minha vez. Eu avisei você sobre me chamar de puta. Eu me abaixo e puxo a faca para fora de sua coxa, sangue espirrando da ferida.

Agarro sua camisa branca imaculada que todas as suas dez esposas provavelmente se mataram de trabalhar. Pego a faca ensanguentada arrastando-a pelos botões e abro a camisa expondo seu peito e barriga.

— Bem, isso não é patético. Como você fode alguém com uma barriga dessas? - Eu o cutuco na barriga com a faca.

Ele tenta chupar a barriga para se afastar de mim e Gage ri. — Sabe, eu gosto de você *pra* caralho. - Ele se recosta na parede com os braços cruzados sobre o peito para poder me observar.

Os homens no chão estão chorando, implorando-me para poupá-lo, de joelhos como se fosse um Deus.

Eu pisco para Gage e pego a ponta da faca pressionando-a contra seu peito. — Já que você gosta tanto de dizer a palavra puta, como você se sente sobre ela ser esculpida em você? - Gemo baixinho, ignorando seus gritos enquanto me certifico de cavar mais fundo em algumas áreas.

A porta se abre novamente quando termino com a última letra. Eu me viro e vejo Maverick correndo pela porta.

Gage dá um tapa no ombro de Maverick. Eu posso ver a semelhança entre os dois. — Porra, irmão, você agiu como se a merda fosse terrível. Eu vim aqui e ela tinha atirado no dedo do pé dele.

Maverick olha para o chão e parece que está a um segundo de explodir.

Coloco a faca no balcão. — Esqueci de mencionar que meu pai adotivo era um SEAL da Marinha maluco que é meio obcecado com coisas assim acontecendo? - Ajeito minha camisa notando que está puxada para cima onde eles estavam me puxando.

Maverick está apenas olhando para mim como se eu tivesse enlouquecido. E talvez eu tenha. Talvez seja o choque de tudo o que aconteceu.

Começo a ficar meio estranha por ele estar me encarando assim. Viro-me para Gage. — Eu tenho sangue no meu rosto? - Pergunto-lhe.

Ele sorri para mim, mostrando uma covinha na bochecha direita. — Porra, eu gostaria que você tivesse isso. Isso a deixaria mais bonita.

Oh meu Deus. Olho para ele chocada antes de um sorriso lento deslizar sobre o meu rosto.

Maverick rosna para Gage: — Que porra é essa?

Então faço a única coisa sensata a fazer. Eu olho Gage fixo nos olhos. Limpo o sangue que está se acumulando de um corte no meu braço e levanto meu dedo esfregando-o ao longo da minha bochecha, manchando com meu sangue.

Gage se vira completamente depois de me observar. — Vou ficar com ela, - ele afirma para Maverick.

Ele se inclina e me pega do chão me jogando por cima do ombro. Eu olho para o chão chocada que isso está acontecendo.

Ele me carrega até que esteja no caminho de terra fora da cabana. Todos estão virados para nos observar. Posso ver Smiley e alguns outros se aproximando de mim como se estivessem preparados para me arrancar dele.

Eu rio vendo o choque de todos. Maverick parece que esta em puro pânico. — Gage, abaixe-a antes que eu coloque uma bala em você, - Maverick ameaça.

Gage se vira para olhar para Maverick e me move até que ele esteja me carregando no estilo de noiva. — Estou bem, Maverick, - eu o tranquilizo para que ele não surte e atire em alguém.

— Irmão, você me conhece, - Gage diz a ele e com isso eu o vejo fisicamente relaxar.

Maverick é a melhor coisa que já aconteceu com minha mãe, ele se infiltrou na vida dela e eu nunca a vi mais feliz. Isso é tudo que eu sempre quis para ela.

Maverick esfrega a mão no rosto. Eu sei que ele está rasgado. — Bell, - diz ele simplesmente. Devo tomar uma decisão e é provavelmente a coisa mais insana que já fiz na minha vida e vou fazer.

— Eu amo minha mãe, mais do que a vida Maverick, mas tenho que viver minha vida. - Eu rio olhando para Gage. — Acho que desta vez aceito ser sequestrada.

Gage ri comigo, virando-se e deixando todos para trás. Ele para em uma motocicleta e me coloca suavemente na parte de trás dela. Ele tira sua jaqueta de couro e puxa meus braços para eu vestir.

Seu rosto é gentil enquanto ele me fecha em sua jaqueta de couro. Puxa meu cabelo da parte de trás e coloca um capacete na minha cabeça. Eu sorrio. Isso é insano, mas isso literalmente é tão doce.

Ele se vira e acena para todos com os dedos, em seguida, fica na minha frente. Ele chega atrás dele e pega minhas mãos plantando-as no centro de seu peito, puxando seu colete sobre meus dedos e eu sei que ele fez isso para que eles não ficassem frios.

Olho para Maverick e os caras que ainda estão me observando. Aceno uma última vez e então ele desce a trilha.

CAPÍTULO 3

RIVER

Fico grata pela jaqueta de couro quanto mais andamos no meio do nada. Logo uma cidade começa a aparecer e a dor do meu corpo está começando a afundar.

Meu rosto é o que mais dói, ser golpeada por um homem adulto não é muito divertido. Paramos em um sinal vermelho, ele coloca a mão no meu joelho e me move para que eu fique mais perto dele. Eu suspiro com o calor de suas costas.

Espio por trás de seu ombro e seu rosto está sério, olhando para o tráfego ao nosso redor, não há ninguém na cidade. Percebo que esta cidade é muito mais descontraída e campestre do que a outra cidade dos Grim Sinners.

O semáforo fica verde e dez minutos depois estamos parando em frente a um enorme portão. Gage acena para o prospecto no pequeno prédio dentro do portão, as portas se abrem e nós entramos.

Suponho que estamos parando em frente à casa do clube, mas ele continua dirigindo pelo caminho passando por algumas casas enormes. Então no final da trilha fica uma linda casa de toras com enormes janelas na frente que mostram o brilho dourado de tudo na sala.

É lindo.

Ele entra na garagem e as portas se fecham atrás de nós.

De repente me ocorre o que estou fazendo, estamos aqui sozinhos no silêncio e na garagem escura.

Começo a entrar em pânico um pouco. O que eu acabei de fazer?

Eu não o conheço. Fui sequestrada mais cedo e agora estou na casa do homem mais bonito e sim, a merda é confusa.

Mas fiz a escolha de estar aqui e não quero mudar isso.

Ele desce da moto primeiro e depois pega minha mão me ajudando a descer. — Obrigada. - Ele não solta minha mão enquanto me leva até um pequeno lance de escadas e em um vestibulo, em seguida, pela cozinha.

A luz me cega um pouco por um segundo. — Porra, esqueci do seu rosto. Deixe-me chamar nosso médico para vir. - Eu puxo uma banqueta e me sento, exausta e cambaleando sobre o que aconteceu.

Aquele homem disse que eu era a noiva dele. Quem no mundo criou isso ou mesmo sabia quem eu era para fazer isso? Eu nunca fui criada naquela vida para alguém decidir por mim assim.

Deixa-me doente que eu deveria ser sua última esposa, como o quê? Como esses homens conseguiram tanto poder sobre mulheres assim?

Meu coração dói por aquelas que estão presas nessa vida. Eu sei que Etta fez de sua missão tirar aqueles que querem sair. Talvez seja isso que eu preciso fazer?

Observo Gage falando no telefone. Tiro sua jaqueta de couro que me engole, pendurando-a sobre a cadeira ao meu lado.

Toco meu rosto e posso sentir o inchaço na minha bochecha. Meus braços estão doloridos de ser amarrada tantas vezes e eu sendo carregada e jogada ao redor.

Não noto Gage desligar o telefone até sentir seu dedo sob meu queixo, levantando minha cabeça para ele ver.

Ele está segurando uma toalha na mão. — Posso? - Ele aponta a toalha para o meu rosto.

Eu aceno ligeiramente.

Ele tira meu cabelo da minha bochecha e gentilmente arrasta o pano onde eu espalhei o sangue antes até o pequeno corte no meu lábio. — Aí. - Ele estuda o inchaço na minha bochecha.

— Eu deveria ter matado eles, - ele rosna, colocando o pano sobre a mesa. Posso ouvir alguém próximo à janela e vejo uma caminhonete. — Ele mora na casa ao lado, - Gage afirma quando vê minha confusão.

— Ahh, - murmuro, observando Gage caminhar até a porta da frente para deixá-lo entrar.

Um homem muito grande e tatuado entra na casa. Olho para seu corte, onde se lê VP. — O que está acontecendo, irmão? - ele pergunta a Gage quando me vê sentada aqui.

Envolvo meus braços ao redor do meu corpo me sentindo realmente exposta, pois não conheço nenhum dos dois.

Ele caminha até mim e coloca a bolsa no topo do bar na minha frente. — Ei docinho, vejo que alguém machucou seu rosto bonito, hein? - ele diz com uma voz calma.

Sorrio me sentindo um pouco melhor. Gage vem ao seu lado e se move para ficar diretamente atrás de mim como se fosse meu guarda.

— Sim, parece que isso acontece quando um culto fodido sequestra você e tenta fazer você se casar com o avô de alguém, - eu brinco.

Eles não acham tão engraçado, não fazem barulho, apenas se olham por cima da minha cabeça.

— Você pode me dizer onde está machucada? - ele pergunta, abrindo sua bolsa e tirando um pouco de antisséptico e pomada para feridas. — Honestamente, meu rosto dói mais e meus pulsos estão bem machucados. - Levanto meu pulso e mostro a ele como estão ensanguentados.

Gage sibila e agarra meu antebraço. — Porra.

— A propósito, meu nome é Knight. - Ele pisca para mim e eu rio de seu flerte. Fecho os olhos tentando ignorar o ardor no meu rosto. — Espero que os outros filhos da puta pareçam piores.

Abro meus olhos. — Oh, acredite em mim, eles ficaram, certo Gage? - Eu quero que ele participe da conversa.

— Vamos apenas dizer que está faltando um dedo do pé e um monte de carne agora.

Knight ri e eu me junto a ele, o humor é necessário agora. Eu realmente espero que eles não tentem vir atrás de Jessica ou minha mãe novamente. Minha mãe está tão feliz agora e não quero que ela sofra mais nada.

— Meus tornozelos estão meio machucados também. Fui levantada pelos meus pés. - Levanto meu pé no meu assento para mostrar a ele. Eles parecem quase tão piores quanto meus pulsos. — Malditos bastardos, - Knight resmunga e fica ocupado me limpando e enfaixando.

Já passam das duas horas da manhã quando ele termina. — Vou deixar você dormir um pouco, - ele me diz. Acena para Gage e sai pela porta, deixando-nos sozinhos mais uma vez.

— Deixe-me encontrar algo para você vestir. - Ele pega minha mão e me leva pela casa até chegarmos a um enorme quarto principal. Ele entra no closet e volta com uma camiseta e um par de boxers. — Aqui está.

— Descanse um pouco, ok? - Ele puxa uma mecha do meu cabelo que está pendurada na minha frente.

— Acho que estarei morta assim que minha cabeça bater no travesseiro. - Eu bocejo e esfrego meus olhos. Seu rosto fica suave olhando para mim. — Boa noite.

— Boa noite, Gage.

Ele fecha a porta atrás dele me deixando sozinha em seu quarto. Mudo minhas roupas para as dele, seu cheiro me envolve. Deus, ele cheira muito bem.

Eu puxo os cobertores e coloco o rosto no travesseiro.

GAGE

Uma hora se passa e não posso esperar mais. Abro a porta do meu quarto e espio dentro para vê-la no centro da minha cama abraçando meu travesseiro.

Tento não ser um covarde e admitir o que a visão dela abraçando meu travesseiro faz comigo.

Entro no meu closet e pego um cobertor, travesseiro e alguns moletons e me troco lá mesmo.

Jogo o cobertor no pé da cama e me deito. Nada está acontecendo na propriedade do MC, mas alguém a queria o suficiente para sequestrá-la e isso não é algo que vou esquecer.

Olho para ela mais uma vez antes de ir dormir, só para me certificar que ela está bem.

RIVER

Acordo com o som de um alarme estridente disparando. Eu suspiro sentada na cama segurando meu coração.

Gage já está na porta do quarto segurando uma arma. Ele está sem camisa olhando para o corredor como se estivesse procurando por alguém.

— O que está acontecendo? - Eu pergunto, tremendo por ter sido acordada tão de repente.

Ele coloca o dedo na boca fazendo sinal para eu ficar quieta. Meu coração está batendo tão forte que juro que posso senti-lo em meus ouvidos.

Deslizo para fora da cama envolvendo meus braços em volta da minha cintura. Há um frio no ar, um telefone toca e Gage desliza o celular até o ouvido que está no balcão perto dele.

— Como diabos ele entrou? Quem é esse filho da puta? - Gage ruge ao telefone. Ele joga o telefone no chão, levantando a arma na frente dele andando para o corredor.

Eles voltaram para me pegar?

Minhas mãos estão tremendo e eu as pressiono contra meus quadris tentando parar o tremor. Gage olha para mim e levanta a mão para eu pegar.

Corro para ele, pegando sua mão e ele me pressiona contra suas costas tentando me proteger com seu corpo.

Ouçó vidro se quebrando e estremeço com o som sabendo que eles estão lá dentro. Posso ouvir as motos arrancando a distância e sei que outras estão a caminho.

— Pare aí, filho da puta! - Gage ruge e me empurra suavemente para dentro de um dos quartos de hóspedes antes que eu possa ver para quem ele está apontando a arma.

— Eu estou falando sério, - Gage rosna. — Vou colocar uma bala na porra da sua cabeça, mas primeiro quero saber por que você invadiu minha casa.

Está em silêncio. — Estou aqui pela minha filha. Você me entrega ela agora ou vou bombardear este lugar, porra. Diga-me onde ela está agora! - Ele ruge.

Comecei a rir sabendo quem invadiu sua casa. Gage me olha pelo canto do olho como se eu tivesse enlouquecido.

Saio de trás de Gage e balanço minha cabeça para a pessoa na minha frente. — Pai, você realmente tinha que invadir? - Então me ocorre que eu não liguei para ele e avisei que estava bem.

Meu pai parece que vai desmaiar olhando para mim. Vou até ele e o abraço. — Que porra aconteceu? Quem é esse filho da puta? - ele pergunta, olhando por cima do meu ombro para Gage.

— Fui sequestrada pelo culto de onde minha mãe era. Alguém no culto decidiu que eu deveria me casar com um velho. Gage aqui foi um dos que me resgatou ontem à noite, - explico o mais rápido que posso antes que Gage acabe sendo assassinado, mas agora que penso nisso, acho que Gage poderia fazer meu pai suar para vencer.

— Foda-se River, eu estava morrendo de medo. Você não me ligou. Eu pensei que esses filhos da puta tinham levado você, - ele rosna e coloca sua arma contra a parede, puxando-me para um abraço ainda mais apertado.

Gage abaixa sua arma sentindo que não há perigo. Eu peço desculpas a ele porque sei que meu pai estragou sua casa arrombando.

Ele sorri balançando a cabeça negativamente, eu sei que ele não está bravo com isso. — Eu senti sua falta, pai. Como você chegou aqui tão rápido? - pergunto a ele me afastando.

— Eu dirigi a porra da noite toda. - Ele me encara.

Eu recuo, chupando meus lábios na boca me sentindo realmente uma merda porque me esqueci de ligar para ele. — Sinto muito, quando cheguei aqui, e o médico veio me ver, eu praticamente desmaiei na cama, - ressalto.

Seus olhos se estreitam em mim enquanto ele dá um passo para trás ainda mais para me dar uma olhada completa. — Médico? - ele questiona.

Eu levanto meus pulsos e empurro meu cabelo do meu rosto para que ele possa ver o que aconteceu. — Eu estava amarrada e eles me bateram quando tentei lutar contra eles, - digo a ele.

— Foda-se, olhe para seus tornozelos, - papai afirma, vendo onde a corda tinha queimado em mim.

— Honestamente, ela nem precisava de mim para resgatá-la, - Gage se gaba, deslizando uma camisa sobre a cabeça para meu desânimo.

Papai sorri. — Oh, sim? - Ele está olhando para mim.

Eu reviro os olhos, é claro que ele ficaria feliz com isso. — Eu entrei e ela estava com todos de joelhos, um está faltando um dedo do pé agora, - Gage diz ao meu pai com orgulho.

— Essa é a minha garota. - Ele esfrega minha cabeça e fecho meus olhos.

— Vamos, vamos fazer o café da manhã, - Gage diz ao meu pai e espero que ele passe por mim para descer. Mas não, ele pega minha mão me levando com ele e meu pai seguindo.

A porta da frente se abre e Knight junto com um monte de caras seguem atrás, suas armas prontas pensando que alguém invadiu. — Está tudo bem, é o pai da River.

Eles estudam Gage por um minuto como se estivessem se certificando de que ele está sendo sincero, e então lentamente saem da casa, olhando para todos nós o tempo todo.

Posso sentir os olhos do meu pai nas minhas costas e sei que ele está olhando para a mão que está segurando a minha. Eu, por outro lado, adoro a sensação de sua mão segurando a minha. Suas mãos são grandes, calejadas e enormes em comparação com as minhas.

Gage é lindo, as tatuagens espalhadas pelo corpo dele são magníficas.

Mas o que eu digo sobre isso? Eu literalmente deixei ele me carregar ontem à noite sem lutar. Caramba, Maverick tentou me fazer ir com ele, mas eu não queria isso.

Posso dizer que tive um colapso mental se tudo der errado.

Ele puxa uma banqueta para mim, segurando minha mão para me ajudar a levantar e meu pai se senta ao meu lado olhando entre mim e Gage.

Gage começa a preparar o café da manhã e eu apenas olho para o balcão tentando compreender tudo o que está acontecendo agora.

— Por que você está aqui? - Meu pai vai direto ao ponto.

Gage se vira e olha para ele, então para mim sorrindo. — Ontem à noite eu a vi, e eu sabia que ela deveria ser minha. - Ele dá de ombros e vira um pedaço de bacon.

Eu me engasgo com o ar, completamente chocada por ele dizer isso assim. Honestamente, esta é a coisa mais louca que já fiz na minha vida, fugir com ele ontem à noite, mas eu sabia que precisava.

— Que porra é essa, - meu pai resmunga, olhando para mim e depois para Gage.

Por que ele não está incendiando esta casa como todas as outras vezes que os caras mostraram interesse em mim? Ele ameaçou suas vidas, literalmente.

Eu escapuli para um encontro uma vez e ele entrou e apenas puxou uma cadeira e se sentou conosco. Lembro-me de perguntar a ele por que ele estava assim, tentando afastar todos os caras de mim.

Você é minha garotinha, se um homem não consegue lidar com a intimidação ou a pressão, então ele não merece você.

Depois disso, nunca mais o questionei sobre isso. Além disso, eles nunca me interessaram. Eu estava muito ocupada tentando encontrar minha mãe e minha irmã, os computadores praticamente tomaram conta de uma grande parte da minha vida.

Além disso, adolescentes são na maioria das vezes nojentos, então ele me fez um grande favor.

— Espere. O que? - Eu pergunto querendo que ele repita o que disse novamente. Eu seria uma mentirosa se dissesse que não me fez sentir bem ele dizendo isso.

Meu pai coloca a mão no meu braço. — Sim, o quê? - Ele repete minha pergunta arqueando uma sobrancelha.

Gage coloca a espátula no balcão, dando-nos toda a sua atenção, seus olhos em mim o tempo todo. — River, você é minha. Não me importo se te conheci há dez minutos ou dez anos atrás. Eu sei, porra - ele me diz, seu rosto completamente sério.

Eu tento parar o sorriso que desliza sobre meus lábios, amando que ele tenha me reivindicado assim. Eu sei que é completamente insano, mas eu amo insanidade aparentemente.

Eu me sento no meu lugar. — Bem, tudo bem então, - concordo, colocando meu cabelo atrás da minha orelha.

Gage pisca para mim e nós dois nos voltamos para meu pai, que está quieto. Mas de repente ele se levanta, pegando-me da cadeira em que estou sentada. — Nós vamos dar o fora daqui.

O sorriso de Gage cai. — Você vai soltar ela ou haverá consequências. Eu não me importo se você é o pai dela ou não, - ele rosna, pegando meus braços e gentilmente me puxando dos braços do meu pai, de volta para a banquetta.

Ele encara meu pai de frente, eles estão cara a cara. — Olha, eu entendi. Se eu tivesse uma filha, eu estaria pronto para foder alguém também. Mas ela é uma mulher adulta e se ela quer ficar aqui comigo, então a escolha é dela. Se você não respeitar essa merda, teremos problemas.

Eu olho em choque com as palavras de Gage para meu pai. Puta merda!

Minha boca se abre olhando entre os dois. Puta merda, eu repito novamente em meu cérebro.

O nariz de Gage se dilata, suas mãos se abrem e se fecham.

Prendo a respiração esperando meu pai dizer alguma coisa, fazer alguma coisa, mas ele suspira profundamente. — Se você a machucar, sua vida está perdida.

Espere o quê?

Eu arqueio minhas sobrancelhas em choque que ele cedeu. Meu pai se senta ao meu lado. — O bacon vai queimar, - ele aponta como se nada disso tivesse acontecido.

Gage coloca a mão nas minhas costas enquanto passa por mim até o fogão. — Eu vi sua tatuagem Navy SEAL. Você era um SEAL? - Papai pergunta a ele, acenando para uma tatuagem em seu pulso interno.

Gage acena. — Sim, eu era.

Papai sorri pela primeira vez. — Eu também era.

Eu estou alucinando? Acho que sim. — Então, o que diabos vamos fazer com essas pessoas que tentaram sequestrar River? Isso foi planejado, e eu quero a pessoa responsável, - meu pai diz.

Gage coloca um prato na minha frente. — Confie em mim, eles estão se arrependendo de pensar nela, meu irmão Maverick e seu MC estão lidando com isso. - Ele está sorrindo maldosamente, calafrios se espalhando pela minha espinha. O sorriso é suficiente para que nós dois saibamos que eles sofreram.

Meu pai o estuda por um momento e acena aceitando sua resposta.

Chupo meus lábios com sua admissão. Abaixo minha cabeça, dando uma mordida na minha comida, não querendo que ele veja minha reação ao que suas palavras significaram para mim.

Gage puxa a cadeira ao meu lado, sentando e me colocando bem no meio. Posso ver meu pai olhando cada pedacinho para Gage, que não está nem um pouco perturbado.

— Pai, você precisa de mim para ajudá-lo a levar suas coisas para sua casa? - Eu pergunto a ele, tentando quebrar o silêncio.

Dobro meu pulso tentando pegar meu garfo. Assobio ao mexer os machucados e os pulsos doloridos.

Gage pega minha mão. — Porra, me desculpe, eu não pensei. - Ele caminha até um armário e pega um grande kit de primeiros socorros, colocando-o no balcão na minha frente.

— Deixe-me ver. - Sua voz profunda e rouca causa arrepios na minha espinha. Eu levanto meu pulso para ele, eles estão realmente horríveis hoje.

Minha mente volta para como ele estava deitado no chão quando o alarme disparou. Eu o vi saltar do chão. Ele dormiu lá para cuidar de mim? O pensamento dele fazendo isso...

Ele queria ter certeza de que eu estava segura.

Ele pega um pouco de soro para limpar a ferida. Mordo meu lábio com a frieza repentina dele descendo pelo meu braço e ele gentilmente usa uma gaze para limpar o resíduo. Ele passa suavemente uma pomada antibiótica e recobre a ferida com um pano.

— Obrigada, Gage.

Ele me dá um olhar suave e, em seguida, puxa minha perna para cima do banco em que ele estava sentado. Ele tira o curativo que Knight colocou em mim ontem à noite, limpa a ferida e acrescenta a pomada, assim como fez com meus pulsos.

É muito íntimo o jeito que ele está cuidando de mim com tanta ternura, certificando-se de que não me machuque. É doce.

Coloco minha mão na mão dele, apertando, querendo que ele saiba que eu aprecio isso, por cuidar de mim.

— Menina, eu acho que vou me instalar na minha casa. - Eu me viro para olhar para o meu pai. — Você precisa descansar. Não quero deixar você com esse filho da puta, mas não acho que ele me deixaria te tirar desta casa sem lutar.

Gage fecha a bolsa. — Qualquer filho da puta que tentar tirá-la de mim está morto, ponto final. - Ele dá a meu pai um olhar desafiando-o a me levar.

Meu pai apenas ri e beija o topo da minha cabeça. — Isso foi o que eu pensei. É melhor você descansar. Estarei aqui para verificar você. - Ele olha por cima da minha cabeça para Gage. — É melhor você dizer aos filhos da puta no portão que eles precisam observar melhor as pessoas. Eu literalmente quase entrei e tive acesso total. - Ele aponta para ele e me abraça mais uma vez.

Eu observo enquanto ele sai pela porta, fechando-a atrás dele. Eu o vejo olhando pela porta para mim antes de ir embora.

— Bem, meu pai é um osso duro de roer, - brinco, tentando aliviar o clima.

Gage ri e pega meu prato vazio colocando-o na pia. — Eu gosto do seu pai, ele é protetor com você e estou feliz que você tenha isso.

Foi gentil da parte dele dizer isso.

— Eu nem sempre tive ele, - admito, deslizando para fora do banco e tentando não encolher meus tornozelos quando eu os dobro.

Sim, isso é uma merda e minha bochecha parece estar partida. Gage de repente diminui a distância entre nós, inclina-se e gentilmente desliza os braços atrás das minhas costas e pernas, levantando-me do chão.

Eu rio. — O que você está fazendo? - pergunto a ele, colocando meu braço em volta de seu pescoço. — Querida, posso ver que você está com dor e essa merda não está se encaixando bem comigo.

— Você sabe Gage, acho que você é um coração mole total. - Eu brinco e levanto minha mão batendo em seu peito.

— Ah, sim, - ele brinca de volta comigo.

Ele me coloca no sofá suavemente, puxando um cobertor em volta das minhas pernas e os braços caindo ao meu lado. A TV está no fundo enchendo a sala com um leve ruído.

— Então, você nem sempre o teve? - ele pergunta.

Eu concordo. — Eu estava em um orfanato quando tinha quatro anos. Estava em uma casa ruim e tive o suficiente, então fugi. Corri até que eu literalmente me deparei com ele, então ele me adotou e me criou.

— Bem, eu gosto um pouco mais do seu pai agora, - ele ri.

Acomodo minha cabeça na parte de trás do sofá descansando. — Deixe-me dar-lhe um analgésico. - Ele sai da sala e volta com um copo de água e um frasco de comprimidos.

Ele abre e me entrega um comprimido. — Aqui.

Pego a pílula e tomo com o copo de água, engolindo. Ele o coloca na mesa de centro na nossa frente e se senta ao meu lado. Eu mordo meu lábio inferior sem saber como reagir agora.

Sou ignorante quando se trata de caras e Gage não é apenas um cara normal. Não, ele é um HOMEM. Ele é sexy, perigoso. DEUS, ele é tão lindo.

Ele sorri para mim, percebendo minha inquietação. — Venha aqui, Sugar³. - Ele pega minha mão sob o cobertor, colocando-a na dele, entrelaçando nossos dedos.

Eu sorrio e inclino minha cabeça para o lado olhando para ele. Seus olhos são tão lindos, castanho chocolate profundo com os cílios mais escuros que eu estou totalmente com ciúmes.

Seu polegar esfrega suavemente o topo do meu. — Você tem mãos tão pequenas. - Ele vira a mão, abrindo-a. Ele mostra minha mão na dele mostrando o quão grande a sua é comparada à minha.

— Nem todo mundo pode ter mãos grandes como as suas, - brinco e movo meus dedos entrelaçando-os aos dele. Posso ver e sentir a força nele apenas com seu toque, a forma como seus braços flexionam com cada movimento.

Ele ri e seus olhos brilham.

³ Açúcar em inglês. Apelido que Gage põe na River. Seria como se ele a chamasse de “Querida”.

Mas agora, seus olhos estão olhando para mim com felicidade e eu sei, sem dúvida, que nunca experimentarei essa escuridão por mim mesma.

Ele vira minha mão estudando meus pulsos. — Eu vou pegar a porra das mãos deles por machucar você. - Ele levanta meu pulso coberto e enfaixado até seus lábios, beijando-o suavemente.

Eu não sei o que dizer, meu estômago está dando cambalhotas, meu coração está batendo tão forte apenas com aquele pequeno toque.

Fecho meus olhos e inclino minha cabeça descansando em seu ombro, incapaz de me ajudar. — Sonolenta? - ele me pergunta.

Eu concordo. — Exausta.

Ele chega ao meu redor e puxa o cobertor até o meu ombro me cobrindo. — Eu mencionei o quão incrível você fica com minhas roupas? - Ele pressiona sua cabeça contra a minha.

Eu suspiro. Isso é literalmente o paraíso na terra. — Obrigada, Gage.

Ele beija o topo da minha cabeça suavemente. — Durma, - ele diz naquela voz rouca e áspera dele.

Adormeço com a mão dele segurando a minha.

CAPÍTULO 4

RIVER

Desta vez acordo e não com o som de alguém invadindo a casa. Eu lentamente abro meus olhos e uma camisa branca é a primeira coisa que vejo seguida por um enorme braço tatuado em volta da minha cintura e sua mão grudada no meu pescoço, segurando-me.

Olho para o relógio embaixo da TV e ele marca uma hora da tarde. Eu bocejo e me aconchego mais fundo no calor.

O cobertor cai do meu ombro, eu paro e controlo minha respiração quando sinto Gage se mover atrás de mim.

Ele levanta a mão na minha cintura para o cobertor e gentilmente puxa de volta para o meu ombro me cobrindo. Eu sorrio com a doçura dele.

Sua mão desliza suavemente pelo meu braço sob o cobertor, até que entrelaça nossos dedos. Eu não posso lutar contra o desejo de fechar meu aperto sobre ele.

Os sentimentos que correm por mim agora são algo que eu nunca senti antes. Abro os olhos e viro a cabeça para o lado para olhar para ele.

Seus olhos estão sonolentos. Eu me viro em seus braços e descanso minha cabeça em seu peito respirando fundo. Deus, eu não quero sair daqui nunca mais.

Ele aperta os braços em volta de mim e inala profundamente.
— Eu poderia me acostumar com isso, - murmuro.

— Eu também, Baby. - Sua voz está mais áspera de seu sono. Ele descansa a cabeça em cima da minha. Nunca me senti mais segura na minha vida.

Meus olhos se abrem. — Oh merda, eu me pergunto se alguém cobriu a janela do meu escritório onde eles arrombaram.

Eu me sento e saio do sofá me arrependendo de deixar seu calor. — Preciso pegar meu telefone. - Olho para ele uma vez antes de seguir em frente, mordendo meu lábio quando o vejo espalhado, sem camisa, sua calça de moletom baixa em seus quadris, mostrando aquele V profundo, suas tatuagens brilhantes contra sua pele bronzeada.

Eu preciso sair daqui antes que morra de como ele está incrível. Suspiro e subo as escadas pegando meu telefone e vejo que há algumas mensagens de texto de pessoas certificando-se de que estou bem depois de tudo o que aconteceu.

— Você quer ir buscar suas roupas? - Gage pergunta de repente.

Eu me viro gritando, segurando meu peito, não esperando que ele estivesse atrás de mim. — Oh meu Deus! Você me assustou *pra* caramba. - Eu comecei a rir porque fui realmente dramática com aquele grito, não vou mentir.

Ele ri. — Desculpe, Sugar, mas eu queria ver se você queria pegar suas roupas?

Eu dou a ele um olhar confuso, sem ter certeza do que ele quis dizer. — Vai buscar minhas roupas? - eu questiono.

Ele me dá um sorriso presunçoso. — Sim, todas as suas roupas e o que você quiser trazer aqui com você.

Eu pisco, uma, duas, três vezes chocada. — Você está me mudando? - Eu brinco não pensando que ele está falando sério. Sento-me na beirada da cama e tiro meu cabelo do coque no topo da minha cabeça.

— Porra, é claro que estou. Então, você quer ir buscar sua merda ou não? — ele me pergunta novamente, sorrindo aquele sorriso.

Eu olho para ele como se fosse maluco. — Eu não vou morar com você, Gage.

Ele não diz uma palavra, apenas sorri presunçosamente.



Eu cedi e decidi que pegaria algumas roupas por um dia ou mais. Gage não disse uma palavra e apenas me colocou em sua caminhonete, literalmente me carregou e me prendeu.

Minha pequena casa aparece. Esta é a minha primeira casa que comprei por conta própria e adoro isso.

Gage mal para no estacionamento quando tento abrir minha porta. Ele estende a mão e a fecha com força. — Eu estou indo te pegar, mantenha sua bunda no banco.

Minha boca se abre em choque, e ele ri enquanto eu o vejo andar pela frente de sua caminhonete como se este fosse o melhor dia de sua vida.

Ele abre a porta e olho para ele. Ele coloca o dedo entre as minhas sobrancelhas. — Sugar, você é fofa quando está brava.

Balanço minha cabeça tentando lutar contra o sorriso enquanto ele coloca os braços em volta das minhas costas e sob minhas pernas me levantando para fora da caminhonete. — Seus pulsos e tornozelos estão bem? - ele me pergunta, olhando para eles.

Não consigo nem fingir estar brava com ele quando ele está sendo tão doce assim. — Eles estão bem, só um pouco doloridos, - eu admito. É o repuxar da pele quando me movo que faz doer, mas aceitarei de bom grado essas feridas do que deitar e sofrer o abuso.

Ele pega a chave de mim destrancando minha porta e a enfia no bolso. — Ei, - eu digo e ele ri. — Sente sua linda bunda aqui. - Ele aponta para o sofá, e eu apenas o encaro.

— River, - ele ri, — você sabe que quanto mais malvada você é para mim, mais eu amo certo? - Ele pisca, e eu deixo meu olhar falso ir embora.

— Tudo bem, - eu bufo.

— Boa menina.

Essas palavras ali quase me tiram do sério. Puta merda. Eu praticamente caio no sofá nesse momento. — Qual é o problema, Sugar? - Gage me pergunta. Ele coloca o dedo sob meu queixo, inclinando minha cabeça para trás, então estou olhando-o nos olhos.

Ele segura a parte inferior do meu queixo com os dedos, seu polegar pressionando contra meus lábios. — Você é tão linda, deveria ser um crime, - ele rosna, arrastando o polegar em meus lábios.

Minha boca se abre instintivamente e seu polegar desliza levemente dentro da minha boca, puxando meu lábio para baixo. Seus olhos estão escuros, seu rosto mostrando o quanto ele me quer.

— Eu poderia comer você viva, - ele rosna, caindo de joelhos diante de mim. Ele captura meus lábios com os dele. Eu suspiro de surpresa e agarro sua camisa, puxando-o para mais perto.

Suas mãos agarram meu rosto em suas mãos grandes e tatuadas. Deslizo para a beirada do sofá, até que estou encostada nele. Sua mão livre se move para o meio das minhas costas me puxando até que minhas pernas estejam em ambos os lados dele e eu estou nivelada contra ele.

Sua mão desliza para a parte de trás da minha cabeça. Sinto seus dedos cavando no meu cabelo, torcendo ao redor do meu elástico puxando-o para fora do meu cabelo até que ele esteja se espalhando ao meu redor.

Eu amo o jeito que suas mãos acariciam meu cabelo, esfregando meu couro cabeludo. Ele puxa meu lábio entre os

dentes, sua mão agarra meu cabelo gentilmente puxando minha cabeça para trás até que eu abra meus lábios e exponha meu pescoço.

Ele arrasta o nariz para o lado do meu pescoço, respirando fundo antes de pressionar um beijo.

Mordo meu lábio para não fazer barulho e controlar minha respiração, não querendo que ele saiba o quão completamente afetada eu estou por ele.

— Respire baby, - ele sussurra em meu ouvido.

Um segundo depois, há uma batida na porta, eu sento atordoada. Mencionei que este foi o meu primeiro beijo, da vida? É meio idiota para uma jovem de vinte anos não ter dado seu primeiro beijo antes.

Gage caminha até a porta e a abre. — Baby, por onde você quer que eles comecem? - ele me pergunta.

Esfrego meu rosto. — Hum? - Eu pergunto.

Ele ri. — Sugar, você quer que eles comecem no seu quarto?

— O que você está falando? - Eu pergunto a ele mais uma vez.

— Apenas embalem todas as roupas dela e suas merdas de mulher, - ele diz a alguns caras que estão entrando com caixas, e leio seus cortes que dizem: *'Prospect'*.

— O que está acontecendo? - Começo a me levantar, mas Gage está lá em uma fração de segundo, certificando-se de que eu me sente novamente. Ele chega atrás de mim e pega meu cobertor na parte de trás, cobrindo minhas pernas.

Ele se senta ao meu lado. — Você vai relaxar enquanto eles estão arrumando suas coisas para você.

— Espere, arrumando minhas coisas? Eu pensei que tinha dito a você que não ia me mudar, - digo a ele.

Ele ri e seus olhos brilham daquele jeito dele. — Querida, todos nós sabemos que você não quis dizer essa merda. Olhe nos meus olhos e me diga que você não gostou que eu te abraçasse mais cedo enquanto você dormia?

Chupo meus lábios sabendo que fui pega em flagrante porque eu amei isso, amei isso mais do que jamais poderia admitir para ele.

Suspiro alto e, dramaticamente, eu me inclino e coloco minha cabeça em seu ombro puxando o cobertor para cima. — Você está tentando me irritar, Gage?

Ele ri. — Querida, irritar é a última coisa que quero fazer com você.

Eu quase engulo minha língua com seu duplo sentido. — Você é atrevido.

Ele olha para mim. — Do que você está falando, Sugar? - ele questiona.

O prospecto sai do meu quarto e está segurando uma maldita calcinha na mão. — Você quer que nós embalemos isso também? - ele me pergunta com um sorriso malicioso no rosto quando começa a levantá-la em direção ao seu rosto.

Antes que eu possa responder, Gage está fora do sofá e o pressiona contra a parede em um segundo. — Que porra você

pensa que está fazendo, filho da puta? - ele ruge em seu rosto. — Desrespeitá-la é um jeito fácil de eu colocar uma bala na sua cabeça.

Ele o empurra com força no chão de joelhos na minha frente, agarrando a parte de trás de sua cabeça e puxando-a para trás, com força. — Você vai pedir perdão a ela, sua vida está nas mãos dela.

Ele o arrasta para mais perto de mim. — AGORA! - ele exige, praticamente quebrando o pescoço.

— Eu sinto muito, não sabia que ela era sua, Pres! - ele diz para Gage.

Estou em choque que isso está acontecendo na minha frente. A audácia de alguns malditos homens para fazer coisas assim, ele sabia exatamente o que estava fazendo.

Sento-me no sofá decidindo que vou foder um pouco com ele. — Eu não sei Gage, ele sabia que eu era *sua*. - Eu amo o jeito que seus olhos escurecem quando admito que seja dele.

— Diga-nos. Você sabia exatamente o que estava fazendo, não sabia? - pergunto a ele, olhando-o nos olhos, desafiando-o a mentir para mim.

Um dos prospectos sai do meu quarto, observando a cena. — Eu disse para você não fazer essa merda, filho da puta, apenas despeje as coisas dela na mala sem tocá-las, idiota. - Ele balança a cabeça para o homem no chão. — Lamento que ele a tenha desrespeitado assim, senhora. Meu nome é Jarret, - ele me diz, balançando a cabeça e voltando para o meu quarto.

Percebo que alguns outros estão por perto e assistindo, mas eles voltam ao trabalho. — Parece que você sabia filho da puta, - Gage rosna em seu ouvido. Ele enfia a mão no bolso de trás e tira uma faca e abre a lâmina.

Ele levanta o corte de seu corpo e arrasta a faca contra o couro, cortando-a de seu corpo e o joga na minha mesa de centro. — Peça desculpas ou vou colocar isso em seu crânio.

Ele vira o rosto ligeiramente para que possa olhar para mim. — Eu sinto muito, - ele me diz e Gage o deixa levar sua parte com ele. — Você tem até eu voltar para o clube para arrumar suas coisas ou vou acabar com você.

Ele se levanta e olha para o corte em estado de choque por ter sido cortado dele. Ele olha para mim uma vez com um mau-olhado enquanto sai pela porta.

Gage o observa sair, seus punhos abrindo e fechando repetidamente. — Eu deveria tê-lo matado, - ele diz para si mesmo e começa a caminhar até a porta da frente como se fosse detê-lo.

Eu o alcanço no último segundo e pego a mão dele, impedindo-o de seguir em frente. — Apenas deixe-o ir, - digo a ele suavemente.

Ele solta um suspiro profundo, seus olhos nas minhas janelas que apontam para a rua. Uma motocicleta liga e ele relaxa no segundo em que está fora de sua vista.

Ele se joga ao meu lado. — Espero que ele seja estúpido demais para arrumar suas coisas e ir embora. - Ele me dá um sorriso malicioso, mostrando seus dentes perfeitamente retos.

— Você é mau. - Eu rio e empurro meu cabelo sobre meu ombro que ele soltou do meu laço de cabelo.

— Não se esqueça Sugar, você disse que é minha. - Sua voz fica mais sombria quando ele diz a palavra *minha*.

Eu seria louca para admitir como amo o som dele me chamando de dele. — Talvez eu queira ouvir você dizer isso para mim, para me reivindicar. - Eu sei que estou brincando com fogo.

Eu amo o jeito que seus olhos mudam e seu corpo se move. Tento controlar minha respiração com ele tão perto, pois não quero que ele veja o quanto estou afetada por ele.

Sua mão toca meu rosto, antes de dar a volta e agarrar a parte de trás do meu pescoço. — No segundo em que entrei naquela cabana de merda, eu sabia que você era minha. River, você é minha, porra. - Ele coloca ênfase na palavra *minha*.

Eu tremo. — Sua.

Ele sorri, descansando sua testa contra a minha. — Minha.

Uma palavra tão simples, mas com tanto significado. Eu sorrio mordendo meu lábio adorando ouvir essa palavra *minha* rolar de seus lábios.

Ele tira a mão da minha nuca, enterrando os dedos no meu cabelo puxando-o para longe do meu rosto.

Ele não fala, apenas me observa como se estivesse tentando memorizar cada parte do meu rosto. Ele abaixa o rosto, pressionando o beijo mais doce e terno em meus lábios. — Minha, - seus lábios se movem contra os meus tão gentilmente enquanto sussurra a palavra.

Coloco minhas mãos em cada lado de seu rosto, esfregando meu polegar em sua bochecha. — Acho que sou toda sua, - admito.

Ele sorri, mostrando suas covinhas e eu as toco com o polegar. Ele é lindo, suas tatuagens rastejando ao longo de seu pescoço, até seus braços.

— Foda-se, sim, você é, - ele rosna e toma minha boca em um beijo poderoso, deixando-me saber exatamente o quanto ele pensa sobre eu ser dele.

Uma hora depois, os prospectos estão carregando todas as minhas roupas, e eu os observo carregar caixas e mais caixas para fora do meu quarto.

Entro no banheiro para tomar banho e me preparar para o dia antes de sair com Gage. — Baby, eles querem saber se você quer trazer esses computadores? - Gage pergunta pela porta.

— Sim, por favor, eu tenho que trabalhar amanhã. - Felizmente posso trabalhar de onde quiser, vou para o meu escritório como um motivador porque sou a rainha da procrastinação.

A água quente pica minhas feridas. Olho para meus pulsos machucados, minhas maçãs do rosto doendo com os golpes e posso ver meu rosto no vidro da porta do chuveiro. Eu toco o hematoma na minha bochecha e sob meu olho.

Estremeço e viro meu rosto para a ducha, esta é a primeira vez que tenho tempo sozinha para aceitar o que aconteceu comigo ontem.

Não importa o quão forte eu seja, não importa o quão durona ou que eu possa me proteger melhor do que a maioria das mulheres, mas o fato de eu ter sido sequestrada e ferida ontem afetaria qualquer um.

Eles me tiraram do meu escritório, meu lugar seguro onde passo meus dias, e me impressiona que algumas pessoas pensem que têm tanto poder sobre os outros.

Eu simplesmente não entendo como esses homens acham que são um presente de Deus para as mulheres, que podem abusar e usá-las como bem entenderem.

Coloco minha mão contra o azulejo, inclinando-me para baixo deixando a água escorrer pelas minhas costas e meu cabelo pingando em volta do meu rosto.

Não tenho certeza de quanto tempo fiquei ali, mas precisava disso para me recompor e decidir começar uma guerra com eles.

Sorrio para mim mesma no espelho depois de me vestir, é hora de se divertir um pouco.

CAPÍTULO 5

RIVER

ALGUMAS HORAS DEPOIS

Estou nervosa entrando na sede do clube pela primeira vez para enfrentar todos os membros.

Localizo Knight assim que entramos ao lado do bar. Ele acena com a cabeça para mim e eu me sinto um pouco melhor.

Gage está segurando minha mão, certificando-se de que eu fique ao seu lado. Ele está incrível, vestindo jeans que abraçam suas coxas, uma camiseta branca apertada nos bíceps e seu corte em cima.

Ele está literalmente caminhando pelo pecado.

Só espero que ele ainda se sinta atraído por mim quando descobrir que não sou uma mulher experiente como aquelas garotas encostadas na parede me encarando vestindo praticamente nada.

Percebo uma das garotas de cabelos loiros, provocante até os céus, vestindo uma camiseta branca com um sutiã vermelho por baixo tentando mostrar tudo o que ela tem.

Sou a favor das mulheres serem o que elas quiserem ser, mas elas estão olhando para mim como se eu tivesse acabado de pegar o último biscoito do pote.

— Irmãos, - Gage diz em voz alta chamando a atenção de todos. Eu forço meu aperto em sua mão sentindo todos os olhos em mim, mas posso sentir a ira das mulheres olhando para mim do fundo da sala.

Todos os caras se viram para olhar para nós e Gage me puxa para o lado dele para que todos possam me ver. — Tenho certeza de que vocês fodidos estão fofocando como velhinhas, mas eu quero apresentá-los a River. - Ele sorri para mim e depois se vira para os caras.

Eu aceno para todos, alguns dos caras sorriem para mim, os outros balançam a cabeça. — Ela é minha. Eu queria que todos aqui soubessem disso e ela deve ser respeitada acima de tudo, entenderam? - Ele encara os prospectos, eu sei que ele está falando com eles depois do que aconteceu na minha casa.

Sorrio para mim mesma ao ver como ele enlouqueceu com o pensamento de alguém me desrespeitando.

Todos os caras começam a bater no chão, fazendo com que garrafas de vidro caiam no chão e então todos eles levantam suas cervejas para mim, dando-me as boas-vindas.

Gage coloca o braço em volta de mim, puxando-me para o seu lado, beijando o topo da minha cabeça. Knight caminha até nós, entrega-me uma cerveja e eu tomo um longo gole.

Olhando ao redor da sala e vendo todos aqui, eu sei que eles não seguem as regras. Gage me leva até uma mesa e começo a me sentar na cadeira ao lado dele quando ele me puxa para seu colo.

Knight está sentado do outro lado de nós e um homem a quem não fui apresentada. — River. - Eu estendo minha mão para ele apertar.

Ele olha para minha mão e sorri. — Royal. - Ele gentilmente aperta minha mão e a coloca de volta em seu colo, olhando pelo canto do olho.

Gage empurra meu cabelo para o lado e eu me mexo para poder olhar para ele. — O que é isso? - Ele enfia a mão no meu bolso e tira minha pequena carteira onde guardo meus cartões e identidade.

Ele abre e tira minha identidade e eu espero sua reação quando ele vê minha idade. — Vinte, hein? - Ele pega minha carteira e a coloca no bolso antes de puxar minhas costas contra seu peito.

— Hum.

Ele ri, batendo levemente na parte externa da minha coxa. — Quantos anos você tem? - Pergunto-lhe.

— Tenho trinta e oito.

— Eu amo homens mais velhos, - brinco e seu nariz se dilata, o fogo está de volta em seus olhos.

— Você ama, hein? - ele sussurra, seus lábios roçando meu ouvido. Knight e Royal estão olhando para todos os lugares, menos para nós. Ele agarra minhas coxas, levanta-me e me vira em seu colo para que minhas pernas fiquem em cada lado de suas pernas e estamos olhando diretamente um para o outro.

— Com quantos homens você namorou antes de mim, só para eu saber quantas balas de merda levar comigo, - diz ele em um tom suave, mas suas palavras não são suaves.

Eu tento não rir de sua possessividade, Deus eu acho isso tão atraente.

Coloco o dedo no queixo, fingindo agir como se estivesse tentando contá-los. Quanto mais eu demoro para dizer qualquer coisa, mais sua respiração acelera.

Eu decido ceder e espremo meu rosto, não querendo mostrar nenhuma emoção. — E se eu te disser que nunca beijei ninguém antes de você?

Sua boca se abre em choque, seus olhos procurando meu rosto como se estivesse esperando que eu diga que era uma pegadinha.

— Sério? - ele pergunta.

Eu aceno e meu rosto fica quente por ser completamente honesta com ele. E se ele pensar que eu sou uma perdedora total? Tenho certeza de que uma mulher sendo inteiramente inexperiente não é a coisa mais atraente.

Ele olha para o telhado da sede do clube. — Existe um Deus, - ele brinca e eu começo a rir, plantando o rosto em seu ombro me sentindo tão aliviada. — Você me deixou com medo, - eu respondo com uma voz abafada.

Ele se inclina para trás e toca meu queixo com o dedo para virar meu rosto para olhar para ele. — Por quê?

Eu dou de ombros. — Eu não sou como aquelas garotas ali. Não tenho experiência nem nada do tipo. - Meu coração acelera enquanto espera que ele fale.

Percebo que Royal e Knight já saíram e se juntaram ao resto dos motoqueiros do outro lado da sala, deixando-me sozinha com Gage.

Ele pega um pedaço do meu cabelo, empurrando-o atrás da minha orelha. — Você definitivamente não é como essas garotas, Sugar. - Meu coração começa a afundar. — Você é especial *pra* caralho, você é um sonho pelo qual alguns homens morrem. - Ele agarra meu rosto, trazendo seu rosto a centímetros dos meus lábios. — Eu mataria. - Eu sinto arrepios até o meu núcleo com suas palavras.

— Você é minha. Você será minha em todos os sentidos, Sugar, - ele termina e pressiona seus lábios nos meus, com força. Deixando-me saber exatamente o que ele pensa.

Eu estou com sérios problemas aqui. Agarro seu corte, tentando me manter sentada e não desmaiar por tudo que é Gage.

Não sei por quanto tempo ele me beija quando a porta bate na parede e uma garota corre gritando a plenos pulmões por Royal.

Royal corre para ela. Gage se levanta com o braço em volta da minha cintura me segurando no chão como se estivesse preparado para fugir comigo.

— O que está acontecendo, Cindy? - Royal pergunta a ela várias vezes, mas a mulher está histérica, soluçando e suas pernas se dobrando.

— Eles a levaram! - ela geme a plenos pulmões e posso sentir a frieza na sala enquanto os homens mudam diante dos meus olhos.

Ah, merda.

Eu engulo em seco, quase com medo por essa mulher. Eu vejo os olhos de Royal mudarem para pânico, seu aperto em seus ombros aumenta. — Que porra você quer dizer com 'eles a levaram', Cindy?

Coloco minha mão sobre meu peito assustada e confusa com o que estava acontecendo. — Eu e Penny estávamos saindo do cinema na rua. Fui atingida na cabeça e alguém a pegou e a enfiou em um carro...

Oh meu Deus!

Gage caminha até Cindy e Royal. — Irmão. - Ele coloca a mão no braço de Royal. — Você precisa nos dar todas as informações, Cindy. Você conseguiu o número da placa ou algo assim?

Royal parece que está prestes a cair no chão, ele está pálido como um fantasma. — Alguém levou meu bebê, - eu o ouço sussurrar quando me aproximo dele. Resisto ao impulso de segurar sua mão ou abraçá-lo.

— Knight, chame a porra do Techy e coloque-o na câmera. - Eu presto atenção nessas palavras.

— Gage, você não precisa de Techy, - digo a ele e paro Knight em seu caminho.

Ele se vira para me olhar confuso. — O quê? - ele pergunta.

Eu sorrio. — Sou uma hacker melhor que Techy, me dê um computador e me dê Cindy. - Eles entram em ação e sou levada a uma sala cheia de computadores. Encontro o que mais gosto e sento-me para trabalhar, invadindo as câmeras de segurança do cinema.

Posso sentir todos os caras nas minhas costas me observando. Royal está praticamente em cima de mim com os olhos grudados na tela. Eu posso ver a dor e a súplica em seu rosto como se ele desejasse que isso não fosse verdade.

— É melhor vocês caírem na estrada, posso segui-los para onde quer que eles vão, a menos que seja fora da estrada. - Eu não paro de digitar, vendo a cena se desenrolar na minha frente, o sequestro dela, então começo o processo de hackear os semáforos para que possa seguir.

Gage é o último a sair. — Chame-me no seu caminho, eu lhe darei instruções passo a passo, - digo a ele, segurando sua mão com força, sem tirar os olhos da tela.

A visão dela gritando e implorando para não ser levada, sua babá deitada no chão nocauteada me enfurece. Estou tremendo até o topo da minha cabeça. Eles a jogam na van, batendo a porta, seu rosto pressionado contra a janela, batendo nela.

Volto à gravação de vídeo e paro a tela quando vejo um dos rostos do sequestrador enquanto sua máscara é levantada por causa de Penélope lutando com ele.

Peguei você, filho da puta.

Escaneio seu rosto e o percorro no banco de dados tentando identificá-lo. Eu os sigo ao longo das câmeras, observando-os voar

para fora do estacionamento. Eu os vejo puxando-a para fora da vista na escuridão da van.

Mordo meu lábio tentando controlar minha raiva. O rosto dela na janela gritando a plenos pulmões, batendo os punhos na janela é assustador.

Eu empurro isso para o fundo da minha mente. Eles estão em um sinal vermelho na periferia da cidade prestes a entrar na interestadual em direção a Raleigh, Texas.

Vejo os caras em suas motocicletas indo para a cidade. Meu telefone toca e eu coloco no viva-voz. — Tudo bem Sugar, para onde vamos? - Gage me pergunta.

— Apenas siga em frente, passe o semáforo na sua frente. Eu invadi os semáforos, parando todo mundo para que vocês possam passar, - digo a ele digitando, invadindo o sistema de controle de tráfego e deixando todos vermelhos, exceto os que o fazem passar.

Deixo escapar uma respiração profunda quando os vejo empurrar através da luz. Coloco a luz dos sequestradores em vermelho, não querendo que eles se afastem. Na frente deles estão dois veículos, veículos ao lado e atrás para que eles não possam passar, a menos que atinjam alguém para passar.

Percebo que um policial está a alguns quarteirões de distância. Eu seguro a luz até ele passar, e vejo a van se mover como se eles estivessem tentando agir naturalmente.

Viro a luz verde para o policial, deixando a van presa no meio da multidão de veículos.

— Gage, eu os parei em um sinal vermelho, eles estão cercados por veículos para que não possam sair. Siga todas as luzes verdes,

você será levado direto para eles. Você está a apenas uma milha de distância.

Eu bato meus dedos na mesa, nervosa, meus olhos grudados na van esperando que eles não saiam ou os veículos da frente não se canssem e saiam.

Deixei os outros na estrada irem deixando-os presos. As pessoas nas janelas estão batendo no volante, irritadas por terem ficado presas por tanto tempo. Eu me certifico de cobrir meus rastros para que eles não possam rastreá-los de volta para mim e para o clube.

Seu rostinho aparece na janela, meu coração se despedaça ao ver a fita adesiva em sua boquinha.

— Gage, eles a amarraram, - digo a ele, tremendo.

Um ding no computador me alerta e eu o puxo para cima. — Tenho um retorno para um dos rostos. Você conhece um Randall Heard? - Eu pergunto.

Ele começa a xingar. — Porra, é o padrasto dela.

Não conheço a história lá, mas sei que é ruim. Vejo como os caras se aproximam cada vez mais. — Vocês estão na estrada e os sequestradores estão começando a entrar em pânico. - Eles devem ver porque estão apontando para fora da janela em direção a eles.

Gage está na frente, todos eles rodeiam a van completamente em todas as saídas antes que eles possam sair.

Observo a cena se desenrolar. Gage joga fora seu capacete, sua arma apontada para a pessoa no banco do motorista. Não consigo ouvir o que está acontecendo, mas posso ver Gage gritando.

Royal está abrindo a porta dos fundos e ele entra junto com Knight e alguns outros mergulham também.

Um segundo depois, Royal sai segurando sua filhinha e eu me inclino para trás no meu assento. Meus olhos estão lacrimejando de medo do que poderia ter acontecido com ela.

Royal a leva para longe do caos e a coloca na garupa de sua moto. Ele gentilmente tira a fita adesiva que estava em sua boca e ela está chorando e se segurando nele com toda a força.

O resto dos caras estão arrancando os homens da van que a levou. Todos nos carros ao lado deles estão assistindo em choque. Alguns dos homens dos carros estão ajudando os caras a amarrá-los.

Esfrego meu rosto, meus olhos naquela garotinha. Royal a puxa na frente dele na moto, ligando e eu sei que ele está tirando ela de lá.

Um pouco depois, outro veículo aparece e um prospecto sai. Os caras carregam os sequestradores e eles voltam. Os policiais passaram ignorando tudo o que aconteceu.

Deixo na tela o cara que aparentemente era seu padrasto e faço uma verificação completa de seus antecedentes. Vejo uma mulher com quem ele é casado e ela tem um longo histórico de abuso de drogas começando um ano depois que Penélope nasceu.

Merda.

O mesmo com o padrasto, mas o dele é muito mais antigo. Sua ficha tem tantos abusos de familiares, violência doméstica, drogas, tráfico, acusações de armas e tentativa de sequestro de uma ex-namorada quando ele tinha dezoito anos, e ela era menor de idade,

ele a levou para fora da escola quando ela estava voltando para casa.

Olho suas fotos desde sua primeira prisão até as mais recentes. Eu posso ver seu declínio e posso ver o declínio da mãe biológica também.

Li o processo judicial de onde Royal obteve a custódia total de Penélope algumas semanas depois que ela nasceu. A mãe estava drogada e ela assinou seus direitos.

Deixo o computador ligado e entro na sala principal do clube esperando que todos voltem.

Posso ouvir uma única motocicleta parando, corro para a porta e a abro sabendo que é Royal e Penélope. Então outra motocicleta para e é Knight.

Royal olha para mim segurando a porta. Posso ver a dor e a fúria em seus olhos, quase me tira o fôlego com o poder disso.

Royal passa por mim, Knight correndo para alcançá-lo. — Por favor, venha conosco River, ela pode se sentir melhor se uma mulher estiver por perto.

Eu sigo atrás de Knight e, uma vez dentro da sala, noto que é uma espécie de consultório médico. Um lado da sala está cheio de remédios de cima para baixo. No meio da sala há uma cama, uma máquina de raios X do outro lado da sala e uma mesa cheia de papéis.

Penélope está sentada na cama e Royal segura sua mão enquanto ela olha para mim e depois para Knight.

— Ei, menina, o tio Knight vai dar uma olhada em você, ok? - ele diz em um tom suave.

— Ok, - diz ela em sua voz doce.

Royal olha para o teto, tentando controlar o que está sentindo. — Ei, querida, meu nome é River. Você se importa se eu ficar aqui com você enquanto Knight olha para seus machucados? - pergunto a ela suavemente.

Posso ouvir um tumulto do lado de fora da sala e eu sei que os outros estão voltando. — Você é uma princesa? - ela me pergunta, estendendo a mão para tocar meu longo cabelo vermelho.

— Acho que você é uma princesa, princesa Penélope. - Eu toco seus longos cabelos loiros.

Ela sorri para mim, é ofuscante e tão bonito. — Meu pai diz que eu sou.

Meu coração racha um pouco com isso. Royal passa a mão pela parte de trás do cabelo dela. — Você é minha princesa.

Knight volta com algum limpador de feridas. — Ei, não se esqueça de mim. Você também é minha princesa! - Ele olha para o pai dela e ela começa a rir.

Eu sorrio feliz em vê-la feliz. Posso dizer que essa garotinha tem todo mundo enrolado em seu dedo mindinho.

Há uma batida suave na porta e ela é aberta revelando Gage do lado de fora. — Tio Gage! - ela diz em voz alta.

— Ei menina. - Ele sorri e esfrega o topo de sua cabeça bagunçando seu cabelo. — Você sabe o que papai disse sobre isso.

- Ela aponta seu dedo mindinho para Gage fingindo ser ameaçador.

Eu rio. — Sim Gage, não bagunce o cabelo dela.

Ela acena para mim, como se as garotas tivessem que ficar juntas. Gage se move para ficar ao meu lado enquanto Knight a examina. No final, ela não parece nem um pouco machucada. Estou mais do que grata por isso.

Estou tão feliz que eu pude ajudar. — Parece que a princesa aqui está perfeitamente bem, - diz Knight alguns momentos depois, levantando-se de onde estava sentado na frente dela.

Royal visivelmente exala e relaxa sabendo que está bem. — Onde está Cindy? - ela pergunta.

— Cindy está em casa dormindo, ela está cansada, doceira, - ele a tranquiliza.

— Aqueles homens maus disseram que estavam me levando para a mamãe. - A cabeça de Royal se levanta, sua mandíbula está apertada.

— Sinto muito pelo que aconteceu com você, baby. - Royal fica de joelhos na frente dela, fazendo com que ela olhe totalmente para ele. — Papai sente muito que ele não estava lá para protegê-la. - Ele afasta o cabelo dela do rosto manchado de lágrimas.

— Papai, não é sua culpa a mamãe ser má, - ela diz tão claramente que me tira o fôlego.

Ele a pega e a abraça forte e ela se agarra a ele. Cubro minha boca, para não fazer barulho.

CAPÍTULO 6

RIVER

Gage, Knight e eu saímos da sala, dando-lhes privacidade. — A mãe de Penélope implorou a Royal para ela fazer parte da vida da filha há um mês ou mais. Ele permitiu uma visita, mas ficou ruim quando ela gritou com Penélope porque a menina não queria ir com ela. Ela não é permitida de qualquer maneira, ela não tem nenhum direito sobre ela.

— Deus, eu sinto muito que Penélope e Royal tiveram que lidar com isso. - Olho de volta para o quarto, ainda posso vê-los lá dentro.

O rosto de Gage é como pedra, tanto ele quanto Knight. — Peguei os registros da mãe e do padrasto. Eu quero lhes mostrar algumas coisas. - Eu os puxo para a sala e mostro seus registros. — Eu também queria perguntar, você quer que eu apague todas as filmagens como se nada disso tivesse acontecido e apenas salve uma cópia para o MC? - Gage está sorrindo para mim como se estivesse orgulhoso. — Porra, eu ganhei ou o quê?! - Ele sorri para Knight como se estivesse dizendo: *‘Ha-ha, otário’*.

— Apague tudo, Sugar. Esses filhos da puta não estarão vivos por muito mais tempo, de qualquer maneira, - ele diz facilmente.

Eu rio disso. — Bom, mas quero rastrear a puta da mãe dela. Não se esqueça que ela é um problema tão grande quanto ele, - eu

aponto, mostrando seus antecedentes e registros de coisas, de prostituição a acusações de abuso por atacar outras pessoas.

Eles balançam a cabeça, lendo tudo. Knight parece quase triste. — Ela nem sempre foi assim. Royal e ela ficaram juntos por alguns meses, então ela começou a usar drogas por sair com as pessoas erradas, Penélope nasceu viciada em cocaína. - Ele olha para o chão. — Foi fodido, Royal teve que lutar por ela porque ela disse que ele não era seu pai. Ela esteve no CPS por um tempo até que o DNA voltou.

Pobre Royal, eu sei que deve ter sido muito difícil para ele.

— Bem, acho que ela tem uma família muito boa com muitos tios. - Eu pisco, mas pobre garota, se ela tentar namorar quando for mais velha, está em apuros.

Carrego tudo em um disco rígido, certificando-me de tirar todas as evidências e entregá-las a Gage, que as entrega a Knight.

— Vamos, não podemos fazer nada. Vamos beber uma cerveja. - Ouço um baque estranho sob o chão, e eles olham para o chão sorrindo.

Tenho a sensação de que coisas ruins acontecem lá embaixo, das quais eu quero fazer parte, se é o que eu acho que é. Eu estava em torno do Devil Souls MC e do Grim Sinners. Sei como eles funcionam. Eu sei o que acontece com aqueles que os prejudicaram. A cadeia não é para todos e neste caso é mais do que justificada.

Eu arqueio uma sobrancelha, pegando a mão de Gage que ele deixou estendida para eu pegar. Eu o deixo me puxar de volta para a sala principal da sede do clube, onde todos ficam.

Tento ignorar as garotas no canto da sala, seus olhos estão em mim no segundo em que passo com Gage, a garota principal me encarando.

Luto contra a vontade de revirar os olhos. Gage me puxa para seu colo como fez antes e se junta à conversa com Knight.

— Gage, quem são aquelas garotas? Elas são namoradas de alguns dos membros? - Não consigo resistir à vontade de perguntar a ele, especialmente porque elas visivelmente me odeiam.

Ele começa a rir. — Elas estão por aí sempre. São apaixonadas pela ideia de estar com um motociclista. Honestamente, nenhum dos caras vai tocá-las, somos educados demais para jogá-las fora. - Knight responde por Gage, que acena com a cabeça em concordância.

Bem, isso faz sentido. Elas estão bravas porque consegui o que elas queriam. Eu pisco para a garota principal que está vestindo a camisa branca transparente com seu sutiã vermelho.

Ela solta um estranho som estridente e se vira tão rápido que não tenho certeza de como ela não sofreu um torcicolo.

— Se houver uma briga de garotas, meu dinheiro está na River, - Knight brinca e Gage aperta minha coxa. — É melhor você não lutar, baby. Se você se machucar, eles não vão gostar do que acontece, mulher ou não.

Suas palavras fazem algo comigo. Eu me inclino para trás e beijo sua bochecha. — Bem, você não é o mais doce, - eu brinco e ele sorri, mostrando aquela covinha.

Ele beija o topo da minha cabeça, envolvendo os dois braços em volta da minha cintura, puxando minhas costas contra a sua frente. Olho de volta para a sala onde Royal e Penélope estão. — Você acha que eles estão bem? - Eu pergunto.

Gage rosna profundamente. — É melhor ela estar fodidamente bem. Todos nós criamos aquela garotinha. Nós lutamos por ela, lutamos contra sua mãe puta que só queria que a pagássemos.

A raiva queima meu peito com isso. — Eu digo que vamos encontrá-la. - Minhas mãos estão coçando para segurá-la e fazê-la sofrer dez vezes mais pelo que ela fez.

Gage ri, esfregando meu joelho. — Querida, o pensamento é tentador, mas não conseguimos encontrá-la há meses.

Eu dou a ele um olhar incrédulo. — Eu aposto que você pode encontrá-la dentro de uma hora. Tudo que vocês têm que fazer é ameaçar cortar o pau do padrasto e ele estará mais do que disposto a falar.

Eles me olham com medo, exceto Gage, que está sorrindo para mim com orgulho. — Porra, eu acho que precisamos dela para torturá-lo. - Começo a rir pensando que ele está brincando, mas não, seu rosto está sério.

— Vou ao banheiro. - Eu deslizo para fora de seu colo, olhando para ele enquanto vou, notando seus olhos bem na minha bunda. Eu escondo o jeito que me faz sentir e entro no banheiro, trancando a porta atrás de mim.

Eu me estudo no espelho me perguntando o que Gage gosta em mim. Meu cabelo é longo, caindo até a minha bunda com as pontas do meu cabelo com um leve ondulado natural. Meus olhos são grandes e tenho sardas cobrindo meu nariz. Meu corpo nem é

curvilíneo como a maioria das meninas devido ao fato de eu ter muita definição muscular do treinamento que meu pai me deu ao longo dos anos.

Mas eu sou eu, sou quem sou e não há nada que possa fazer para mudar quem realmente sou. Pressiono minhas mãos nas minhas bochechas que estão doloridas de tanto sorrir nesse tempo que estive perto dele.

Uso o banheiro e lavo minhas mãos. Empurro a porta e vejo que Gage está no bar, mas a garota do sutiã vermelho está tentando chamar sua atenção.

Oh infernos, não.

Vou até lá, Knight está me observando com os olhos arregalados. — Olha, pela décima vez, não estou interessado, Gretchen, - ele diz sem sequer olhar para ela. Um prospecto desliza uma cerveja pelo bar para ele.

Ela coloca a mão em suas costas, arrastando-a e tenta agarrar seu pau.

Oh infernos, não!

Eu a puxo de volta pelos cabelos, com força. Ela cai no chão, levando as banquetas com ela. Estou acima dela, olhando. — Eu não sei quem você pensa que é. Mas se você não sair daqui em dez segundos, você não será mais, vadia. Eu não me importo com homem, mulher ou alienígena. Não significa não. Você nunca toca em alguém sem sua permissão. - Eu chuto sua coxa, querendo que ela se mova.

Ela se levanta, olhando para mim. — Você me pergunta quem eu sou? Quem é você? Eu esperei por meses para ele me notar e

você vem aqui e age como se fosse à dona dessa merda. Só uma dica, ele é meu.

Eu vejo vermelho.

Eu nem me lembro de me mexer, mas minha mão está em sua garganta, apertando, suas costas espalhadas pelo bar, suas pernas balançando. — Ele é meu, vadia, - eu rosno em seu rosto e levanto sua cabeça pela garganta e bato de volta para baixo.

— Diga a ele que você nunca vai tocá-lo novamente e peça desculpas a ele por desrespeitar o que é dele, - eu exijo dela, furiosa.

Se ela estivesse apenas dando em cima dele, eu teria deixado passar, mas ela o tocou quando ele disse que não estava interessado. Isso está errado, ponto.

Ela aperta os lábios, com força, mostrando que não vai fazer isso. — Oh, eu estava esperando que você fosse assim. - Eu rio e a levanto do bar, virando-a até que seu rosto esteja pressionado contra a cerveja derramada.

Agarro seu pulso e puxo-o pelas costas, certificando-me de que ela está olhando diretamente para Gage, que está parado ao nosso lado parecendo presunçoso e observando o desenrolar.

Por que eu acho tão gostoso que ele goste disso?

Pressiono o braço dela nas costas e posso ver o segundo que começa a doer. — Agora peça desculpas a ele. Diga a ele que você sente muito por tentar tocá-lo quando ele disse não.

Ela não diz uma palavra.

Empurro seu braço mais para cima em suas costas, até que ela começa a gritar de dor. Eu me acalmo e faço isso de novo e de novo até que ela finalmente cede, lágrimas rolando pelo rosto. — Sinto muito, Gage. Eu não vou fazer isso de novo.

Pressiono seu braço para cima mais uma vez. — E, - eu digo, dramaticamente.

— Sinto muito por desrespeitar sua mulher, - ela grita e eu a deixo ir.

Ela desliza para fora do bar e para um banquinho. — Isso não foi tão ruim, foi. - Eu toco no topo de sua cabeça e sorrio. — Agora saia daqui e leve suas garotas com você. - Eu aceno minha mão dispensando-a.

Ela nem sequer olha para mim enquanto corre para fora do clube, a porta se fechando atrás dela.

É um silêncio completo enquanto todos me encaram em choque enquanto eu me sento no bar. — Posso tomar uma cerveja? - Pergunto ao prospecto me sentindo desconfortável com todos os olhares.

— Puta merda, eu acho que acabamos de encontrar a versão feminina de Gage, - diz um dos caras que não reconheço.

Gage ri. — Não, eu teria matado alguém se tocasse no que era meu. - Com isso ele me puxa para ele, beijando-me forte, cheio de paixão na frente de todos.

Eu sei que este é um beijo reivindicativo. Isso é para todos aqui saberem que eu sou dele e quer saber? Quaisquer objeções que eu tenha estão fora da janela. Ele pode fazer o que quiser comigo sem um pinga de remorso.

Ele se afasta, deixando-me sem fôlego e parece que quer me comer viva, com a mão apertada no meu rosto. Eu lambo meus lábios querendo um último gosto dele. Seus lábios tocam minha testa e eu fecho meus olhos, suspirando.

A noite segue com os caras indo para a cama lentamente e nos deixando sozinhos. — Nós vamos para casa.

Meu coração dá um pulo e meu estômago se enche de borboletas com a menção dele chamando-o de nossa casa.

Ele envolve o braço em volta da minha cintura de forma protetora enquanto o ar frio da noite paira sobre nós. Respiro fundo amando o cheiro do ar noturno, os sons que os animais e os sapos fazem.

Vejo um carro à distância antes que ele saia do portão. O portão mal se abriu a tempo de deixá-lo sair.

— Que diabos? Ela ainda estava aqui? - Eu pergunto confuso porque ela foi obrigada a sair horas atrás.

Gage me move para o outro lado dele, longe do portão. Eu tento não mostrar minha reação a ele tentando me manter segura.

— Quer fazer um passeio noturno? - ele pergunta enquanto mantém os olhos em uma linda Harley preta.

— Eu adoraria. - Eu o puxo em direção à moto.

Ele abre a sela tirando uma jaqueta de couro, deslizando-a sobre meus braços e abotoando-a. — Não posso deixar minha garota com frio.

Eu sorrio, segurando seu corte. — Gage, você está flertando comigo? - Eu estou brincando.

Ele puxa as pontas do meu cabelo. — Querida, se eu estivesse flertando, você saberia. - Ele me dá um olhar, um que faz meus dedos dos pés se curvarem.

Ele não diz nada, apenas desliza para a moto e levanta a mão para eu pegar para me ajudar a subir na garupa. — Obrigada.

Ele olha para mim com um brilho nos olhos. — A qualquer hora, querida. - Minhas pernas estão de cada lado dele e ele chega atrás dele, envolvendo as mãos em volta das minhas panturrilhas, puxando-me contra suas costas. — Eu quero você pressionada contra mim, não me faça mostrar a você de novo, - diz ele em um tom sério, mas posso ver o humor em seus olhos.

Eu penso em como responder. — Ohhh, o que você faria sobre isso?

Sua cabeça gira e eu posso ver o fogo em seus olhos. — Oh querida, eu não tenho certeza se você está pronta para isso. - Ele me olha de cima a baixo com desejo em seus olhos. Ele definitivamente gosta que eu use sua jaqueta de couro.

Eu luto contra o desejo de me afastar dele para que ele possa me forçar a voltar para ele, mas estou muito contente envolvendo meus braços ao redor de sua cintura. Descanso meu queixo em seu ombro observando as luzes da cidade passarem por nós. É lindo, é libertador. Posso ver o que há de tão inebriante em andar de moto.

Ele para em um sinal vermelho e seu braço volta e ele descansa a mão no meu joelho. Eu serpenteio minha mão ao redor

e descanso em seu estômago duro e eu posso sentir o abdômen através de sua camisa.

Eu tento não mudar de posição e mostrar que a vibração da moto e estar perto de Gage me deixa louca.

Porque ele faz, ele realmente faz.

Ninguém me afetou como ele. Apenas sua presença me afeta, a maneira como ele se comporta, o poder que ele emite.

Ele sai da estrada e posso ver um lago diante de nós. A lua está brilhando sobre a água.

Gage se vira e segura minha cintura. Eu agarro seu ombro com força quando ele me levanta do meu assento, puxando-me na frente dele. Ele me move até que minhas pernas estejam de cada lado dele, minhas costas apoiadas no guidão comigo totalmente de frente para ele.

— Agora esta é a visão que eu quero. - Ele olha para mim, medindo cada centímetro meu.

Ele estende a mão e segura o zíper de sua jaqueta, puxando-o para baixo, expondo minha camisa por baixo.

Suas mãos deslizam para dentro, agarrando minha cintura, apertando levemente. — Você é tão foddidamente linda. - Ele balança a cabeça em descrença como se não pudesse acreditar que estou aqui agora.

Seus olhos vão para o hematoma no meu rosto e eu posso sentir a raiva sob seu toque quando ele estende a mão e o toca. — Eu quero matá-los por te machucar. Eu vou matá-los, - ele diz ameaçadoramente.

Ele me puxa para frente suavemente, beijando o hematoma no meu rosto suavemente, com ternura. Ele beija cada pequena marca no meu rosto, então se move para o meu pulso.

Minha respiração é difícil de seus toques e eu lambo meus lábios ansiosamente esperando por seu próximo movimento.

— Então, eu fui seu primeiro beijo, hein? - ele pergunta com um sorriso no rosto enquanto acaricia o polegar no meu lábio inferior.

— Você foi, - admito para ele, sentindo-me meio envergonhada por esse fato. Eu sei que meu rosto está vermelho.

— Bom, - diz ele arrogantemente. — Eu quero ser todos os seus primeiros. - Sua mão se move para o meu cabelo, enterrando os dedos, puxando levemente os fios para chamar minha atenção.

Eu rio. — Bom, hein? - Eu pergunto.

Ele ri também. — Foda-se sim, bom. Você é minha, em todos os sentidos e eu terei você em todos os sentidos, quando você estiver pronta para mim, Sugar. - Eu gosto que ele tenha me dado o controle de quando estiver pronta para isso.

Eu sorrio, descansando minhas mãos em seu peito, amando a sensação dele debaixo das minhas mãos antes de descansar em minhas coxas sobre as dele, suas mãos descansando em meus quadris. — Há quanto tempo você está solteiro? - Pergunto-lhe.

Ele pensa por um momento. — Faz anos.

— Eu acho que suas ex escaparam da minha ira, hein? - Eu brinco, mas no final, eu não estou realmente brincando.

Ele ri, puxando-me para mais perto dele para que ele possa me abraçar. — Você é tão foddidamente adorável.

Eu reviro os olhos. — Quando eu digo isso, é adorável, mas quando você diz isso, não é engraçado, hein? - Eu atrevo.

Ele me puxa de volta. — Não é engraçado, porque é verdade. Qualquer homem que tenha tocado o que é meu, enfrentará as consequências.

Ah, merda.

Ele me beija e é profundo, cheio de emoção e eu sei que ele está me mostrando exatamente que eu sou dele e não há nada que eu possa fazer sobre isso.



Chegamos em sua casa uma hora depois, depois de observar a água e conversar e estou exausta.

Ele me leva até seu quarto, sua mão na minha. Eu amo a casa dele. Posso ver Gage em todas as partes.

O quarto dele é enorme. — Eles penduraram suas roupas, - Gage me diz e me leva para seu closet me mostrando exatamente onde eles colocam todas as minhas coisas ao lado das dele.

Eu rio incrédula ao ver tudo meu, bem colocado ao lado dele, todos os meus sapatos, bolsas, roupas, tudo está alinhado lindamente como sempre estive lá.

— Deixe-me mostrar-lhe o banheiro. - Ele me leva para o banheiro, meus olhos gravitando para a enorme banheira no meio do ambiente, morrendo de vontade de me afundar dentro dela.

— Eles colocaram suas coisas nas gavetas, mas você pode arrumar como quiser. - Ele abre algumas gavetas e vejo que toda a minha maquiagem está perfeitamente alinhada.

Ele tem pensado muito nisso. — Eu os fiz pegarem alguns organizadores e coisas assim para não serem derrubados.

— Ah, mais uma coisa. - Ele me leva para fora do quarto em uma sala ao lado e vejo todos os meus computadores alinhados em uma mesa enorme. — Eu os fiz comprar uma mesa e montar.

Ele me deixa sem palavras. — Você realmente pensou muito nisso, não foi? - Eu pergunto meio emocionada com sua consideração.

— Querida, quando eu disse que você estava indo morar comigo e você era minha, eu quis dizer essa merda. Eu cuido do que é meu, - ele me explica.

Envolvo meus braços em torno dele, abraçando-o. — Obrigada por ser tão atencioso, Gage. Realmente significa muito para mim. - Ninguém jamais foi a esse extremo para ter certeza de que estou confortável além do meu pai.

Ele beija o topo da minha cabeça e não diz nada, apenas me abraça.

— Vou vestir um pijama e tomar banho, - digo a ele alguns momentos depois, pronta para dormir.

Ele me deixa ir. — Vou tomar banho no quarto de hóspedes. - Lamentavelmente, saio de seus braços e entro em seu quarto, pegando um short e uma camisa larga para dormir.

Eu olho para a camisola tentando lutar contra a vontade de usá-la, vovós sabiam exatamente o que estavam fazendo usando isso. Suspiro com pesar e a deixo para trás, ficando com meu short e camiseta.

Olho para a banheira e decido que isso é exatamente o que preciso na minha vida. Ligo a água o mais quente que posso, esperando que ela encha.

Vasculho as gavetas, encontro meu sabonete líquido, navalha e creme de barbear que foram cuidadosamente embalados.

São os pequenos detalhes que me pegam. Ele realmente queria ter certeza de que eu estava confortável e não teria nenhum estresse, nem o de guardar minhas coisas.

A mesa que ele me comprou e montou. Isso significa muito.

Afundo na água quente gemendo com a sensação dos meus músculos doloridos. Eu me inclino para trás até que apenas minha cabeça esteja fora da água e, com os olhos fechados, acompanho tudo o que aconteceu.

Comecei a rir de como Gage literalmente me mudou, do jeito que ele fez e eu nem lutei, é hilário para mim.

Se qualquer outra pessoa tivesse feito isso, eu teria chutado a bunda deles, mas no fundo eu realmente queria estar perto dele.

A maneira como ele me reivindicou. Eu o queria também, no fundo eu também o queria com cada parte de mim.

Parece certo estar perto dele. Nesse curto período, fiquei obcecada com a maneira como ele me faz sentir segura e com as medidas extremas que ele toma para garantir que eu esteja segura. Posso sentir sua proteção pela maneira como ele me observa.

Assisto a um filme no meu telefone, fazendo o que eu preciso fazer no banho. Quanto mais se aproxima a hora de sair, mais nervosa fico por vê-lo novamente.

Desligo a água da banheira, saio e começo a me arrumar para dormir.

Coloco a toalha no cesto no canto do banheiro e jogo minhas roupas que eu estava usando hoje lá também, para lavar depois.

Abro a porta e quase a fecho imediatamente ao ver Gage deitado na cama.

Ele está vestindo calça de moletom, sem camisa com seu abdômen mostrando seu V que mergulha em sua calça e as tatuagens escorrendo pelas laterais de seu corpo. Eu tento não mostrar minha reação ao vê-lo assim.

Fico na porta por um segundo extra levando-o em uma última vez. Ele puxa o cobertor para mim e pega minha mão me ajudando a ir para a cama.

— Deixe-me ver seus tornozelos e pulsos, baby. - Ele se senta e pega minha perna nua, levantando-a sobre a dele, estudando-a. Ele chega atrás dele no balcão e abre um pequeno tubo, aplicando pomada nas feridas, então faz o mesmo na minha outra perna e

pulsos. — Eles doem? - ele me pergunta suavemente espalhando a pomada.

— Não agora. - Eu não acho que consegui sentir nada, minha mente está apenas concentrada em suas mãos em mim.

— Bom. - Ele gentilmente coloca minhas pernas de volta na cama, puxando o cobertor sobre minhas pernas até minha cintura. Estou com as mãos no colo, sem saber o que fazer.

Eu posso senti-lo olhando para mim e eu estou olhando para tudo, menos para ele, nervosa.

Ele aparece, estende a mão e pega minha mão entrelaçando nossos dedos. — Você quer que eu durma no outro quarto? - ele me pergunta.

Estou chocada com ele mesmo sugerindo isso. — Não! - Eu digo um pouco dramaticamente. — Gage, você me deixa nervosa, - admito para ele. — Você é lindo, experiente, e isso é tão novo para mim.

Seu rosto suaviza. — Isso é novo para mim também, baby.

Eu quase caio da cama em sua admissão. — O que você quer dizer?

Ele sorri. — Querida, o que sinto por você desde o primeiro segundo em que te vi é novo para mim. Tudo sobre você é novo para mim, você me destruiu. Você é minha. No segundo em que você olhou para mim naquela cabana, eu sabia que você era minha.

— Gage, - sussurro emocionalmente, todas as minhas dúvidas saindo pela janela. Ele serpenteia seu braço em volta da minha

cintura me puxando. Eu me viro e descanso minha cabeça em seu peito. Meus olhos se fecham no segundo em que meu rosto toca sua pele quente.

Descanso meu braço em seu estômago e sua mão se move por baixo da minha camisa. Seus dedos deslizando pela minha pele.

Isso é o céu.

A TV está ligada, o som baixo. Nós não falamos, apenas absorvendo o momento de nós deitados aqui juntos.

É difícil acreditar que mesmo uma semana atrás, eu estava vivendo minha vida todos os dias apenas trabalhando e voltando para casa para dormir.

Ele levanta o cobertor para cobrir meus braços quando o ar começa. — Amanhã, como você se sente sobre nós irmos a um encontro? - ele me pergunta.

Eu sorrio contra seu peito. — Eu adoraria.

Ele beija o topo da minha cabeça, tirando meu cabelo da minha camisa, escovando-o por cima do meu ombro para mim.

Eu bocejo e aperto meu braço em seu estômago. — Boa noite, Gage.

Ele fica em silêncio por um momento. — Boa noite, Baby.

GAGE

Escuto quando sua respiração se equilibra quando ela adormece e aperto meus braços ao redor dela. As feridas em seus pulsos, tornozelos e seu rosto me assombraram o dia todo.

Porra me destrói que alguém a tenha machucado. Esses filhos da puta estão atualmente no porão do Grim Sinners MC. Amanhã é o dia em que vou me vingar do que fizeram com ela depois que os Grim Sinners obtiveram todas as informações de que precisavam.

Sorrio para o teto escuro pensando em como ela assumiu que me queria. Eu rio como ela foi tão foda, ela parecia malvada como o inferno, mas para mim ela foi fofa.

Ela é bonita. A maneira como ela se porta. A maneira como ela se aproximou e nos ajudou a encontrar Penélope. A maneira como ela fez tudo o que pode para ter certeza de que estaria segura.

Ela é a old lady perfeita, a mulher perfeita para estar acima de todas as futuras mulheres do clube.

Ela foi feita para mim e eu me certifiquei de que não haveria espaço para ela recuar. Mudei a merda dela e não há saída para ela.

Minha raiva me atinge com força total do prospecto fodido que se atreveu a desrespeitá-la assim, na nossa frente.

Essa merda nunca foi tolerada no meu clube e nunca será. Se um membro de pleno direito tivesse feito isso, eu queimaria a porra da tatuagem de suas costas em um segundo.

Nós não machucamos as mulheres ou as desrespeitamos, mesmo a mãe de Penélope e todas as merdas que ela fez, nunca fizemos nada para machucá-la. Tiramos Penélope dela para protegê-la.

Todos nós criamos aquela garotinha. Ela chorava no meio da noite e todos nós nos esgueiramos nos revezando para dar um tempo a Royal. Nós a vimos crescer e Knight lhe deu uma pequena Harley para ela montar.

Porra, mal posso esperar pelo dia em que terei meus próprios filhos.

Olho para River. Não vi nenhum controle de natalidade em seus itens pessoais que ela trouxe. Eu rio e fecho meus olhos tentando dormir um pouco.

CAPÍTULO 7

RIVER

Acordo com Gage literalmente deitado em cima de mim. Acho que devo ter me mudado no meio da noite e ele me seguiu para que eu não fugisse.

Que fofo.

Ele parece tão doce quando está dormindo, seu rosto parece muito mais jovem, menos duro. Viro sua mão, olhando para a diferença de tamanho em relação à minha, a aspereza de suas mãos que mostram o trabalho duro que ele fez.

O bronzeado em sua pele, apenas em seus antebraços de tanto andar de motocicleta. Seus cílios se espalham pelas maçãs do rosto, sob essas pálpebras estão seus lindos olhos cheios de alma.

Não tenho certeza de quanto tempo estive estudando-o quando seus olhos se abrem lentamente. Borboletas me atingiram com força total. — Bom dia, Gage, - eu sussurro para ele.

Ele sorri. Eu me inclino e o beijo docemente nos lábios, amando a sensação dele. Sua mão vem para a parte de trás da minha cabeça me apoiando para que eu possa beijá-lo mais facilmente. Ele se afasta, beijando minha bochecha onde estão meus hematomas. — Agora esse é um bom dia com o qual posso me acostumar.

Sorrio para ele sendo tão doce enquanto ele se move para a outra bochecha para dar a mesma atenção.

— O mesmo, - eu concordo com ele e sou recompensada com um lindo sorriso que alcança seus olhos.

— Quer sair para o café da manhã ou quer que eu faça algo aqui? - ele pergunta.

— Vamos sair, além disso, eu gostaria de visitar meu pai, se estiver tudo bem? - Hesito em perguntar a última parte.

— Querida, podemos fazer o que você quiser. Mas esta noite vou levar sua bunda para um encontro. - Sua mão desce e bate levemente na minha bunda.

Eu pulo dramaticamente. — Ei. - Olho para ele e rolo para me afastar.

Ele me persegue, suas mãos cavando sob as cobertas até encontrar meu braço e minha perna me puxando de volta para ele. — Onde você está indo? - Ele me puxa até que eu esteja debaixo dele com ele entre minhas pernas.

Tento não mostrar minha reação ao jeito que ele se sente entre minhas pernas. Seu grande corpo dominando o meu, meus braços estão levantados acima da minha cabeça com ele pressionando-os na cama.

— Agora, para onde você vai? - ele me pergunta, sua voz baixa.

Posso senti-lo endurecer entre minhas pernas e eu luto comigo mesma para não me mover e trazê-lo para mais perto de mim.

— Aonde você quer que eu vá? - Eu pergunto.

Seus olhos escurecem com o meu tom, movendo-se do meu rosto para onde minha camisa subiu, expondo metade do meu seio.

Prendo a respiração esperando o que ele vai fazer. — Querida, está levando tudo em mim para não tocar em você.

Eu quase caio e morro com suas palavras e toda a minha sanidade vai embora. — Bem, por que não?

Eu quase grito alto porque falei antes que minha mente pudesse me acompanhar. Ele fica com um sorriso sinistro no rosto e suas mãos apertam as minhas.

— Bem, seu desejo é uma ordem. - Sua voz é áspera, posso ouvir e sentir o quanto ele me quer.

E eu o quero. Deus, eu o quero.

Ele se senta entre minhas pernas, minhas coxas estão descansando sobre as costas dele enquanto ele olha para mim. — Deus, eu poderia comer você viva, porra. Cada parte de você é perfeita, - ele rosna, suas mãos esfregam ao longo da minha barriga, acariciando.

Arrepios surgem em minha pele na sequência de seu toque. Mordo meu lábio tentando não me mover ou fazer um som.

Seu polegar pressiona contra meu lábio. — A única pessoa que está mordendo esses lábios sou eu. - Ele puxa meu lábio livre, acariciando o polegar sobre ele.

Estou à sua mercê da melhor maneira possível. Não sei o que ele vai fazer a seguir e isso está me deixando louca.

Eu nunca fiz isso antes, nada disso.

Gage empurra minha camisa folgada pela minha barriga até que mal cobre meus seios.

Ele pisca para mim, movendo-se para baixo do meu corpo até que seus lábios estejam logo abaixo do meu umbigo. Seus olhos estão em mim, observando cada emoção.

Seus lábios suavemente pressionam contra a minha pele. — Observe, - ele rosna, suas mãos ainda segurando as minhas deixando-me totalmente à sua mercê.

Faço exatamente o que ele quer. Seus lábios lentamente, quase como um sussurro, deslizam pela minha pele. Meu corpo treme e sacode com cada toque dele.

Ele está me provocando enquanto se aproxima cada vez mais de onde meu corpo deseja que ele esteja, mas ele para a centímetros de distância.

Seus lábios estão avançando lentamente pelos meus braços, parando onde nossos dedos estão entrelaçados até que seu rosto paira sobre o meu.

Seus lábios deslizam tão suavemente sobre os meus. Eu tento levantar minha cabeça querendo que ele aprofunde o beijo.

Ele se afasta várias vezes sem aprofundá-lo, apenas me beijando tão docemente. Incapaz de evitar, eu levanto minhas pernas, envolvendo-as em torno de seus quadris, puxando-o para baixo com força contra mim. Levanto minha cabeça ao mesmo tempo, assumindo o beijo.

Eu posso sentir seu corpo tremendo de tanto rir enquanto ele sorri contra meus beijos. Ele solta minhas mãos e elas envolvem seu pescoço, antes de enterrá-las em seu cabelo curto.

Sua mão agarra minha coxa, levantando-a mais alto em seu quadril. Posso senti-lo ainda mais duro pressionando contra mim enquanto move seus quadris apenas o suficiente para ele se esfregar contra mim.

Eu separo meus lábios dos dele, ofegando com o prazer repentino.

Seus lábios se arrastam contra minha garganta e eu agarro a parte de trás de seu cabelo, sobrecarregada com todos esses novos sentimentos.

Ele se senta de repente, suas mãos agarrando a barra da minha camisa como se quisesse tirá-la de mim, mas ele hesita como se estivesse esperando minha permissão.

Eu aceno sem um pinga de dúvida. Levanto meus braços e ele a tira de mim levando meu sutiã esportivo junto.

Eu congelo por estar de repente nua na frente dele.

Suas mãos vão até a boca, olhando para mim como se estivesse incrédulo. — Porra, estou quase com medo de tocar em você. Você é um maldito anjo.

Eu estendo a mão e pego sua mão, trazendo-a para o meu peito nu. A diferença entre mim e ele é tão quente. A forma como suas mãos são enormes, escuras com as tatuagens, os músculos rasgando ao longo de seus braços e corpo.

Deus, ele é tão quente.

Ele não hesita, seu polegar acaricia meu mamilo. Minhas costas arqueiam com a sensação, atirando direto para minha boceta.

— Oh Deus. - Toda a minha tentativa de ficar quieta vai direto pela janela. Ele sorri, me vendo se contorcer.

— Oh, as coisas que eu vou fazer com você, - ele rosna, seu polegar se movendo pelo meu mamilo, em seguida, puxando-o levemente, dando uma leve picada.

Agarro o lençol, tentando me aterrar. — Tão, porra, responsiva. - Ele desliza pela cama até que seu rosto está pairando acima do meu peito.

Ele pisca e lentamente lambe sua boca antes de lambe meu mamilo, então gentilmente chupa profundamente em sua boca.

Eu aperto meus olhos fechados, perdida no sentimento. — Você sabe qual é o seu gosto, River? - ele me pergunta, sentando-se.

Abro os olhos, olhando para ele, vendo o quão duro ele está. Luto contra o desejo de estender a mão e tocá-lo.

— O quê? - Eu pergunto, mal reconheço minha voz.

Ele arrasta a mão pelos meus lados até tocar meu short. — Minha.

Ah, merda.

Seus dedos agarram a borda do meu short, e ele lentamente os puxa para baixo do meu corpo, deixando-me completamente nua na frente dele.

Ele se senta e me encara como se estivesse faminto e eu fosse à última comida na terra. — Baby, você tem certeza de que está bem com isso? Você está bem comigo dando prazer a você? - ele pergunta.

Eu concordo. — Sim, eu estou bem com isso, baby. Contanto que eu possa retribuir o favor? - Eu pergunto minha mão hesitando em tocá-lo.

Seu rosto suaviza. — Querida, isso é sobre você, fazer você se sentir bem. - Sua mão toca minha coxa.

Meu rosto fica vermelho quando ele olha para o meu corpo nu e isso é algo que ninguém nunca viu antes, até ele.

Ele lentamente corre a mão ao longo do meu corpo, criando um caminho da minha coxa para o meu seio, repetidamente me deixando louca. — Minha, - ele rosna, deslizando para fora da cama até que ele está no chão de joelhos na beirada da cama.

O que ele está fazendo?

Ele estende a mão, agarrando minhas pernas e me puxa para baixo da cama até que minhas pernas estejam penduradas na lateral da cama.

Sento-me confusa com o que ele está fazendo.

Ele levanta minhas pernas até que estejam em ambos os lados de seus ombros deixando seu rosto bem entre minhas pernas.

Eu suspiro em choque quando percebo o que ele está fazendo.

— Gage, o que você está fazendo? - Eu pergunto, tentando me afastar.

Ele me olha confuso. — O que você acha que estou fazendo, Sugar? Eu vou comer sua boceta até ficar satisfeito com quantos orgasmos eu te dou, - ele diz tão claramente. Aponta para mim, sorrindo sinistramente. — Agora, deite sua bunda e deixe-me cuidar do que é meu.

Eu tomo meu lábio inferior entre os dentes, excitada por causa de suas exigências.

Ele corre o nariz ao longo da minha coxa. Eu alcanço atrás de mim e pego alguns travesseiros, colocando-os atrás de mim. — Isso mesmo baby, me veja fazer você desmoronar.

Ele lambe os lábios, seus olhos olhando para minha alma enquanto abaixa a cabeça. Prendo a respiração esperando.

Ele lambe meu lábio e fecha os olhos. — Foda-se, - ele geme, espalhando meus lábios e correndo sua língua ao longo do meu clitóris até minha abertura.

— Oh Deus, Gage! - Eu grito. Esses sentimentos são completamente novos para mim e tão intensos.

Seus olhos estão observando cada movimento meu. Ele coloca a mão na minha barriga me segurando para baixo, enquanto chupa meu clitóris como se estivesse faminto.

Jogo minha cabeça para trás, os travesseiros já caindo da cama. Ouvi dizer que isso era ótimo, mas é diferente de tudo que eu já senti antes.

— Foda-se, - Gage rosna, sugando meu clitóris com mais força em sua boca. Meu corpo enrijece, minhas costas arqueiam e gozo duro, minhas pernas tremendo com o poder disso.

— Oh Deus! Oh Deus! - Repito várias vezes enquanto ele continua seus movimentos, deslizando um dedo dentro de mim gentilmente curvando-o e tocando meu ponto G. — AHH! - Eu grito com o inesperado orgasmo poderoso.

Ele não para, movendo o dedo para dentro e para fora de mim, enrolando-o e atingindo aquele ponto.

Minha respiração está difícil e estou perdida nos sentimentos que ele está trazendo de mim. Ele desliza outro dedo dentro e aperto seus dedos com força. Eu congelo, perseguindo meu orgasmo.

— Um último. - Sua voz é rouca, áspera. Meu corpo instantaneamente responde a ele, às suas demandas. Aperto minhas pernas enquanto ele puxa seu rosto entre elas e apenas usa seus dedos para extrair meu orgasmo.

Deixei escapar uma respiração profunda tentando respirar e olhar para o teto. Ouço Gage se movendo na sala e ele volta com uma toalha. Ele afasta minhas pernas suavemente e me limpa, deixando o pano quente na minha abertura por um momento. — Eu não quero você dolorida.

Meu nariz queima com a consideração disso. Eu me inclino para frente e o beijo com força, sobrecarregada com tudo o que estou sentindo.

— Agora, posso cuidar de você? - Eu pergunto, minhas mãos na parte superior de sua calça de moletom. Ele está se esforçando através de suas calças e eu quero ajudar a aliviá-lo.

Ele segura minha mão suavemente em sua cintura. — Querida, eu não quero que você se sinta obrigada. Eu queria cuidar de você, isso era só para você.

— Não, eu quero.

Pego sua mão e o puxo para a cama, até que suas costas estejam na cabeceira da cama. Agarro sua calça de moletom e puxo para baixo de seu corpo até que ele esteja nu diante de mim.

Meus olhos vão para o seu pau e engulo em seco. Eu sabia que ele parecia grande quando estava pressionado contra mim, mas ele é enorme e é intimidante.

Ele me nota observando. — Sugar, você, - ele começa, mas para no segundo que eu o pego na minha mão, acariciando da ponta até o fim. — Porra. - Ele engole em seco, levantando a cabeça para descansar contra a cabeceira.

Puta merda, isso é empoderador saber que apenas com minhas mãos estou dando prazer a ele. Meu coração está batendo tão rápido e estou tão nervosa que não vou fazer isso direito.

Sentindo-me mais corajosa, sopro em sua ponta, antes de abrir minha boca correndo minha língua pela cabeça e passando a mão pela parte inferior de seu pau.

— River, - ele rosna, suas mãos enterrando no meu cabelo.

Eu sorrio, levando-o na boca o mais longe que posso, correndo minha língua ao longo do lado de baixo todo o caminho.

Suas mãos apertam no meu cabelo. Olho para ele, chupando sua ponta enquanto acaricia o fundo.

— Fodidamente linda, - ele geme e joga a cabeça para trás quando eu o chupo o mais fundo que posso, engasgando quando ele atinge o fundo da minha garganta. Eu continuo, balançando

minha cabeça de um lado para o outro para levá-lo o mais longe que posso.

Todo o seu corpo enrijece e recuo ofegante. Eu o acaricio, correndo minha mão para cima e para baixo, amando a forma como seu corpo está curvado.

Eu o tomo de volta na minha boca, correndo minha língua ao longo de cada veia que está saindo de seu pau. — Hmm, - eu gemo, minha mandíbula começando a doer por ter que manter minha boca aberta.

— Se você não quer que eu goze na sua boca, é melhor você se mexer, - ele range entre os dentes.

Eu o levo cada vez mais fundo até que ele esteja no fundo da minha boca. Eu engulo e ele bate a mão na cama enquanto bebo cada gota.

Corro minha língua pela ponta e lambo meus lábios. Seu nariz se alarga me observando limpar minha boca com o polegar, certificando-se de obter cada gota.

Ele agarra a parte de trás da minha cabeça, batendo sua boca na minha. Este não é um beijo gentil. Não, este é um onde ele quer me comer viva.

Rastejo em seu colo, minhas pernas de cada lado dele, minha boceta arrastando em seu pau. Eu tremo todo o caminho até o meu núcleo com a sensação dele contra mim.

Deus, eu o quero.

Eu não posso resistir ao desejo de me arrastar suavemente sobre ele. Eu me afasto tremendo com o desejo que sinto.

Ele coloca a mão no meu rosto, acariciando minha bochecha. Eu o quero e estou mais do que pronta para ele. — Gage, eu quero você, - digo a ele sem fôlego, quero que ele se enterre profundamente dentro de mim.

Ele se senta, segurando-me mais apertado. — Querida, você tem certeza? - ele pergunta, segurando meu rosto. Eu sei que ele está se certificando de que eu não tenha nenhum arrependimento.

Eu sorrio. — Sim, sem dúvida. Tenho tanta certeza disso, Gage. Eu estou certa sobre você. Esperei minha vida inteira por você, quero que todos os meus primeiros sejam com você. Você é meu, como eu sou sua.

Ele balança a cabeça, sei que minhas palavras tinham significado para ele. — Foda-se, baby. Você é minha. Você me deixa louco *pra* caralho quando se trata de você. - Ele me beija, me puxando para cima e se movendo até que eu esteja de costas, com ele entre minhas pernas.

Ele move a mão entre minhas pernas, seus dedos esfregando meu clitóris. Eu molho seus dedos por estar tão sensível.

— Deus, isso é bom. - Inclino minha cabeça para trás, perdida no jeito que ele está me fazendo sentir.

Seus lábios se movem pela minha garganta e ele desliza um dedo dentro de mim, depois um segundo. Ele me deixa ajustar, esfregando meu clitóris e lentamente trabalhando seus dedos em mim, deslizando em um terceiro. Estou encharcando sua mão.

Ele substitui sua mão com ele pressionando-se contra mim. Posso sentir o quão grande ele é comparado a mim, é intimidante.

Seu rosto é tão suave olhando para mim. Deslizo minhas mãos por seus braços até seu pescoço. — Querida, você tem certeza sobre isso? - ele me pergunta.

Ele captura minhas mãos colocando-as na minha cabeça, nossos dedos entrelaçados. — Não há uma dúvida em minha mente sobre isso, sobre você. - Levanto minhas pernas, descansando-as contra seus quadris, dando-lhe total permissão.

— Sou sua, lembra? - Eu sussurro.

Ele fecha os olhos por um momento, descansando sua testa contra a minha. — Ok, baby, - diz ele tão docemente.

Eu o sinto mover e pressiona contra mim um pouco mais forte e eu relaxo meu corpo. Ele levanta meus braços acima da minha cabeça segurando os dois com uma mão e segura meu rosto com a outra.

Deixei escapar uma respiração profunda, nossos olhos travados juntos. Ele solta meu rosto, estendendo a mão entre nós, seu polegar esfrega suavemente em meu clitóris, acalmando a queimadura.

— Oh, Deus, - eu gemo, sentindo o quão cheia estou. Ele desliza um pouco mais dentro de mim, seus dedos trabalhando em movimentos pequenos e curtos para me ajustar.

Ele sorri, beijando minha bochecha. Lentamente, parando no segundo em que ele me sente tensa, trabalhando meu clitóris para ter certeza de que não sinto nenhuma dor.

Finalmente, ele está totalmente dentro de mim, e a sensação é tão inebriante, tão cheia dele. Tendo esse momento com ele? É incrível.

— Deus, eu me sinto tão cheia, Gage, - eu gemo e movo meus quadris querendo-o de alguma forma mais profundo quando isso nem é possível.

Ele me beija, com ternura. Eu posso sentir a emoção nisso. Ele se afasta e desliza suavemente de volta para dentro de mim. Há uma ligeira picada, mas a queimadura é viciante. Você quer mais e mais.

Isso não é foda. Não, este é ele adorando meu corpo. Ele está tão em sintonia com tudo, com a certeza de que estou bem.

Logo a queimadura se foi e tudo o que resta é a sensação de puro êxtase. A maneira como seu corpo se move enquanto ele faz amor comigo, a maneira como seus olhos me olham. A maneira como ele me toca.

Tudo, eu estou sentindo tudo.

Puxo uma respiração afiada, cavando minhas mãos em suas costas enquanto gozo tão forte. Eu o aperto, ordenhando-o, puxando-o cada vez mais para dentro do meu corpo. Eu mordo seu ombro tentando não gritar.

Ele se move mais rápido, levantando minhas pernas para que possa ir mais fundo. Eu jogo meus braços acima da minha cabeça me preparando. Ele está me fodendo na cama, empurrando-me para a cabeceira. Meus joelhos estão pressionados contra meu peito.

— AHH! - Eu, cerro os dentes quando outro orgasmo me atinge com força. Seu polegar está no meu clitóris puxando-o cada vez mais até que ele goza comigo, me enchendo.

Solto uma respiração profunda. Seus braços cedem e ele cai no meu peito, à cabeça enfiada na curva do meu pescoço. — Isso foi... - Deixei a frase suspensa, sem saber se tenho as palavras para descrever uma coisa dessas.

Ele ri, beijando meu pescoço e depois minha bochecha, então meus lábios docemente. — Eu machuquei você? - ele me pergunta, pegando minha mão beijando as costas dela.

— Honestamente, não. - Serpenteio minha mão em seu cabelo, esfregando seu couro cabeludo. — Foi fantástico, você cuidou de mim.

Ele se senta em seu cotovelo, olhando para mim. — Eu sempre cuidarei de você. - Ele desliza suavemente para fora de mim e tento esconder meu estremecimento dele.

Sua mandíbula aperta com raiva. — Porra, eu odeio ter te machucado. - Ele desliza os braços sob meu corpo, levantando-me da cama e me levando para o banheiro.

Ele me coloca no balcão enquanto liga a água da banheira. Observo enquanto ele pega algumas toalhas, panos e sabonete líquido.

Aproveito o momento para admirar seu corpo incrível. Eu mordo meu lábio amando a forma como as bochechas de sua bunda flexionam com cada movimento.

Ele olha para mim, minha cabeça inclinada para o lado, me pegando. — O que você está olhando?

— Estou olhando para essa bunda incrível que você tem. - Agora que ele está virado de frente para mim, eu o olho de cima a baixo.

— Gostando do que vê, hein? - Ele sorri, andando até mim, agarrando minhas coxas e me puxando para a beirada do balcão. Suas mãos serpenteiam sob minha bunda me levantando do balcão e eu envolvo minhas pernas ao redor dele.

Ele entra na banheira comigo enrolada nele e gemo quando a água morna nos cerca.

Ele me vira na água até que eu esteja sentada entre suas pernas. Ele puxa meu prendedor de cabelo do meu pulso, junta meu cabelo e o levanta em um coque no topo da minha cabeça, para que não fique molhado. Eu sorrio com a consideração. Ele estende a mão para uma pequena mesa que fica ao lado da banheira e aperta um botão no controle remoto, ligando uma música para preencher o silêncio ao redor do ambiente, em seguida, diminui as luzes, dando ao lugar um brilho suave.

Eu suspiro e relaxo nele, seus braços me envolvem me segurando. — Eu poderia ficar aqui para sempre, - confesso.

Ele descansa a cabeça contra a minha. — Você pode. - Ele beija minha bochecha, passando as mãos pelos meus braços.

— Eu esperei por você. Eu sabia que no segundo em que conhecesse minha pessoa, tudo iria se encaixar. - Inclino minha cabeça para trás para que possa ver sua reação. — Estou feliz por ter feito isso, - digo em uma voz mais suave. Eu me viro em seus braços até que estou entre suas pernas comigo de frente para ele.

Sua mandíbula aperta. — Porra, você me desfaz, baby. - Ele segura a parte de trás do meu pescoço, puxando-me para ele, me beijando. — Espero que você saiba que está presa a mim e não há como partir. Eu vou perseguir sua bunda, - ele diz depois que me solta.

Eu rio. — Quem disse que eu não faria a mesma coisa? - Eu pisco.

Ele sorri mostrando aquela covinha linda dele. — Eu amo quando você é cruel, - ele ri.

Ele pega uma toalha ao lado da banheira. Ele molha o pano e despeja o sabonete líquido. Ele o arrasta pelos meus braços, peitos, pescoço, barriga e depois lentamente entre as minhas pernas. Ele gentilmente me lava na minha parte mais privada... — Você está dolorida? - ele pergunta.

Eu balanço minha cabeça negativamente. — Não, eu estou bem.

Posso vê-lo visivelmente relaxado, ele fez a minha primeira vez incrível. Pego o pano e o lavo com o mesmo cuidado que ele me deu.

Ele me puxa em seus braços, descansando minha cabeça em seu peito. Suas mãos sobem e descem pelas minhas costas, puxando-me para mais perto.

— Você está tomando contraceptivo? - ele pergunta aleatoriamente e eu quase caio na água em estado de choque.

— Oh meu Deus, não! Nós não usamos controle de natalidade! - Meus olhos estão arregalados de choque com o quão estúpida eu fui por não pensar nisso antes de praticamente implorar ao homem para me foder.

Ele sorri maliciosamente. — Eu esperava que você não estivesse. - Ele estende a mão e a passa pelo meu estômago. — Já posso imaginar o dia em que você estará carregando meu bebê em sua barriga.

Eu olho para ele como se ele fosse totalmente louco. — Você está falando sério? - Pergunto-lhe.

Ele ri. — Muito sério *pra* caralho.

Minha boca se abre em descrença e choque. Devo estar louca porque não estou tendo nenhum sentimento negativo sobre isso. Se alguma coisa, estou lisonjeada.

O que há de errado comigo? O que há de errado com nós dois?

Começo a rir e praticamente me jogo de cara em seu peito. A água morna está acalmando meus músculos doloridos, já que me sinto menos dolorida do que ontem. Eu me pergunto como estão minhas contusões.

A água começa a esfriar e arrepios surgem na minha pele quando saio um pouco da água.

Gage percebe e me tira da água, enrolando-me em uma toalha. — Deixe-me pegar algumas roupas para você. - Ele sai do banheiro, fechando a porta atrás de si para não deixar sair o ar quente.

Meus hematomas desapareceram um pouco, o inchaço praticamente desapareceu. A porta do banheiro é aberta dramaticamente, batendo contra a parede agressivamente.

Eu pulo para trás em estado de choque e vejo o cara, o prospecto que tentou cheirar minha calcinha, parado na minha frente, olhando para mim e segurando uma arma na mão.

Que porra?

Ele me olha de cima a baixo e eu enrolo minha toalha mais apertada em volta de mim. — Que porra você está fazendo? Como você entrou na casa de Gage? - Pergunto com raiva em seu olhar boquiaberto.

Ele sorri para mim, lambendo os lábios estranhamente, olhando para os meus seios que estão ligeiramente levantados para fora da minha toalha, apenas cobrindo meus mamilos. Eu conserto a toalha.

— Estou aqui por você. Você é a razão pela qual eu não sou mais um prospecto, vadia, - ele rosna e dá um passo em minha direção levantando a arma em sua mão lentamente.

CAPÍTULO 8

RIVER

Cada parte minha congela quando a arma é levantada mais e mais para mim. Dou um passo para trás, com medo. Eu sei que ele quer me machucar, me matar.

Ele larga a arma. — Pensando bem, eu poderia ficar com você para mim já que Gage está tão envolvido em sua boceta. Talvez eu precise ver por mim mesmo.

Uma arma dispara e começo a cobrir meu rosto pensando que é ele que está atirando em mim, mas ele começa a gritar a plenos pulmões.

Assisto em câmera lenta enquanto ele cai no chão gritando, segurando seu joelho.

Gage aparece, segurando uma arma na mão. Ele olha para mim aqui em minha toalha, tremendo com o que acabou de acontecer.

Posso dizer que todo o senso de racionalidade está fora da janela enquanto ele olha para a arma na mão do prospecto. Gage levanta sua própria arma, apontando-a para a mão que puxa o gatilho.

Um disparo.

Dois.

Três.

Até que sua mão esteja uma bagunça completa e absoluta, derramando sangue, os ossos estão expostos.

— Cala a boca, idiota. Eu avisei e agora vou ter que te matar por olhar o que é meu e ameaçá-la. - Gage pisa em seu rosto, virando o rosto do cara para longe de mim para que ele não esteja olhando para mim.

Gage caminha até mim e me entrega minhas roupas. — Vista-se querida. - Ele coloca a mão no meu rosto por um segundo, antes de sair do banheiro fechando a porta atrás dele.

Um segundo depois, ouço gritos de gelar o sangue.

GAGE

Eu tinha colocado minhas próprias roupas e estava trazendo as de River quando vi a porra do Teal parado do lado de fora do banheiro cuspidando merda. Fúria diferente de tudo que eu já senti antes me estimulou a entrar em movimento e não vi nada além de vermelho.

Filho da puta de merda.

Fecho a porta do banheiro. O olhar de medo em seu rosto, sua vulnerabilidade, está fodendo com a minha cabeça.

Teal me encara com horror. — Olha cara, não podemos deixar essas vadias ficarem entre nós. Eu vim aqui para ver se podemos resolver isso.

Olho para ele com nojo do caralho que ele pensa que eu iria ouvi-lo ou me relacionar.

— Eu avisei você, Teal. Eu te avisei da merda que aconteceria se você não fosse embora. - Pego meu telefone e mando uma mensagem para o 911 para os meus caras para trazerem suas bundas para cá. Eu quero saber como diabos ele conseguiu entrar no portão.

Ando até ele. — Você a viu em sua toalha? - Eu sei a resposta para isso, mas quero ouvi-lo falar a verdade.

Ele balança a cabeça negativamente, pressiono minha mão em sua garganta. — A porra da verdade.

Ele acena com a cabeça. — Sinto muito.

Eu sorrio. — Que bom, seu filho da puta. - Eu bato em seu rosto com força como se estivesse dando um tapinha nele. Eu o agarro pelos braços, puxando-o para fora do nosso quarto, não querendo que ela o veja.

Ele grita loucamente e as palavras que ele disse a ela ressoam repetidamente na minha cabeça.

Ele está aqui para ela, ele estava aqui para ela. Ele queria mantê-la para si mesmo.

Cada vez que flui pela minha mente, mais eu quero rasgá-lo em pedaços.

Eu o levo escada abaixo, seu corpo sacudindo a cada passo. Eu rio quando ele grita, colocando a mão na barriga.

Ele é uma cadela, ele tinha que ameaçar e confrontar uma mulher quando ela estava vulnerável. A porta se abre no andar de baixo e Knight e Royal entram correndo, parando ao me ver arrastando Teal para baixo do degrau.

Eu posso ver a mudança neles instantaneamente quando eles reconhecem quem é. — Que porra ele está fazendo aqui? - Royal pergunta, ajudando-me a arrastá-lo para a cozinha. Eu o soltei, fazendo sua cabeça bater no chão com um baque.

— Isso é o que eu quero saber, porra, - eu rosno e piso em sua garganta com o meu pé querendo nada mais do que esmagar a porra do seu pescoço.

— Eu estava no closet pegando as roupas dela, quando ele entrou no banheiro como se fosse o dono daquela merda. Ele invadiu o banheiro, onde ela estava em uma toalha. Ele tinha uma porra de uma arma apontada para ela. - Cerro os punhos tentando me impedir de matá-lo, ele não merece uma morte rápida. — Ele queria matá-la, mas depois decidiu que não iria porque precisava descobrir o que me deixou tão extasiado com sua boceta. - Estou dez vezes mais enojado repetindo suas palavras de volta.

— Por favor, cara, eu estou sangrando, - ele se vira para mim e implora.

Pego uma colher do balcão. — Eu lhe disse uma vez para nunca olhar para ela, mas você olhou. - Eu mantenho seu olho aberto, colocando a colher sob seu globo ocular, puxando-a para fora de sua órbita.

Eu rio da forma como seu corpo está se debatendo, os gritos e súplicas. — Devo tirar o outro olho? - Pergunto aos caras.

Knight ri. — Acho que ele precisa ser capaz de ver o que planejamos para ele. Você não mexe com o que é nosso a menos que queira enfrentar as consequências. Farei com que os prospectos o deixem no clube.

Minha raiva aumenta ao pensar em quem o deixou entrar. — Precisamos descobrir quem diabos o deixou entrar. Eles vão se arrepender dessa merda.

— Eu posso lidar com isso para você. - River entra na sala, observando a cena. — Por que você não tirou o outro olho? - ela me pergunta. Caminha até mim e olha para ele. — Parece que você é a vadia aqui, hein?

Eu sorrio e olho para os caras que estão sorrindo para ela. — Talvez eu mesma pegue esse. Oh espere, tenho uma ideia melhor. Você tinha planos para mim, hein? - Ela estende a mão e pega uma faca do balcão.

Ela o arrasta para baixo de suas calças, cortando-as. — Ohh você não está usando cuecas. Merda, não há nada para eu cortar.

Caí na gargalhada. Ela me olha piscando. — Oh, me desculpe por piscar, tenho certeza de que é difícil para você. - Tento não rir novamente.

— Agora me diga qual era o seu plano para mim? Eu odiaria cortar o seu pequenino, ser estúpido.

Ela pressiona a ponta da faca em seu pau. — Espere, isso é mesmo o seu pau? - Ela pressiona com mais força, esperando até que ele grite. — Bem, eu acho que sim. Muito confiante para um

pau como esse. - Ela estala os dedos. — Bem, não é de admirar que você seja assim então!

Cubro minha boca tentando não rir, amo vê-la assim. Os caras estão lutando para não rir também.

Mas Teal, por outro lado, está soluçando, arranhando o chão tentando se arrastar, mas não tenho simpatia por ele, ele é um pedaço de merda.

— Diga-me. - Ela passa a lâmina em seu pau.

Eu me viro e rio silenciosamente. Viro-me de volta e ela está tentando não se engasgar. — Merda, você não toma banho? - Ela o desarmou completamente até que ele está literalmente cagando sob seus pés.

— Sabe, estou com muito nojo dele. - Ela torce o nariz para ele, joga a faca no balcão e lava as mãos.

Eu rio novamente, lágrimas enchendo meus olhos. Ela sacode as mãos, sacudindo as gotas de água.

— Vocês vão se livrar dele e eu vou fazer o café da manhã. - Ela afasta a mão dele e vai até a geladeira tirando os ovos.

Eu só acho que me apaixonei por ela. Quero arrancar suas roupas e devorar sua boceta.

Há uma batida na porta e Royal vai atender. Ando até River, envolvendo meus braços ao redor de sua cintura, beijando sua bochecha. Olho para trás e vejo que os prospectos estão arrastando Teal.

— Quando eu chegar ao clube é melhor vocês terem nomes para mim sobre quem o deixou entrar. - Eles correm com ele a reboque. — Assim que vocês o acomodem, voltem e limpem o sangue da minha casa.

Eles acenam com a cabeça e saem e Royal e Knight os seguem, dando-nos privacidade.

Eu a pego e a coloco no balcão, querendo que ela olhe para mim. — Você está bem, baby? Eu sinto muito que isso tenha acontecido, - peço desculpas a ela.

Ela balança a cabeça. — Não, não se desculpe. A culpa não é sua, algumas pessoas são fodidas da cabeça.

Eu suspiro, beijando sua testa. — Eu só não gosto de alguém fodendo com você. Essa merda não é tolerada comigo.

Ela fecha os olhos, envolvendo os braços em volta da minha cintura. — Esta manhã foi incrível. - Ela me olha com um lindo sorriso no rosto.

Eu seguro seu rosto. — Foi o melhor momento da minha vida, baby. - Eu a beijo, amando o jeito que ela afunda em meus braços, em mim.

Minha mão afunda em seu cabelo, arrancando-o de seu coque, amando a sensação quando ele desliza pelas costas. Eu rosno, puxando-a mais forte contra mim, agarrando sua bunda para moê-la contra mim.

Eu me afasto, puxando seu cabelo para o lado e deixando seu lindo pescoço livre para que eu possa amar.

— Deus, eu poderia comer você viva.

Ela geme, move as pernas para que possa se esfregar em mim.
— Assim que eu matar esse filho da puta, eu quero terminar isso.
- Eu a beijo com força uma última vez antes de ajudá-la a descer do balcão.

— Agora, prepare meu café da manhã, mulher, - brinco, batendo em sua bunda.

Ela ri, abrindo a caixa de ovos. — Vá em frente, perdedor, - ela me zomba.

No segundo que saio da cozinha, meu sorriso cai sabendo que vou precisar descobrir quem o deixou entrar e colocar minha mulher em perigo.

Eu subo na minha motocicleta, acelerando para a sede do clube. Meus irmãos acenam para mim quando me veem entrando.

Os prospectos estão no sofá esperando por mim. Fico na frente deles com os braços cruzados. — Então, quem foi, diabos? - Eu pergunto.

Eles olham um para o outro. — Nós não sabemos.

RIVER

Pego meu laptop e decido rever as imagens de quem o deixou entrar, porque era a mim que ele queria.

Não gosto de estar em perigo e não vou mentir isso me deixou com raiva. Suspiro e assisto a filmagem.

Minha boca se abre em choque, vendo aquela cadela com quem lutei na outra noite, digitando um código e apenas deixando-o entrar. Ele sorri para ela, beija-a nos lábios e se exhibe.

Ranjo meus dentes, irritada que essa cadela tenha mostrado seu rosto novamente. É hora de eu caçá-la e cuidar dos negócios pela última vez.

Fecho o laptop, desligo o fogão e vou até a sede do clube.

Quando entro, Gage está parado na frente dos prospectos. — Gage, - eu chamo.

Ele se vira para olhar para mim e fica chocado ao me ver aqui. — Descobri quem o deixou entrar. — Abro meu laptop e o coloco na mesa deixando o feed tocar para todos na sala.

A mandíbula de Gage aperta. Pego sua mão e a seguro na minha, aliviando seu aperto. — Parece que estou caçando uma cadela. - Sorrio para os caras na sala, empurrando o laptop para perto.

Gage sorri, balançando a cabeça. — Parece que temos que apoiar minha garota. - Ele bate na minha bunda e eu me sento no sofá, trabalhando no meu laptop, obtendo todas as informações sobre ela.

Todos eles desaparecem no andar de baixo para a câmara de tortura, deixando-me com os prospectos. Um deles finalmente sai da sede do clube com um limpador de tapetes.

Cubro meu sorriso e percebo que um dos caras está olhando por cima do meu ombro me observando. — Qual o seu nome? - Pergunto-lhe. Ele parece ter pouco mais de dezoito anos de idade.

Ele sorri timidamente. — Meu nome é Leland.

Eu sorrio de volta para ele. — Bem Leland, quantos anos você tem? Você parece jovem para ser um prospecto.

— Royal é meu primo, ele deu uma boa indicação para eu fazer parte do clube.

— Isso é legal da parte dele. Quer aprender a fazer isso? - Eu pergunto a ele, percebendo que isso está despertando seu interesse.

Ele concorda. — Eu adoraria aprender.

Eu me afasto para que ele possa ver melhor, e passo pelo básico com ele, apenas o suficiente para começar. Talvez eu possa criar meu próprio pequeno prodígio. Oh, o caos que poderíamos trazer.

GAGE

Quando chego lá no porão, a “sala da justiça”, fico emocionado ao ver que eles o colocaram de bruços no chão com as costas expostas, principalmente quando vejo a tatuagem.

Uma que ele não deveria ter devido ao seu desrespeito. Ele não ganhou o direito de fazer essa tatuagem.

— Que porra é essa nas suas costas? - Eu grito, chutando-o para que possa ver seu rosto patético. Ele está olhando ao redor da sala com medo. Andrey, meu executor, vem para o meu lado.

Andrey é um filho da puta malvado, ele é intenso, e eu não tenho medo de ninguém, mas se eu tivesse que temer alguém, com certeza seria ele.

Andrey não fala, apenas caminha até a parede que tem todos os aparelhos de tortura que usamos. Andrey tem sua etiqueta, então ninguém fode com sua merda.

Ele levanta a tocha e uma faca de esfolar da parede. — Sua escolha, Andrey. - Ele não merece que o ceifador venha pegá-lo com isso nas costas.

Eu me afasto enquanto Andrey olha entre os dois finalmente decidindo sobre a tocha. Este é o território dele, é o lugar dele para recuperá-lo.

Teal vê a tocha e começa a gritar, é um grito de gelar o sangue, que balança as paredes. Andrey fica com um olhar irritado em seu rosto, ele estende a mão para a parede e pega um pano, enfiando-o na boca para parar os sons altos.

A porta se abre e Terror entra. — Sua mulher colocou o pequeno Leland sob sua asa.

Royal sorri. — Bom, ele precisa de algumas mulheres em sua vida.

Leland passou por uma situação difícil. Sua mãe e seu pai o abandonaram. Ele era um sem-teto até que Royal o encontrou e o trouxe para o clube.

Ele é da família, então recebe um pouco do tratamento real em comparação com a maioria dos prospectos, ele não tem que provar a si mesmo como os outros. — Acho que ela mencionou um prodígio. - Eu rio e ouvimos Teal se arrastando no chão.

Eu suspiro, odeio ter que lidar com esse maldito perdedor depois da manhã incrível que acabamos de ter juntos.

Todos damos dois passos para trás e Andrey acende a tocha. Ele se senta no chão, inspecionando a pele de Teal como se fosse à coisa mais importante para ele.

Eu balanço minha cabeça, ele é um filho da puta louco, mas é nosso irmão. Nós morreríamos um pelo outro, começamos este clube porque não nos enquadrávamos com os outros.

Ignoramos o choro de Teal. Qualquer remorso que eu tinha por ele se foi no segundo em que ele voltou, quando pedi que não voltasse. Eu o poupei uma vez e isso não vai acontecer novamente.

Andrey olha para mim. Eu aceno dando-lhe o aval. Teal grita, afastando-se da chama, mas é inútil.

Observamos aos poucos como a chama escurece a tinta em suas costas, tirando o símbolo. Uma vez que se foi, posso respirar. Este clube é a nossa vida e levamos a sério quando alguém leva o que não existe.

Construímos este clube do nada, é nosso.

Sua respiração é superficial, eu sei que ele não estará vivo por muito mais tempo. Pego minha arma, pressionando-a em sua cabeça, desejando que seu único olho se abra. Quero que meu rosto seja a última coisa que ele veja, que seja aquela que o assombra no inferno.

Seu olho se abre. — Aproveite o inferno, filho da puta. - Puxo o gatilho, ouvindo o último suspiro. Entrego minha arma para Andrey, ele a pega e me entrega outra que coloco no coldre.

Eu olho para os caras. — Precisamos ser mais rigorosos com os prospectos, sem mais aleatoriedades. Só permitiremos pessoas pelas quais podemos atestar. Não podemos arriscar River e Penélope. Elas são nossas prioridades e todas as futuras mulheres que vocês trouxerem para o nosso clube.

Eles colocam a mão sobre o coração, balançando a cabeça.

— Eu estou indo para a minha mulher. - Dou um tapinha nas costas dos meus irmãos a caminho da porta.

Encontro River sentada no sofá com Leland, que está observando cada movimento, bem como tomando notas.

Ela olha para cima e quando me vê seus olhos se iluminam. Me atinge bem na porra do peito que esse olhar é para mim.

— Pronta para sair daqui? - Eu pergunto a ela.

Ela acena com a cabeça e Leland pega seu laptop até ela ficar de pé, entregando-o de volta para ela. — Amanhã, que tal você me encontrar e vamos discutir mais algumas coisas? - ela pergunta a ele.

Leland parece que ela acabou de ganhar o mundo. — Eu adoraria isso.

Ela acena para ele e eu quero jogá-la por cima do meu ombro e arrastá-la para longe de todos, egoisticamente querendo-a só para mim.

RIVER

Gage me coloca na garupa de sua moto, subindo na minha frente. — Vamos almoçar, já que nunca tomamos café da manhã.

— Combinado. - Eu pulo todo o caminho para frente até que meu corpo esteja colado contra ele do jeito que ele gosta.

— Essa é a minha garota, - ele elogia e eu tremo todo o caminho até meus pés.

Eu sou um caso perdido para este homem.

Ele liga a moto e o portão é aberto por um prospecto que não olha Gage nos olhos. Aposto que eles levaram uns chutes na bunda sobre o portão antes que eu dissesse a Gage que era *ela*.

Nem vale a pena dizer o nome dela.

Eu sei onde ela mora, sua família mora e alguém muito especial que está mantendo-a por perto, pagando seu apartamento, *etc*.

Vou fazer da sua vida um inferno. Vou congelar as contas dele para que ele não dê mais nada para ela, ela vai perder o lugar e isso é só o começo.

Eu sei, sem dúvida em minha mente, eles planejaram isso para me machucar. Além disso, ele poderia ter machucado Gage. Descanso minha cabeça nas costas de Gage, pensando nisso.

Deus, eu não acho que eu poderia sobreviver a alguém o machucando, ou algo acontecendo com ele.

Acabei de tê-lo na minha vida e não consigo imaginar a vida sem ele agora.

Um restaurante aparece e minha boca saliva ao pensar em panquecas e bacon.

Ele estaciona a moto em direção à entrada, pega minha mão e me ajuda a descer. Ele olha ao redor do estacionamento, inspecionando todos pela janela.

Empurra a porta e encontra uma cabine na parte de trás do prédio, de modo que fica de frente para todos e para a porta.

Eu deslizo primeiro e ele entra ao meu lado, deixando o assento na nossa frente vazio. A garçonete deixa alguns menus a caminho de servir outras pessoas.

— Ele está morto? - pergunto a ele em um tom baixo, sabendo a resposta.

Ele concorda. — Sim, ele está morto.

Solto uma respiração lenta. Eu deveria estar chateada que uma vida foi tirada, mas não tenho nenhum remorso em meu corpo.

— Bom. - Abro o menu e meus olhos vão direto para as opções de panquecas.

Gage ri. — Acho que matá-lo foi à parte mais fácil, você o desarmou. - Ele ri um pouco mais forte quanto mais pensa sobre isso.

Eu rio também porque, com toda a honestidade, é realmente insano. Coloquei uma faca nas bolas de um homem e depois zombei dele por ter um pau pequeno.

Gage não pode se relacionar nesse departamento. Falando nisso, eu me mexo um pouco no meu assento, começando a me sentir dolorida pelas atividades desta manhã.

A garçonete se aproxima e pega nosso pedido. Descanso minha cabeça no ombro de Gage. — Onde você está me levando esta noite? - pergunto animada.

Ele beija o topo da minha cabeça. — Eu tenho essa merda planejada, é uma surpresa.

Sorrio em seu ombro amando que ele tenha pensado nisso. Movo minha mão e entrelaço nossos dedos.

Agora, sinto-me tão segura com ele. Mesmo que eu estivesse em perigo mais cedo com Teal, eu sabia que Gage teria me protegido.

Assim que voltarmos, vou começar minha lenta vingança contra aquela vadia, Gretchen. — Então, Gretchen vai enfrentar minha ira, mas ela vai se machucar de uma maneira muito lenta. Eu vou tirar tudo dela. - A excitação me atinge, adoro quando posso usar minhas habilidades de computador para a maldade. Gage tem o mesmo sorriso no rosto que o meu. — Porra, eu amo quando você é má, - ele se gaba de mim.

Gage coloca a mão na minha coxa, movendo-se até ficar entre as minhas pernas, apenas descansando lá. Eu amo a diferença drástica entre nós. O jeito que sua mão é bronzeada, as tatuagens e minha completa palidez pelas vantagens de ser ruiva.

— Preciso conhecer sua mãe, considerando que conheci seu pai.

Eu rio. — Sim, você não teve muita escolha nisso.

Gage dá de ombros. — Gosto que ele te ame o suficiente para fazer o que puder para ter você de volta e mantê-la segura. Agora é meu trabalho. - Ele puxa meu rosto para frente, me beijando, lenta e profundamente.

Deus, eu acho que nunca vou me acostumar com ele.

Corro minha mão pelo seu lado, querendo deslizar minha mão sob sua camisa e sentir aquele corpo incrível por baixo.

Ele lambe meus lábios, beijando o canto da minha boca. Ele está completamente imperturbável, e eu sinto que poderia desmaiar a qualquer momento depois disso.

A garçonete se apresenta e coloca nossos pratos na nossa frente. — Caramba, acho que engravidei só de testemunhar isso. - Ela ri, mas sinto conforto em sua voz áspera e rouca de fumante.

Meu rosto queima de vergonha, mas Gage está orgulhoso do fato. — Esse é todo o plano, - ele admite para ela.

Oh meu Deus.

Ela ri mais alto. — Agora isso é um homem. Nós, mulheres, fomos feitas para engravidar e cuidar de crianças. - Sua voz está ficando mais grossa com um sotaque country quanto mais ela fala.

Ela olha para as minhas pernas. — Agora, você provavelmente poderia engordar um pouco.

Estou morrendo de vontade de cobrir meu rosto e me esconder dessa senhora e suas noções ridículas. Estou de volta aos anos cinquenta?

Gage está rindo com ela. — Mas se ela não te der esses bebês, eu posso estar velha, mas esses lombos ainda estão funcionando. - Ela dá um tapinha no ombro dele, pisca e vai embora.

Eu olho para ela em choque que ela disse isso para ele, na minha frente. — Que porra é essa?

Gage fica horrorizado, olhando para sua figura em retirada. — Vamos comer e sair daqui antes que ela tente me sequestrar para roubar meu esperma. - Ele diz isso brincando, mas está olhando para ela como um falcão.

Acho que ele pode estar um pouco preocupado.

Tento não mostrar minha diversão em como isso foi virado para ele. Olho para ela e ela está olhando para Gage.

Ele olha para ela e ela faz um pequeno aceno de dedo com as unhas manchadas de fumaça de cigarro.

Ele olha para baixo imediatamente, praticamente se enterrando em sua comida. O que eu faço? Eu tomo meu tempo lentamente comendo cada pequena mordida.

Assim que termino a última mordida, ele praticamente me arrasta para fora do banco, jogando dinheiro para pagar a conta.

Uma vez que estamos do lado de fora, eu a vejo saindo pela porta em nossa direção. — Foda-me, - ele rosna, praticamente me levantando na moto para que possamos nos apressar e sair.

Ela está na calçada olhando para Gage como se ele tivesse partido seu coração. Eu coloco meu rosto em suas costas rindo.

Aceno para ela e ela me dá um olhar esnobe e desliza de volta para dentro nos observando sair. Gage está nos levando para casa, o que estou meio agradecida porque minhas partes femininas e esta moto não estão se dando bem agora.

O portão é aberto por Leland. Aceno para ele e ele acena de volta, em seguida, chega ao interior do prédio levantando um laptop me informando que ele está praticando.

Gage estaciona a moto na garagem e me ajuda a descer da moto. — Quer tirar uma soneca? - Eu pergunto, pegando sua mão.

— Foda-se, sim.

Dentro da casa, o sangue desapareceu. Os prospectos fizeram um ótimo trabalho de limpeza. Gage bate em meus braços, querendo que eu os levante. Ele tira minha camisa, levando meu sutiã com ela. — Sente sua bunda. - Ele me encoraja a sentar na cama para que possa tirar minha legging.

Ele morde o nó do dedo olhando para mim. — Porra, eu gostaria de poder mantê-la assim para sempre.

Ele pressiona o dedo no centro do meu peito, arrastando-o para o meu estômago. — Eu quero segurar minha mulher. - Sua voz é áspera, profunda e faz algo comigo.

Ele tira suas roupas e eu observo cada pequeno movimento, absorvendo-o. Seu corpo está fora deste mundo lindo.

Rastejo até o topo da cama puxando o cobertor sobre mim para que eu não esteja apenas sentada aqui nua.

Ele desliza ao meu lado, puxando-me praticamente em cima dele. — Minha mente pisca ao pensar que algo poderia acontecer com você. Eu gostaria de poder trazer Teal de volta cem vezes para puni-lo por colocar esse medo em seus olhos.

Fecho meus olhos, aconchegando-me mais fundo. — Estou bem e não vou a lugar nenhum, Gage. - Levanto minha cabeça para cima o suficiente para que possa beijá-lo docemente nos lábios.

Ele suspira, segurando-me mais apertado. — Eu não vou ser legal quando se trata de você e sua segurança, vou matar todo mundo.

Ah, merda.

— Eu vou fazer o mesmo por você, - admito para ele.

Ele sorri para mim, e amo o jeito que alcança seus olhos. Esfrego meus polegares em suas maçãs do rosto. — Você está dolorida? Precisa de um Tylenol?

Balanço minha cabeça. — Estou dolorida, não vou mentir, mas não é horrível.

Ele fecha os olhos, rosnando. — Deixe-me pegar alguns remédios. - Ele sai de debaixo de mim e vai para o banheiro.

Ele quer me engravidar. Como ele acha que vai ser o trabalho de parto se eu conseguir engravidar?

Ele volta com dois comprimidos e um copo de água. — Já que você está dolorida, vou chamar os prospectos para pegar o jantar e podemos relaxar. - Ele empurra meu cabelo sobre meu ombro, estudando-o por um momento.

— Ok. - Eu amo a ideia de relaxar o dia todo com ele.

Ele coloca a água na mesa de cabeceira e pega minha escova de cabelo. Ele desliza atrás de mim na cama, suas pernas de cada lado de mim. — O que você está fazendo? - Eu olho de volta para ele.

Ele gira o dedo gesticulando para eu me virar. Faço o que ele pede. Ele chega ao meu redor e puxa o cobertor na minha frente para ter certeza de que estou quente.

No segundo em que as cerdas roçam no meu couro cabeludo, eu suspiro. — Esta é a minha fraqueza, - eu gemo.

Eu suspiro, fechando meus olhos no céu com cada pequeno golpe.

Meu cabelo é empurrado para o lado do meu ombro, ele me beija onde meu ombro encontra meu pescoço.

— Descanse baby, - ele me diz e eu relaxo nele, adormecendo em minutos.

GAGE

Eu rio baixinho no segundo em que ouço sua respiração à noite, ela caiu no sono.

Eu gentilmente a levanto, tentando não a acordar e a coloco no travesseiro ao meu lado. Puxo o cobertor, cobrindo-a.

Eu sei, sem dúvida, mataria todos à minha vista por ela, queimaria a terra por ela, não importa quem estivesse no meu caminho, porque meu caminho é ela.

— Doce anjo, - eu sussurro deitado ao lado dela, passando meu braço em volta de sua cintura. Ela se aconchega de volta em mim inconscientemente.

CAPÍTULO 9

RIVER

Não tenho certeza de quanto tempo dormi, mas quando acordo Gage não está deitado ao meu lado.

Saio da cama bocejando. Deslizo em uma de suas camisas que poderia passar como um vestido em mim. Ouço um barulho lá embaixo e desço, notando que as luzes da sala estão apagadas.

No último degrau, tenho uma boa visão da sala de estar. Na mesa de café está servido o jantar para nós dois, o vinho está servido e as velas estão acesas. A luz da sala é reduzida para criar um brilho romântico, um filme na TV, pausado.

Meu coração.

Ele olha para cima quando me sente ali olhando para ele. Levanta a mão para mim e ando até ele, deslizando minha mão na dele.

— Isso é lindo, Gage, - eu elogio.

Ele beija minha mão e me coloca ao lado dele no chão, que tem travesseiros e cobertores espalhados como um pequeno piquenique no chão.

Ele move um travesseiro para eu sentar e olho para a refeição na minha frente: bife e lagosta com purê de alho.

Ele realmente passou por um grande esforço para torná-lo especial para mim. — Você merece isso. - Ele beija minha bochecha e sorrio para sua doçura.

Ele estende a mão e pega minha faca e garfo do meu prato. — Deixe-me cortar seu bife para você, não quero que você abra suas feridas em seus pulsos.

Sento-me e observo enquanto ele corta atentamente pequenos pedaços de bife para mim. Cubro minha boca com minha mão, para que ele não veja o quão adorável ele é por fazer isso.

— Aí. - Ele coloca meu garfo no prato e a faca na mesa. — Isso foi tão doce. - Eu aperto seu antebraço, antes de dar uma mordida no bife. — Oh meu Deus, isso é surreal.

Posso senti-lo me observando. — Tenho inveja da porra de um bife.

Eu rio e me inclino, colocando minha cabeça em seu ombro por um segundo. — Nada é tão bom quanto você. - Eu pisco.

Posso ver o segundo em que minhas palavras o atingiram. — Talvez eu tenha que provar um pouco mais tarde.

Minha frequência cardíaca acelera com o que ele está querendo dizer. — Você está flertando comigo? - Eu dou uma mordida na minha lagosta.

Ele sorri. — Querida, é uma promessa.

Ele acaricia o dedo na minha bochecha, onde eu sei que meu rosto está avermelhado. Ele bifurca um pedaço do meu bife, alimentando-o para mim.

Esse momento é perfeito, é simples, pequeno, mas estar aqui assistindo um filme e tendo um jantar incrível com ele é tudo.

Termino minha comida me sentindo cheia. Ele esfrega minha barriga através da minha camisa. — Minha garota está cheia?

— Recheada.

Suas sobrancelhas arqueiam para mim dizendo recheada, balançando-as. — Gage. - Eu rio, batendo levemente no peito dele.

Ele ri também, então se abaixa e me pega, colocando-me no sofá. Ele me puxa entre suas pernas, nós dois espalhados ao longo do sofá.

Estendo a mão e pego o cobertor sobre as costas do sofá cobrindo nós dois. Ele passa a mão pelo meu cabelo. — Você conhece minha fraqueza.

Ele beija o topo da minha cabeça, aconchegando-me mais apertado contra ele. — Você me faz sentir tão segura. - A sensação me domina.

Ele para de se mover, deixando minhas palavras penetrarem. — Foda-se, baby, isso é tudo que eu quero.

Viro a cabeça para poder olhar para ele. — Você sabe, no segundo em que entrou na cabana eu sabia que estava segura. É por isso que não hesitei em ir com você. - Estou sendo aberta agora com ele.

Ele me beija, segurando meu rosto com ternura. Eu posso sentir as emoções naquele beijo, o nível de conforto com ele é irreal.

— No segundo em que te vi, soube que você é a pessoa com quem eu deveria estar sem dúvida.

Giro em seus braços até que estou sentada em seu colo, minhas pernas de cada lado dele. O filme esquecido, suas mãos se movem para minha bunda me puxando mais apertado contra ele. Posso senti-lo endurecer entre minhas pernas.

Eu não posso lutar contra o desejo de mover meus quadris, esfregando contra ele. Ele rosna me puxando para um beijo poderoso.

Deus, eu preciso dele.

Ele serpenteia a mão entre as minhas pernas. Não estou usando calcinha, então seus dedos tocam minha umidade.

Ele esfrega meu clitóris, suavemente. Meus olhos rolam na parte de trás da minha cabeça e ele observa cada emoção minha, cada atração de prazer que ele pode obter de mim.

Eu suspiro quando ele lentamente desliza um dedo dentro de mim. Ignoro a leve queimação de estar dolorida e no segundo que ele rola meu clitóris, eu morro.

Caio para frente descansando minha cabeça em seu peito, montando sua mão, lutando para encontrar meu orgasmo.

— Eu posso sentir o quão perto você está, - ele sussurra em meu ouvido. — Eu amo que você está pegando o que você precisa de mim. - Ele mordisca minha orelha. — Quero sentir você desmoronar.

Essas palavras me afetam e eu gozo duro com ele. — Deus, o jeito que você goza me deixa louco. - Eu solto uma respiração profunda, tentando me acalmar. — Você me deixa louca, - eu engasgo tentando respirar.

Ele ri. — Oh, o sentimento é mútuo, Sugar.

Eu sento me sentindo mal. — Aqui, deixe-me cuidar de você.

Ele balança a cabeça negativamente, impedindo-me. — Isso foi sobre você, baby.

Olho para ele, confusa, tipo como ele é real? É tão difícil acreditar que ele é meu.

— Isso me faz sentir mal. Não quero sentir que estou negligenciando você.

Ele revira os olhos para mim. — Você não entende que eu tenho prazer com o seu prazer? Eu amo o jeito que você se desfaz sob mim. Amo o jeito que seus olhos reviram quando você goza. Amo tudo isso. Não se sinta mal por mim, porque o jeito que você fica quando desmorona por minha causa é prazer suficiente para me manter para sempre. O seu prazer é o meu prazer. Então deite sua bunda aqui e assista a esse filme que eu aluguei, - diz ele brincando no final.

— Você vai ser a minha morte, Gage. - Ele ri e me puxa em seus braços me abraçando. — Deus, você é tão fofa. Não tenho certeza se posso aguentar isso.

— É melhor você se acostumar e aguentar porque não vou a lugar nenhum. - Dou-lhe um olhar atrevido, deixando-o saber que estou falando sério. — Estou pronta para arrebentar a bunda de Gretchen pela maneira como ela agiu. Eu deveria ter raspado a

cabeça dela, - eu rosno, odiando que eu a tenha deixado ir porque ela tem sido um pé no saco desde então.

Ele ri, abraçando-me um pouco mais apertado. — Veja, tão foddidamente fofa. Eu amo quando você é cruel. - Reviro os olhos, só ele pensaria que eu sou fofa por querer fazer algo assim. O filme termina e ele pergunta: — Pronta para subir as escadas?

Eu aceno e me levanto e ele me dá um sorriso malicioso. Ele se inclina, jogando-me por cima do ombro e eu rio. — Ei, minha bunda está de fora.

— Oh, realmente, deixe-me verificar para ter certeza. - Ele passa a mão pelas minhas pernas até a minha bunda e me dá um tapinha. — Bem, hein, acho que você está certa, - ele brinca.

Eu rio quando me abaixo e aperto as bochechas de sua bunda através de suas calças. — Você sabe que eu estou com ciúmes. Você tem uma bunda mais bonita do que eu.

— Os homens não têm bundas bonitas, - ele argumenta.

— Uhh, eu odeio dizer isso a você Gage, mas você tem uma bunda grande e apertada.

Neste ponto, chegamos ao nosso quarto, ele me coloca na cama e olho para ele. Eu mordo meu lábio pensando em como ele estava dentro de mim hoje cedo, cheio até a borda.

Ele dá um passo para trás, levantando a mão. — Não, não. Não me olhe assim. Você está muito dolorida para eu fazer com você o que quero.

Eu faço beicinho desapontada, seus olhos se arregalam, e ele dá outro passo para trás. — Preciso de um banho frio. - Ele

praticamente sai correndo do quarto. Ouço a água ligar e ele começa a gritar com a frieza dela.

Enterro meu rosto no travesseiro rindo. Se ele tivesse me deixado cuidar dele como eu queria, então ele não teria que fazer isso.

Um minuto depois ele volta em apenas uma toalha, baixa em seus quadris mostrando aquele lindo V que leva ao seu pau.

— Ei. - Ele sorri.

— Bem, só porque eu não posso fazer sexo não significa que não podemos brincar. - Eu faço beicinho, querendo tocá-lo.

Ele olha para o teto como se eu fosse ser a morte dele, não posso evitar. — É sua culpa, porém, você me fez assim.

Caio de volta na cama, gemendo e esfregando meus olhos. Ele deixa cair a toalha e eu quero gritar com a tortura.

Ele fica ao lado da cama, segurando minha camisa levantando-a sobre minha cabeça, deixando-me nua. Eu estendo a mão e o seguro em minha mão. Deus, ele é enorme.

Ele sibila, jogando a cabeça para trás. — Eu estava tentando ser um cavalheiro, - ele confessa.

Olho para ele, sorrindo, minha boca posicionada logo acima de seu pau. — Baby, se eu quisesse um cavalheiro, eu chamaria um banqueiro.

Seus olhos escurecem com o pensamento de eu querer outra pessoa. — Abra, - ele rosna, agarrando a parte de trás do meu

cabelo, o suficiente para chamar minha atenção, mas o suficiente para não me machucar.

A excitação flui através de mim. Abro a boca, olhando para ele, adorando as caras que ele faz quando estou dando prazer a ele.

Ele lentamente desliza dentro da minha boca, sua outra mão se movendo pelo meu corpo até a minha boceta, correndo o dedo pela minha umidade. — Você está encharcada para mim.

Eu gemo quando ele desliza um dedo em mim e separa minhas pernas para dar-lhe mais acesso.

Eu não me importo se estou dolorida ou não, eu preciso dele. Eu o puxo para fora da minha boca. — Deus, apenas me foda, Gage, - eu praticamente imploro a ele.

Ele ri segurando minha garganta. — O que minha boa menina quiser.

Se ele não estivesse me segurando, eu teria caído da cama com seus elogios. Ele dá um passo para trás e me admira por um segundo. — Eu não quero te machucar. Se eu fizer isso, é melhor você me dizer, porra, - ele me avisa.

Prefiro morrer a fazê-lo parar.

Eu aceno com a cabeça em concordância de qualquer maneira. Ele sobe na cama ao meu lado e me levanta. — Sente-se na minha cara, querida. Eu quero me afogar na sua boceta. — Ele agarra as bochechas da minha bunda, puxando-me com força em seu rosto, lambendo minhas dobras.

É intenso porque estou extremamente sensível do meu orgasmo mais cedo lá embaixo. Agarro a cabeceira da cama,

gemendo. Minhas pernas não podem nem me segurar neste momento, ele está fazendo todo o trabalho.

— Não aguento. - Eu descanso minha cabeça contra a parede. Gage está me comendo como se este fosse o trabalho dele. Suas mãos estão flexionando, puxando-me para onde quer que ele me queira, sua língua se enterrando dentro de mim.

Tudo o que posso fazer é aguentar firme, minhas pernas estão tremendo. Meu orgasmo está ao meu alcance, e eu estou precisando muito dele. — Eu vou gozar, - eu suspiro quando isso me atinge com força, meu corpo inteiro tremendo da cabeça aos pés.

Eu me inclino tentando deitar na cama, mas ele me segura e continua sua tortura, arrastando-a cada vez mais.

Eu tento me levantar, empurrando sua boca para longe de mim. Olho para baixo e vejo aquele olhar maligno em seus olhos.

Ah, merda.

Ele aperta com mais força minhas pernas, não me deixando escapar. Não demora muito, mas eu gozo ainda mais forte. Meu corpo está fora do meu controle e eu só tenho que deixar isso acontecer.

Após este ele para, movendo-me para baixo de seu corpo, sentando-se comigo e me segurando. — Você acabou de me matar, acho que morri.

Ele ri. — Bom.

Eu olho para ele. — E o que é bom?

Ele só tem aquele sorriso no rosto, como se não se importasse. Eu o sinto entre minhas pernas, quero ver se consigo fazer isso sozinha, mas também estou com medo.

Seu sorriso cai quando ele vê meu rosto. — Qual é o problema?

Eu mordo meu lábio sem saber se soa coxo. — Eu meio que quero tentar por cima, mas não sei o que estou fazendo. - Olho para seu peito, não querendo encontrar seus olhos porque me sinto insegura.

Ele inclina minha cabeça, então eu estou olhando para ele. — Querida, não há nada que você possa fazer de errado. Se é bom para você, então é bom para mim.

Beijo seus lábios, amando que ele tenha certeza de me tranquilizar.

Ele nos empurra de volta até que ele está encostado na cabeceira da cama. Chego atrás de mim, segurando-o na minha mão e lentamente recuo até senti-lo na minha entrada.

Ele me estabiliza, segurando meus quadris em seu aperto, ajudando-me. Sua cabeça desliza para dentro de mim e eu fecho meus olhos apreciando a sensação dele.

Gage se senta, envolvendo seus braços em volta de mim, segurando-me. Pouco a pouco eu afundo nele, a dor é quase imperceptível. A única coisa que posso sentir é puro prazer.

— Como eu amo a maneira que você se sente dentro de mim, - eu gemo, movendo meus quadris.

Ele rosna, agarrando meu rosto com força, beijando-me com força. Ele move seus quadris com meus movimentos.

É lento, profundo e tão cheio de paixão. Estamos tão perdidos um no outro, é tudo sentimentos.

Coloco minha cabeça na curva de seu pescoço, movendo-me mais rápido sabendo que nós dois estamos perto. Posso senti-lo ficando cada vez mais duro.

— Estou tão perto, - gemo, agarrando-o com força, meu corpo travando.

Ele guia meus quadris para cima e para baixo no ritmo perfeito. Eu gozo forte, gritando em seu ombro e ele me enche quando goza logo depois de mim.

Nós dois ficamos aqui juntos por alguns minutos tentando recuperar o fôlego. — Puta merda, - eu digo sem fôlego.

Ele ri. — Puta merda é a palavra certa para isso. - Ele empurra meu cabelo suado do meu rosto, sorrindo para mim.

— Você está bem? - ele pergunta, certificando-se de que eu não estou com dor.

— Estou bem. - Coloco minha mão em seu antebraço, fechando meus olhos aproveitando este momento por mais um segundo antes de termos que nos levantar.

— Toma banho comigo? - ele pergunta.

Eu concordo. — Sim. - Ele me levanta, ainda enterrado dentro de mim e posso senti-lo ficando duro novamente. Eu tento não apertar nele, mas é uma sensação ótima.

Ele liga a água e eu não posso deixar de flexionar meus quadris e sua mão desce na parede do chuveiro.

— Foda-se, - ele resmunga, abrindo a porta e entrando. Ele fica de costas para o spray frio plantando minhas costas na parede.

— Você está pronta para mim de novo? - ele pergunta sedutoramente.

— Sim, - eu gemo, cravando minhas unhas em suas costas, apertando minhas pernas ao redor de sua cintura trazendo-o para mais perto de mim, mais profundo.

— Porra, do jeito que você se sente, eu poderia ficar enterrado em você para sempre. - Ele acaricia dentro e fora de mim. — Você me faz sentir como se estivesse no céu.

Jogo minha cabeça para trás, dando-lhe acesso a seus beijos e lambidas ao longo do meu pescoço. Desta vez é mais forte, ele martela em mim.

Eu sei que isso é uma foda reivindicativa, este é ele me marcando como dele e ele sendo cuidadoso comigo está fora da janela.

O único barulho no banheiro é o som de nós fodendo, meus gritos e eu me agarro nele com força. Ele rosna, pressionando-me com mais força contra o chuveiro, movendo-se tão profundamente dentro de mim que começa a doer, mas a dor é inebriante, aprofunda meu prazer.

Eu gozo gritando, minhas mãos enterradas em seu cabelo, seu rosto está na curva do meu pescoço. Eu o sinto se enterrar em mim até a borda, me enchendo.

Ele me beija, puxando-se para fora de mim e nos trazendo para a água morna. Deixando chover ao nosso redor, fecho meus olhos

amando isso. Ele aperta minhas pernas ao redor de sua cintura, segurando minha bunda com uma mão, a outra segurando meu rosto.

— Como é possível que você signifique tanto para mim? Acabei de te conhecer, mas em minha alma, eu te conheço desde sempre.

Lágrimas enchem meus olhos em sua admissão. — Sinto o mesmo, Gage. Estamos destinados a estar um com o outro. O tempo não é um fator para nós, não importa. Você é meu Gage, você é meu.

Lágrimas rolam pelo meu rosto e ele as pega com um beijo. — Você é minha, as coisas que eu faria por você, só por você. - Sua voz é áspera de emoção, eu sei que ele está tão afetado quanto eu.

Eu caio nele, abraçando-o, precisando dele o mais próximo possível.

Encontrei minha casa, meu tudo.

CAPÍTULO 10

RIVER

Acordo com o cheiro do café da manhã. Sinto a cama ao meu lado e está fria. Eu bocejo sentando.

Sorrio pensando na noite passada. Foi uma noite intensa para nós dois. O jeito que ele cuidou de mim depois do banho, secou meu cabelo e escovou até que eu adormeci.

Não sei o que fiz para merecê-lo, mas estou agradecendo a Deus a cada segundo que ele me jogou por cima do ombro naquela cabana e me levou com ele. Eu rio pensando em como esfreguei sangue no meu rosto.

Começo a sair da cama quando Gage entra carregando uma bandeja cheia de café da manhã. — Você me fez o café da manhã? - Meu coração começa a fazer aquela pequena coisa que faz quando se trata dele.

Ele pisca. — Eu tenho que manter minha garota energizada. - Ele o coloca na minha frente, então sobe ao meu lado, comendo comigo.

— Então, eu li que depois que gozo dentro de você, você precisa deitar de costas por pelo menos trinta minutos, então você terá mais chances de engravidar.

Eu o encaro atordoadada, como do que diabos você está falando? Ele ignora totalmente minha aparência, comendo sua comida com o telefone na mão. — Eu mandei um prospecto parar e comprar algumas vitaminas pré-natais para ajudar a preparar seu corpo. Quando foi seu último ciclo? Precisamos ver se você está ovulando.

Ele parece um maldito médico agora com todas essas informações. — Gage, o que você esteve fazendo a manhã toda? Como você sabe de tudo isso? - Estou cambaleando com tudo o que ele está dizendo.

Ele encolhe os ombros, parecendo totalmente orgulhoso de si mesmo. — Eu tive tempo enquanto fazia o café da manhã.

Cubro meu rosto, rindo da loucura de tudo isso. — Gage, você está se ouvindo? - Eu pergunto entre minhas risadas, lágrimas enchendo meus olhos de tanto rir.

— A visão de você carregando nosso bebê, vendo sua barriga crescer... - Ele toca minha barriga lisa. — Essa merda faz algo comigo, sabendo que eu fiz isso com você.

— Espero que tenha seus olhos.

Seus olhos se iluminam com isso. — Espero que tenha seu cabelo e sardas.

Inclino minha cabeça em seu ombro. — Você prefere um menino ou uma menina?

Ele pensa por um momento. — Eu preferiria ter os dois ao mesmo tempo, mas ficaria feliz com qualquer coisa.

Deixei suas palavras passarem, prefiro os dois? Ele é louco. De jeito nenhum vou ter gêmeos, não tenho nenhum na família.

— Aqui, você precisa comer toda a sua comida. - Ele aproxima meu prato literalmente uma polegada mais perto. Eu aperto minha boca para não dizer nada. Como minha comida e apenas o deixo ter seu momento.

Eu estaria mentindo se não amasse a ideia de ver um bebezinho parecido com ele correndo por aí.

Sempre quis ser mãe, sempre foi um sonho meu. — Eu sempre quis ser mãe, - admito para ele.

Ele beija minha testa, empurrando meu cabelo sobre meu ombro para longe do meu rosto. — Você será a melhor mãe.

Borboletas encham meu estômago, a honestidade e as palavras doces esmagadoras. — Você será o melhor pai. Você pode imaginar acordar uma manhã com nossos bebês rastejando na cama conosco querendo nos abraçar?

Seu rosto é tão macio. — Mal posso esperar por isso.

Eu sorrio, beijando-o. Deslizo para fora da cama e vou até o banheiro, mas antes de fechar a porta coloco minha cabeça para fora. — Ah, eu estou ovulando a propósito.

— Foda-se, sim.

Cubro minha boca rindo. Eu me olho no espelho e tudo o que posso ver é a felicidade no meu rosto.

Toco minhas bochechas, elas estão coradas, minha pele pálida tem alguma vida nela. — Realmente encontrei meu lugar.

— Querida, esqueci de mencionar que temos um passeio de caridade hoje, - diz ele através da porta.

Com isso, eu não me incomodo em adicionar maquiagem, apenas passar protetor solar e prender meu cabelo em uma trança. Apreendi minha lição sobre não colocar o cabelo para trás.

No quarto há uma caixa na cama. Gage está no closet se preparando. — O que é isto? - Eu pergunto.

Ele estica a cabeça. — Abra.

Eu desamarro a caixa, puxando a tampa. Bem ali no centro da caixa há um corte com as palavras 'Propriedade de Gage'.

Isso é enorme.

Toco meu corte de propriedade, sem acreditar que isso está acontecendo. — Você sabe o quanto esse corte significa para o clube? Para nós? - ele me pergunta.

Eu concordo. — Eu sei. Eu sei que é ainda mais importante do que o casamento no mundo dos clubes. É a maior honra que uma mulher no clube pode ter.

— Você é a old lady do presidente. Isso significa que você está acima de todos no meu mundo, minha vida. Eu mataria por você, destruiria todos no meu caminho se eles se atrevessem a prejudicá-la.

— Você me ajuda a colocá-lo? - Eu pergunto, tirando-o da caixa, abraçando-o no meu peito por um segundo antes de entregá-lo a ele.

Eu me viro deixando-o deslizar sobre meus braços. A sensação que tenho quando este corte desliza sobre meus braços é de puro contentamento.

Isto é o que eu estou destinada a ser.

— Isso foi feito para você, esta vida é feita para você, baby. - Ele fica para trás me admirando.

— Eu sei.

Suas sobrancelhas se erguem. — Você sabe?

Eu me movo até que estou de pé diretamente na frente dele, segurando seu corte. — Ah, sim, você está em casa. Onde quer que você esteja, eu estou com você. Esta é sua vida. É meu. Isto é onde eu pertencço. - Eu me mostro completamente aberta para ele.

— Baby, - diz ele na voz mais suave, tanta emoção nela. — O que isso significa para mim, você nunca saberá o quanto.

— Eu sei Gage, eu sei.

Ele me levanta do chão, seu braço em minhas costas. Ele me beija e eu afundo no beijo. Eu nunca vou me cansar de seus beijos.

Há batidas na porta, interrompendo o momento. — Já volto, tenho que matar quem está na porta. - Ele bate na minha bunda na saída.

Acho que é seguro dizer que Gage é um idiota.

Ando até o topo da escada, olhando para baixo para ver quem está na porta. Eu vejo uma figura, ele dá um passo para trás e Penélope entra. — Você pode brincar de boneca comigo, tio Gage? - ela pergunta.

— O que você acha de eu fazer alguns biscoitos enquanto vocês brincam? - Eu pergunto a ela descendo as escadas.

— Posso ajudar? - ela me pergunta.

— Claro que você pode, doce menina. - Ela pega minha mão e eu a levo para a cozinha, tirando os ingredientes, medindo para ela.

Gage a coloca no balcão da cozinha para que ela possa alcançar o topo do balcão. Fico feliz que ela esteja indo tão bem, considerando tudo o que aconteceu com ela.

— Tio Gage, nós podemos ir para a Disneylândia? - ela pergunta a ele e seus olhos se estreitam quando ela o pega roubando algumas gotas de chocolate da bolsa dela.

— O que você está fazendo? - ela pergunta a ele.

Ele olha para mim pedindo ajuda. — Só peguei alguns.

Ela ri. — Papai rouba minha comida o tempo todo também.

Isso é doce.

A porta se abre e Royal entra e nos vê na cozinha. — Eu queria ter certeza de que estava tudo bem, ela vindo. - Royal tem um olhar tenso em seu rosto.

Olho para Gage para ver se ele percebe a mesma coisa. Ele sai da cozinha levando Royal com ele para conversar.

— Você quer levar um pouco para o clube para os caras? Eu sei que Knight vai adorar alguns. - Ela sorri ao pensar em Knight. — Sim, e Andrey, ele é meu melhor amigo.

Eu penso no homem enorme e muito intimidador. — Ah, ele é?

Ela acena. — Ele brinca de se vestir comigo, ele fica tão fofo com laços na barba. - Eu posso apenas ver este homem enorme com laços na barba.

Ela tem todos esses homens tão enrolados em seu dedo, ela é preciosa. O vídeo dela sendo levada me assombra.

Eu sei que Cindy fez o seu melhor, mas até que sua mãe esteja fora de cena, não acho que confio nela para mantê-la segura. Talvez ela possa trabalhar comigo no clube? Posso mantê-la ocupada enquanto faço o que preciso fazer. Vou trazê-lo até ele mais tarde.

Penélope coloca os biscoitos na assadeira e olho de volta para os caras. Ambos estão chateados com alguma coisa.

Gage me pega olhando e acena para mim. — Estarei bem na sala de estar. Grite por mim quando terminar, - digo a Penélope.

Caminho até Gage e Royal. — O que está acontecendo? - Eu pergunto.

Royal olha para o teto. — A mãe de Penélope está me mandando ao tribunal mais uma vez para a custódia de Penélope.

A raiva me atinge. Ela a raptou e isso foi muito traumatizante para ela. — Quer que eu lide com isso? Posso tornar a vida dela um inferno e eles vão rir na cara dela por sugerir isso.

Royal acena com a cabeça. — Eu só quero que ela deixe meu bebê em paz.

Isso me irritou e não é bom me irritar. — Considere essa merda feita. Posso invadir o tribunal e expulsá-la.

Royal ri. — Estou tão feliz que você a encontrou.

Gage me puxa para ele, abraçando-me. — Com toda a certeza eu estou. - Eu sorrio me aconchegando nele. — Royal, se você precisar de alguém para cuidar de Penélope, ela pode passar os dias comigo enquanto eu trabalho.

Ele parece aliviado. — Cindy desistiu, o que eu posso entender, então vou aceitar isso.

— River! - Penélope me chama. — Essa é a minha deixa para ir. - Eu os deixo e ajudo Penélope a colocar os biscoitos no forno.

Sento-me com ela à mesa e ela me mostra sua boneca. — Ela é um bebê lindo. Qual a idade dela? - Eu pergunto, brincando enquanto ela coloca o bebê na dobra do meu braço.

— Ela tem três meses.

Eu sorrio para sua fofura, ela tem as sardas mais fofas no nariz. — Ela é um bebê lindo, assim como sua mãe. — Ela sorri para mim com o elogio.

Royal fez um trabalho incrível com ela, ela é uma menina doce. O cronômetro apita me informando que os cookies estão prontos. Eu os pego e coloco em uma grade para esfriar.

— Papai! Tio Gage. Os biscoitos estão prontos! - ela grita por eles. Ela está fazendo um pequeno gabarito enquanto eu os chamo para ela.

Ela corre para a mesa e eu a sigo com um copo de leite. Sento-me na frente dela. — Aqui está.

Os caras entram e vão direto para os biscoitos, comendo direto da grelha. — Estes são deliciosos, Penélope, - os caras a elogiam.

— Obrigada, - diz ela timidamente.

Que adorável. Coloquei o resto dos biscoitos nas sacolas para os caras. — Eu os embalei para você, - digo a ela colocando-os em uma pequena bandeja. — Eu fiz para Andrey um extragrande, já que ele é seu melhor amigo.

Os caras começam a rir e Penélope fica irritada. — Os homens podem usar laços em suas barbas, - ela os zomba.

— Isso mesmo, querida, - eu concordo com ela e ela parece orgulhosa por eu a apoiar.

— Pronta para ir ao clube? Penélope e eu vamos caminhar. - Ela corre e pega minha mão enquanto eu carrego a bandeja.

Royal me olha agradecido. — Vocês meninas se divirtam.

Gage beija minha bochecha. — Vejo você em breve, querida.

Andamos de mãos dadas pela trilha até a sede do clube, os caras estão nos seguindo bem devagar nas motos. Eu não acho que ela percebe, mas eu os localizo.

Um dos caras chamado Terror abre a porta. — Eu fiz alguns biscoitos para você. - Ela lhe entrega uma sacola.

— Obrigado, menina. - Ele esfrega o topo de sua cabeça, abrindo a sacola.

Esses caras são uns corações moles quando se trata dela. Ela vê Andrey e corre direto para ele. — Eu fiz isso para você. - Ela lhe entrega uma sacola.

Toda vez que eu o vejo, seu rosto está vazio de emoções, mas com ela, ele está sorrindo levemente. — Eu amo chocolate, - ele diz a ela e eu juro que ela quase flutua para fora da sala enquanto se inclina para frente. — Eu comprei para você um lindo menino de azul, é mais masculino, - ela sussurra para ele bem alto e todos ouvem.

— Obrigado, eu sempre quis um azul, - ele brinca com ela.

Isso é precioso.

Em seguida, ela vai para Reaper, outro cara assustador no clube. Ele não fala, mas pega os biscoitos dela com um leve sorriso. Um por um, ela lhes dá biscoitos, deixando Knight por último.

Ela bate na porta do escritório. — Tio Knight, eu fiz uma coisa para você. - Ele larga tudo o que está fazendo para poder ir até ela. — Uau, para mim? - ele diz dramaticamente, tirando-os dela.

— Tio Knight, posso me sentar com você e brincar de médico? - Sou esquecida depois que ele sai, colocando-a na cadeira com rodinhas ao lado da cama e ele se joga sobre ela.

Eu os deixo com isso. Cada um dos caras está comendo seus biscoitos e conversando entre si. Gage e Royal estão ao lado de Reaper tentando convencê-lo a participar da conversa.

Eu me pergunto sua história, mas o olhar em seus olhos me indica que algo ruim aconteceu, ele não teve uma vida fácil.

— Oi, pessoal, - eu digo quando me aproximo deles. Posso sentir os caras olhando para o meu corte. Gage me puxa para seu lado e se vira para todos. — É oficial pessoal, como vocês podem ver, ela é minha old lady.

Todos os caras vibram, parabenizando-nos. — Vocês estão prontos para montar? - Gage pergunta a todos.

Todos eles gritam e saem do clube. — Penélope está com Knight. - Falando no diabo, eles saem do escritório dele, e ela corre direto para o pai. — Oi papai. - Ela levanta os braços, e ele a pega.

— Diga tchau a todos, baby.

Ela acena para todos e ele a leva para os fundos do clube em direção à área de recreação. — Royal queria ficar com ela? - Eu pergunto.

Knight acena. — Sim, ele está preocupado com ela, e sua mãe puta ainda está por aí.

Minha raiva me atinge novamente com o pensamento dela fazendo tudo isso, ela é má. — Ela não será um problema por muito mais tempo se eu tiver uma opinião sobre isso. - A ideia das coisas que planejo fazer com ela está girando em minha mente. — Primeiro, vou tornar a vida dela um inferno para que ela saiba que estou chegando, mas ela não saberá quando.

Knight olha para Gage e depois de volta para mim. — Ela é assustadora.

Gage ri. — Ela não é adorável? - Claro, só ele pensaria que é fofo quando estou sendo maliciosa. — É o cabelo ruivo, ela não pode evitar.

Eu reviro os olhos. — Vamos vocês, eles estão lá fora esperando por nós. - Eu os apresso.

— Ruivas são conhecidas por não terem alma, talvez seja por isso que vocês se encaixam tão bem, - Knight torra nós dois.

Eu rio. — Bem, é preciso um para conhecer um, não é?

Ele solta uma risada alta. — Merda, você me pegou lá.

Sigo Gage até sua motocicleta. Ele sobe primeiro e subo atrás dele, grudando-me em suas costas como ele gosta.

— Vocês estão prontos para montar?

Com isso eles ligam suas motos em uníssono, o poder de todas essas motos é louco. Posso sentir a vibração até o meu coração.

Olho para trás e vejo que todos os caras estão seguindo o exemplo atrás de nós como uma formação com Knight no lado direito e Andrey no lado esquerdo.

Gage coloca a mão no meu joelho, indo para a estrada. Todos param e olham para a calçada, a maioria acena.

Eu sei que este clube é uma grande parte da cidade e a maneira como ela prospera. Quero dizer, todos os negócios aqui pertencem ao MC. Eu sabia disso porque bisbilhotei. Sou uma pessoa intrometida, é uma fraqueza minha.

Um garotinho na rua acena para nós, aceno de volta e seu rosto se ilumina quando os outros se juntam.

Andamos uma hora até a próxima cidade, parando em um restaurante bonitinho na beira da estrada. Uma velhinha sai do

prédio acenando para nós. Paramos e Terror é o primeiro a descer da moto e corre até ela. — Ei, mamãe. - Ele a abraça e ela parece tão feliz em vê-lo, diabos, todos.

— Ah, isso é tão doce. - Olho para Terror e sua mãe, ela parece tão confortável e doce em seu vestido branco e um avental com cupcakes.

Gage pega minha mão e todos nós caminhamos. — Sra. Rebecca, esta é minha old lady, ele me apresenta.

Ela me dá o sorriso mais doce. — Já era hora de um desses homens achar uma mulher. Você tem alguém para o meu menininho aqui?

Tento não sorrir para ela chamando-o de seu menininho, já que ele não está nem perto de um bebê. Tenho certeza de que ele não foi nomeado Terror sem motivo.

— Claro que não, senhora, mas vou ficar de olho nele.

Ela olha em volta para todos. — Todos esses rostos famintos para eu alimentar, entrem. - Ela segura a porta aberta para todos entrarem.

Gage me faz deslizar na cabine primeiro, ele ao meu lado com Knight e Andrey na nossa frente.

Terror está na frente com sua mãe. — Ela é uma pessoa doce e gentil. - Eu sei, sem dúvida, que ela é uma mãe para cada um desses caras.

Um bando de garçons sai dos fundos vestidos muito parecidos com a mãe do Terror. Eles param em cada mesa e pegam o pedido de todos.

Pego meu telefone e acompanho meu processo em Gretchen. Tenho as informações bancárias dela e começo a distribuí-las lentamente. — Você conhece alguém que está precisando de dinheiro? - pergunto a Gage.

— Talvez doe para Brandy, ela é mãe solteira. - Ele acena para uma mulher mais velha que está no final da fila de motoqueiros recebendo ordens.

Gage está olhando por cima do meu ombro. — Você está drenando a conta bancária dela agora? - ele me pergunta.

— Sim, veio do sugar daddy dela, Kurt. Ele acabou de depositar também. - Eu rio pensando no surto que ela vai ter.

Todos eles riem até Andrey, todo o dinheiro vai para a conta de Brandy. — Peguei tudo e transferi para a conta dela. Cinco mil dólares devem ajudá-la. - Apago todos os vestígios do que fiz e guardo meu telefone.

— Que loucura, você pode fazer tudo isso direto do seu telefone, - Knight me diz, balançando a cabeça em descrença.

Dou de ombros. — É fácil. Quase fui presa quando tinha dezesseis anos porque falhei no meu teste de motorista porque a instrutora era má, então invadi o DMV e mudei para passar.

Gage ri. — Sério?

Eu concordo. — Sim, eu fui pega, embora. Não cobri meus rastros. Meu pai fingiu estar bravo comigo enquanto a polícia estava lá, mas no segundo em que eles foram embora ele ficou orgulhoso. - Sinto falta do meu pai, preciso ir vê-lo.

— Meu pai acha que o mundo vai acabar a qualquer minuto, então ele está preparado. - Eu rio e começo a pensar na vez em que ele me fez começar a cavar o chão para construir um abrigo antiaéreo.

Seu pai estava no exército, não estava? - Gage pergunta.

— Ele foi um SEAL por alguns anos. Acho que ele sabe como as coisas podem ser ruins e quer estar preparado. - Não importa o que ele me pedisse para fazer eu estava disposta a fazê-lo.

— Nós também éramos SEALS, nós entendemos essa merda, - diz Gage.

Ouçó uma comoção na frente do restaurante. Vejo Brandy gritando, pulando muito e olhando para o telefone dela. — Oh meu Deus, como isso chegou aqui? - Ela vai até a mãe de Terror, mostrando a ela.

Escondo meu sorriso no ombro de Gage observando a cena se desenrolar. Os caras compartilham um sorriso secreto e observam, até Andrey está feliz.

Vê-la tão feliz fez minha semana. Eu sei que o jeito que faço as coisas nem sempre é bom e moral, mas ver alguém que realmente precisa disso vale mais a pena.

Em breve nossa comida é entregue. Pego um cheeseburger com algumas wafflefries⁴. Dou uma mordida e gemo. — Oh meu Deus, vamos roubar a mãe do Terror e fazer com que ela cozinhe para nós todos os dias. - Este é o melhor hambúrguer que já comi.

⁴ Batata frita em formato de waffle.

Terror ri me ouvindo. — Confie em mim, tentei por anos fazer com que ela se movesse. - Ele puxa uma cadeira e se senta no final da mesa comendo sua comida conosco.

A lanchonete está completamente silenciosa, todos estão muito ocupados comendo para conversar.

Em breve devemos partir para continuar a viagem para a próxima cidade. — Foi tão bom conhecer você. - Abraço a mãe de Terror e agradeço a comida.

Ela está absolutamente radiante com toda a atenção que está recebendo de todos, até mesmo do Reaper, que parece que odeia todo mundo.

Todos nós voltamos para as motocicletas. Gage levanta a mão no ar acenando para todos que é hora de ir.

Nós rodamos por alguns lugares bonitos. As árvores são tão verdes, a grama, tudo é lindo. O ar é muito mais fresco aqui.

Descanso minha cabeça no ombro de Gage, amando a forma como seus braços flexionam e se movem enquanto ele controla a motocicleta.

As mulheres quase batem seus carros quando passam por nós e posso entender totalmente o por que.

Logo as árvores começam a diminuir e os indícios de uma cidade estão à frente. Estico meus ombros por causa desse passeio longo.

A primeira coisa que noto é que há uma tonelada de motoqueiros. Eles estão estacionados em todos os lados das ruas que levam a um enorme celeiro que é iluminado com luzes e posso

ouvir o som leve da música vindo dele mesmo sobre as motocicletas.

Gage encontra uma vaga e estaciona, todos os caras se alinham ao nosso lado. — Como vocês, filhos da puta, se sentem sobre uma festa? - Gage pergunta aos caras.

A maioria deles parece emocionada com a ideia, Reaper e Andrey não mostram emoções. Gage fica sério, olhando para mim. — Você fica comigo o tempo todo. Se de alguma forma você se separar, vá para Knight, Terror, Andrey ou Reaper, - ele me informa.

Engulo em seco pensando por que ele está me avisando. — Alguns clubes não têm moral, estamos atentos. Lembrem-se, River é nossa principal prioridade hoje à noite lá, - Gage diz em voz alta para que todos possam ouvir.

Todos os caras se voltam para olhar para mim e me deixa desconfortável que ele esteja fazendo tanto barulho, mas isso é apenas Gage. Ele leva a minha segurança a sério e acima de tudo.

Com isso, Gage pega minha mão e caminhamos pelas ruas. Gage é o mais próximo da estrada, eu no meio e Reaper do outro lado, o que me surpreendeu.

Do lado de fora do celeiro há motoqueiros conversando. Eles nos olham quando passamos, olhando para o meu corte e para os outros.

Reaper abre a porta e entramos. O lugar é montado com uma enorme pista de dança no centro que muitas garotas estão aproveitando. Percebo que apenas uma delas está usando um corte que mostra que é uma old lady.

Elas olham para os caras atrás de mim, seus olhos se iluminando como se estivéssemos segurando presentes para todas. Acho que estamos, os paus dos caras.

Do outro lado do ambiente há uma longa mesa que se estende até os fundos do celeiro e passamos por muitas pessoas. As garotas estão basicamente transando no ar, olhando para os caras.

Os caras estão de olho em mim usando meu corte e depois no Gage, agora eles estão me deixando desconfortável. Posso ver por que Gage me avisou sobre ficar com ele.

Um cara está encostado em uma viga de madeira, careca com tatuagens no pescoço, na lateral do rosto até o topo da cabeça.

Ele mostra a língua para mim, balançando-a. Eu me encolho vendo que sua língua está cortada ao meio como uma cobra. Ele então faz a coisa mais insana, ele se abaixa e pega seu pau através das calças enquanto olha para mim.

Eu me afasto dele assustada com o motivo de ele ter feito isso. Noto que nenhum dos caras notou além de Reaper que está olhando para ele. Estou feliz que Gage não o fez porque Gage é apenas Gage.

Isso me deixa com raiva que ele se atreveria a fazer isso comigo, na frente de todos sabendo que isso causaria problemas. Eu me engasgo com o pensamento dele me tocando com aquela porra de mão.

Sorrio, esfregando meu nariz com meu dedo médio, afastando-o e eu posso ver o segundo que ele percebe. Seu rosto muda para um de pura raiva.

Nós nos sentamos e um homem se aproxima e anota nossos pedidos de bebida. Pedimos cervejas para todos.

Reaper sentou-se ao meu lado, o que ainda me surpreende. — A viagem até aqui foi linda, não foi? - Converso com ele quando percebo que ninguém mais o faz.

Tento dar a ele minha atenção, mas tudo que posso notar é a sensação de Gage passando a mão para cima e para baixo na minha coxa.

Eu sei que ele sabe o que está fazendo comigo. Abro minhas pernas um pouco para que ele possa ir entre minhas coxas, então eu as fecho, parando sua mão.

Posso senti-lo tremendo de tanto rir. Eu me inclino e o beijo na bochecha. — Já mencionei como você está maravilhoso? - Ele é simplesmente delicioso, todo ele.

O cara volta com uma enorme bandeja de cerveja e começa a tirar os lacres das cervejas e nós as passamos pela mesa até que todos nós vinte pegamos uma cerveja e fica sobrando uma na bandeja. — Esta é para você. - Reparei que é uma marca diferente das outras e já está aberta.

Ele a desliza na minha frente. — Não acho que pedi isso, - explico a ele confusa, segurando minha cerveja na minha mão.

— O cavalheiro ali pediu para você. - Ele acena na direção do homem careca que abanou a língua para mim.

O quê?

O desrespeito dele fazendo isso bem na frente do Gage, não tem como ele não saber que sou dele.

Isso me irrita *pra* caralho.

A mandíbula de Gage está apertada. O cara careca sorri para mim, em seguida, franze os lábios para mim como se estivesse me mandando um beijo.

Agarro a garrafa que ele pegou para mim, virando-a de cabeça para baixo e a despejo direto no chão.

Ele me desrespeitou, ele não merece meu respeito. Eu o encaro nos olhos enquanto faço isso.

Gage pega a garrafa de mim, ele a joga em sua direção e ela se estilhaça contra a parede, alguns dos vidros o atingem.

O cara olha para nós e então começa a gritar e todos os seus irmãos MC ficam de pé. Gage fica de pé tão rápido que sua cadeira voa para trás e bate no chão.

Depois disso, todo o resto acontece em câmera lenta. — Quem diabos você pensa que é para mandar uma cerveja para minha old lady sabendo que ela é minha? - Gage ruge para ele. Knight está de pé e fora de seu assento ao lado dele.

Reaper está atrás de mim e eu me levanto também indo até Gage do outro lado.

Reaper me segue e Gage coloca o braço na minha frente me impedindo de ir mais longe.

— Olha, no segundo em que entrei aqui, você fez avanços sexuais em minha direção. Deixei para lá porque não queria causar problemas. Você começou isso. - Eu olho para ele, irritada com sua audácia.

Não entendo por que alguns homens e até mulheres pensam que estão acima de tudo. Que seus desejos são os únicos que importam.

Gage se vira para mim, seu rosto furioso. Quase dou um passo para trás ao vê-lo virado em minha direção. Seu rosto suaviza enquanto me encara, ele toca meu rosto. — Ele fez isso com você? - Ele me pergunta em um tom muito mais agradável.

Eu concordo.

Ele esfrega minha bochecha suavemente. — Eu vou cuidar disso, baby. - Ele olha acima da minha cabeça para alguém e eles envolvem os braços em volta dos meus antebraços. Olho para trás e vejo Reaper me segurando.

Ele recua comigo, mais e mais até que estou pressionada contra a parede e, em seguida, os caras ficam na minha frente, bloqueando a visão completamente.

Não leva mais que um momento para os gritos começarem.

Encostada na parede, eu sorrio ouvindo os gritos. Reaper está balançando a cabeça para mim, mas eu peguei o pequeno sorriso que ele está usando.

CAPÍTULO 11

GAGE

Eu não me movo até que ela esteja fora de vista e em segurança atrás de todos os meus homens. Enfio a mão no bolso e tiro minha enorme faca.

Isso acontece em uma fração de segundo, eu me viro e encaro o filho da puta que desrespeitou River da pior maneira, e era um dos meus piores medos de que alguém fizesse isso com ela.

Todo MC aqui, menos esse, sabe que não deve foder comigo. Todo mundo dá um passo para trás e me deixa encarar o filho da puta de frente.

Abrindo minha faca, eu a coloco na minha mão e bato na mão dele que está apoiada contra o poste. Eu a sinto se mover por todos os seus ossos e cartilagens.

Ele grita, tentando puxar sua mão livre. Eu rio, o som é como comida para minha alma. — Não é tão durão agora, não é? - Agarro a parte de trás de sua cabeça, empurrando seu rosto contra o poste. — Outra faca.

Outra faca é pressionada em minha mão. Agarro sua outra mão, pressionando-a mais acima de sua mão em uma posição desconfortável.

Andrey segura seu braço para mim, já que ele está lutando como um filho da puta. Eu bato a faca em sua outra mão.

Eu o viro, as facas cortando mais fundo em suas palmas. Seus olhos rolam para trás em sua cabeça com a dor.

Não tenho nenhum remorso por ele, nenhum. Se as regras deste celeiro não fossem que não podemos matar pessoas, ele estaria morto.

O dono do celeiro está olhando atrás do bar, ele acena para mim e me diz que aprova.

— Alguém tem um prego? - Eu pergunto.

O dono do bar levanta a mão e coloca uma caixa no balcão que ele pega de uma portinha atrás dele.

— Obrigado, irmão.

Pego os pregos e uso a parte de trás de outra faca para enfiar o prego no lóbulo da orelha e depois faço na outra.

Eu tiro o cinto do filho da puta e amarro suas pernas no poste para que ele não possa se mover. — Você tem sorte que eu não estou esfolando você vivo agora. River é minha e acho que posso levar você para casa comigo como um lembrete para todos aqueles que tentam foder com ela.

O celeiro inteiro está em silêncio, observando-me. Eu sou conhecido aqui, este é o lugar onde os MCs se reúnem. Nós exigimos justiça conforme necessário aqui, a justiça que eu quero fazer não é o que estou autorizado a fazer.

Eu quero matá-lo, porra.

Esse MC nem tentou me impedir de machucar o irmão deles. Eles estão muito ocupados fodendo com as pessoas do clube para sequer notar ou se importar.

— Abra a boca, - eu exijo dele.

Estou cara a cara com ele e queimando por dentro querendo destruí-lo, fazê-lo sofrer.

Andrey se aproxima e abre a boca dele para mim. — Então, esta é a língua, hein?

Knight vem ao meu redor e tem um par de pinças e ele mostra a língua para mim. — Não faça isso aqui, você vai matá-lo.

Por que diabos ele me diria isso? Idiota.

Coloco o prego acima de sua língua, ele tenta gritar, mas sai abafado. — Agora, fique quieto, - eu o repreendo quando ele tenta puxar sua língua para trás.

Eu empurro o prego através de sua língua e ele tenta puxar a língua de volta na boca, mas o prego o impede.

— Gage, esse cara precisa te dizer uma coisa. - Terror surge com o cara que nos serviu nossas bebidas. — Ele não comprou a bebida do bar. Ele me entregou para dar a ela.

Meu coração dispara com o pensamento do que ele está sugerindo. Ele estava tentando foder sua bebida?

Knight se afasta e pega a garrafa de cerveja do chão, cheirando-a. Ele o afasta do rosto, furioso.

— É mijo.

Tudo ao meu redor se transforma em fogo. Vou torturá-lo até a morte. — Que porra é essa? Você está brincando comigo? - Ouço River gritar e a vejo de pé ao lado de Knight. Reaper parece irritado, e eu sei que ela lutou com ele para passar por ele.

Mesmo com toda essa merda acontecendo, ela não consegue parar o sorriso que eu tenho para ela. — Que porra de imbecil. - Ela se aproxima e rouba uma faca do lado de Reaper, que a segue como um cachorrinho tentando acompanhá-la.

Ela corre direto para o filho da puta pendurado lá pelas mãos e traz a faca direto para o pau dele.

— Bem, isso doeu, - Reaper diz simplesmente.

Todos nós olhamos para Reaper em choque que ele disse algo sem ser forçado. Ela puxa a faca. Ele está completamente desmaiado neste momento, sei que a visão dela vindo para ele com uma faca direto em seu pau foi à gota d'água.

Olho para o dono e vejo que ele está se movendo. Ele olha para o cara pendurado na parede. — Bem, eu tinha uma regra, não matar ninguém aqui.

Estendo a mão e puxo River atrás de mim se ele decidir que quer causar problemas. River aparece atrás de mim, sorrindo. — Olha, eu não atingi o pau dele totalmente, eu apenas o cortei. Veja, está sangrando um pouco. - Ela aponta para seu pau tentando torná-lo melhor.

Cubro minha boca tentando não rir e ela sorri para ele inocentemente. — Acabei de perder um pouco a paciência, isso acontece às vezes. - Ela sorri mais largo tentando brincar.

Knight começa a rir e o dono do celeiro também. — Merda querida, eu o teria cortado se ele mijasse na minha bebida.

— Eu sei, certo. Estou triste por ter perdido agora. - Ela franze os lábios, inclinando a cabeça para o lado como se estivesse pensando nisso.

— Talvez possamos simplesmente pregá-lo no poste?

Todos os caras aqui ouvindo estremecem com o comentário dela. — Merda, o que você quiser fazer.

— Não, mas estou com sede. - Ela pega minha mão e voltamos para a mesa, todos os caras sentados.

Knight está olhando para ela. — O que você tem contra homens e paus?

Ela encolhe os ombros. — Na maioria das vezes, quando homens maus machucam mulheres, é com seus paus.

Eles deixam tudo afundar. Eu beijo sua testa. — Minha mãe foi criada em um culto e sofreu todos os dias de sua vida, forçada a se casar aos quinze anos. Os homens nessa vida estão no controle de tudo, é triste.

Posso ver a dor em seu rosto com o que sua mãe passou, é horrível. — A mãe dela está namorando seu irmão? - Knight pergunta.

— Sim, ela está com meu irmão, Maverick.

River pega seu telefone e mostra uma foto de sua mãe e meu irmão. Estou feliz por ele. Vivemos vidas separadas de várias maneiras, mas ele é meu irmão. Eu morreria por ele.

— Sua mãe é linda, vocês poderiam se passar por irmãs. - Ela ri. — Sim, nós entendemos muito isso. Aqui está minha irmã, Jessica. - Ela mostra uma foto de sua irmã. — Puta merda! Ela é solteira?

Ela desliza a tela e mostra um homem com sua irmã. — Merda, deixa pra lá, - Terror resmunga.

River olha para mim. Posso ver o quão feliz ela está, mesmo que aquele filho da puta tenha tentado mexer com ela.

Olho para ele, sangue escorrendo por seu corpo, confirmo que ainda está vivo quando vejo seu peito se mover para cima e para baixo lentamente.

Dia de sorte para mim.

RIVER

Uma senhora começa a gritar a plenos pulmões e eu pulo com força no meu assento. Levo minha mão sobre o meu peito, assustada com ela.

Ela está olhando para o homem pendurado no poste.

É ruim dizer que eu esqueci que ele estava lá? Inferno, eu estava comendo asas de frango um segundo atrás.

— Oh, meu Deus! - ela grita novamente, caindo de joelhos dramaticamente enquanto arranha o chão. Finalmente, um de seus membros do MC caminha até ela. — Cala a boca. Você vai se matar sentindo pena desse filho da puta!

Ela se engasga, apertando o peito como se fosse uma velhinha com problemas cardíacos. — Como você pode dizer isso!? Ele era seu presidente.

Eu me encolho pelo fato de ele ser o presidente deles, ele ainda não está morto. Sua respiração está estável. — Se você quiser derrubá-lo e tirá-lo daqui, fique à vontade. Se não, então cale a boca, - o dono do bar grita asperamente. Posso dizer que ele superou toda essa situação.

— Ele me prometeu que eu seria sua old lady! O que vou fazer agora? — ela grita para o homem que veio falar com ela.

Ele ri. — Ele disse a cinco outras garotas ali a mesma coisa. - Ele aponta para a pista de dança onde as mulheres estão olhando para ela com raiva. — Ele era meu. Eu deveria herdar todas as coisas dele. - A mais magra das loiras vai até ela, cutucando a mulher que gritava com força no peito.

Eu como minhas asas sem conseguir tirar os olhos dessa cena fascinante. Como eu amo drama quando envolve outras pessoas.

— Cadela! - A original que estava de joelhos chorando, cobra pela outra garota. Elas caem no chão gritando, cabelos voando para todos os lados de todos os puxões que estão fazendo.

Elas estão rolando, nem mesmo batendo uma na outra.

— Bem, isso é patético. - Eu bufo, lambendo o molho dos meus dedos. Gage estende a mão e pega minha outra mão que está coberta de molho e chupa meu dedo em sua boca. Ele se inclina, colocando a boca perto do meu ouvido, sussurrando: — Deliciosa.

Aperto minhas pernas juntas, a sensação de sua língua girando em meu dedo, a respiração no meu ouvido.

— Vocês estão prontos para sair daqui? - Gage pergunta a todos. Estamos aqui há horas, já está escuro.

Os outros se levantam, empurrando seus assentos. O dono do estabelecimento se aproxima de nós. — Voltem a qualquer hora, mas tentem não matar alguém da próxima vez, sim? Exceto você, garota, você pode matar alguém a qualquer momento e vou limpar isso para você. - Ele pisca para mim.

O sorriso de Gage cai e ele envolve um braço em volta de mim, colocando-me do outro lado dele, longe do cara.

Reviro os olhos para sua possessividade. Acho que todo mundo tem uma pista do quanto, quando ele praticamente pregou alguém no poste.

Passamos pelo cara no poste e ele está respirando, acredite ou não. Gage se aproxima e pega a faca de sua mão, deixando-o pendurado por apenas uma. — Acho que esta é por minha conta. - Eu aponto para a que está enterrado em seu pau.

Eu me aproximo, dando um tapinha no topo. Ele acorda instantaneamente, seus olhos quase sem vida me encarando, mas isso pode ser apenas seu eu normal e cognitivo. — Agora, chega de ser um idiota, ok? Chega de mijar em garrafas. Sua mãe não te ensinou a usar o banheiro? - Eu balanço meu dedo para ele.

Ele não se move. Agarro o cabo da faca e puxo para fora de seu pau e Andrey chega acima de mim tirando a última faca dele. — Você vai ter que soltar as orelhas. - O cara não pode responder com o prego na língua ainda.

As meninas ainda estão discutindo no canto do salão, perdendo muito mais cabelo do que antes.

Eu balanço minha cabeça, que triste realidade. Quando saímos pela porta, respiro o ar frio da noite. Eu estava cansada do lugar nebuloso e esfumaçado.

Reaper está andando do meu lado livre. Eu basicamente tive que empurrá-lo para me deixar ir mais cedo quando ouvi que o idiota fez xixi na bebida que tentou me dar.

Estou tão feliz que estava desconfiada para beber.

Gage me coloca na moto e enfia a mão nos alforjes pegando uma jaqueta de couro puxando-a sobre meus braços, fechando-a. — Você está bem? - ele me pergunta enquanto todos estão ocupados se preparando para a longa viagem de volta.

Eu corro minha mão ao longo de seu estômago, seu abdômen flexionando sob minhas mãos. — Eu estou bem, aquele cara era louco.

Gage fica chateado instantaneamente com a menção dele. — Ei, estou bem.

Ele solta um suspiro profundo, sua mandíbula apertada. — Porra, me despedaça que ele tenha feito isso com você, baby. Ninguém deveria fazer isso com você. Você é tão preciosa que me dói, mas me mata quando alguém te machuca.

Não posso parar as lágrimas em meus olhos em sua admissão. — Gage, - eu sussurro. Eu o puxo para mim precisando beijá-lo, tocá-lo. Ele me beija de volta com a mesma ferocidade, puxando-me com força contra ele, minhas pernas de cada lado dele na moto.

— Vamos para casa para que eu possa te foder, - ele rosna no meu ouvido para apenas eu ouvir.

— Oh, eu amo o som disso, - praticamente gemo para ele. —
Só o pensamento de você me tocando me detonou.

Seus olhos brilham. — Porra.

Ele acena com o braço para que todos saibam que é hora de ir, as motos começam todas em sincronia. O poder das motos é algo que nunca vou esquecer, é como se elas vibrassem o chão.

A bela noite é de tirar o fôlego e torna a viagem para casa ainda mais agradável e voa rapidamente. Estou mais do que pronta para estar em casa e me aconchegar na minha cama com Gage.

Eu quase o fiz me carregar escada acima, já que minha bunda e minhas costas estão me matando por não estar acostumada a andar de motocicleta.

Minha mente está pensando repetidamente sobre por que o presidente do Soulless Serpents MC tinha um plano contra mim.

Assim que entrei pela porta, ele me escolheu, mijando na garrafa literalmente sem motivo. É intrigante.

Após o banho, caímos na cama. Estou olhando para o teto e minha mente está remexendo em tudo para ver se há algo que eu perdi.

— Você está bem? - Gage chega debaixo do cobertor esfregando meu lado.

Esfrego meus olhos cansados. — Você não acha estranho como ele me escolheu? Ele chegou ao extremo de mijar em uma garrafa e tentar me entregar. Ele estava mexendo comigo desde o início.

Gage fica em silêncio, pensando. — Porra, eu não pensei nisso.

— Conte-me sobre os Soulless Serpents⁵. - Estou ansiosa para saber mais informações para que possa entrar no meu computador e pesquisá-los.

— Eles não são as melhores pessoas, honestamente, eles são maus. Ouvi rumores deles sequestrando garotas na rua e forçando-as a se vender. É mau.

Meu coração se parte ao pensar se algumas garotas foram forçadas a essa vida. Espero que ninguém esteja sofrendo agora. — Espero que ele não sobreviva, - confesso, desejando que ele estivesse morto.

— Eu também.

Eu me viro e descanso minha cabeça no ombro de Gage, suspirando. — Boa noite. - Eu bocejo.

Ele passa a mão pela minha cabeça e cabelo, deixando-me com mais sono. — Boa noite, baby.

GAGE

O sono não vem para mim por um longo tempo. Minha mente continua ponderando o que diabos aconteceu e por que ele fez isso.

Eu nunca pensei que ele tinha um plano para ela ou algo assim.

⁵ "Serpentes sem Alma", nome do MC.

Esses filhos da puta têm uma longa lista de criação de crimes contra as mulheres. Tivemos que intervir e ajudar a polícia a encontrar duas garotas sob sua custódia.

É fodidamente doente.

O antigo presidente foi morto e esta foi a primeira vez que encontrei o novo presidente. Fico tenso pensando nele mijando em uma garrafa.

Ele é um homem morto, se de alguma forma sobreviver a isso. Eu quase desejo que ele sobreviva para que eu possa fazê-lo pagar por tudo o que fez.

CAPÍTULO 12

RIVER

UM MÊS DEPOIS

Eu me viro, sorrindo. Gage está realmente mordendo minha barriga. — O que você está fazendo? - Eu pergunto enquanto levanto minha cabeça para observá-lo.

Ele pisca para mim. — Apenas um pequeno café da manhã para deixar um homem andando. - Eu rio quando ele morde minha coxa. — Qual é o problema? - ele pergunta mordendo mais forte. Eu grito e me afasto dele.

O cobertor cai no chão. Eu o empurro com os dedos dos pés e ele apenas enterra o rosto mais fundo, cavando na minha outra coxa.

As lágrimas estão rolando pelo meu rosto.

Gage finalmente cede, subindo na cama para me beijar. — Eu precisava do meu beijo de bom dia. - Ele me beija e eu suspiro, enterrando minhas mãos em seu cabelo.

Este último mês foi o melhor da minha vida, adaptando-me a viver e trabalhar aqui em Graceland, Texas. Adoro o escritório que os caras montaram no clube para mim e tenho Penélope me fazendo companhia o dia todo.

Os lábios de Gage derivam dos meus lábios para o meu pescoço e eu inclino meus quadris querendo senti-lo esfregando contra mim.

Ele olha entre nossos corpos enquanto eu me abaixo e ajudo a guiá-lo para dentro de mim. A queimação lenta e o alongamento dele nunca ficam ruins.

— Deus, você foi feita para mim, - ele geme.

— Eu sou sua. - Dizer essas palavras realmente o deixa animado e ele imediatamente bate em mim, mostrando exatamente o quanto sou dele.

Ele alcança entre nossos corpos, beliscando meu clitóris e eu grito com a sensação. Minhas pernas se endireitam com a intensidade do orgasmo.

Ele não para, martelando em mim cada vez mais forte até que qualquer som que vem de mim não é controlado.

— Mais uma vez! - ele exige.

Eu aceno, inclinando meus quadris, trazendo-o mais fundo. Ele está batendo no meu colo do útero e, por mais doloroso que seja também é muito intoxicante.

Eu suspiro, meus olhos rolando para trás, meu corpo inteiro tremendo, enrijecendo e então gozo com ele.

Todo o seu corpo trava, enchendo-me até a borda. Levanto minhas pernas trazendo-o para mais perto de mim.

— Eu nunca vou me cansar de ser acordada assim.

Ele beija minha bochecha. — A qualquer momento.

Eu rio, isso é felicidade. Eu era feliz e tinha uma vida boa, mas a vida só começou quando conheci Gage.

Ele me completa de uma forma que eu nunca pensei que alguém poderia ou mesmo faria. Eu o amo, mas ainda não disse a ele.

Eu sei que ele me ama, posso ver isso toda vez que ele olha para mim. Posso sentir quando ele me toca. A maneira como ele me protege de literalmente tudo.

Ele beija minha testa, deslizando suavemente para fora de mim. — Não te machucou? - Ele sente a necessidade de me perguntar todas às vezes.

— Não, querido, de jeito nenhum.

Ele fica com um olhar desapontado em seu rosto. — Eu não consegui comer...

A porta do nosso quarto se abre e eu grito em choque. Gage pega a arma do criado-mudo ao lado da cama, vira-se e atira na pessoa que acabou de entrar.

Ele se abaixa no último segundo e desaparece pelas escadas gritando.

Reconhecendo a voz, eu grito de horror. — Oh meu Deus! Esse era meu pai!!

— Eu vou matá-lo por entrar em nosso quarto assim. - Gage veste uma calça de moletom, correndo para fora do quarto atrás do meu pai com a arma ainda nas mãos.

Ah, merda.

Eu me apresso e me visto, meu coração batendo no meu peito com tudo o que aconteceu.

Meu pai tem o hábito horrível de não respeitar os limites de ninguém.

Eu corro escada a baixo. — Baby, me diga que você não apenas desceu a porra das escadas correndo, - Gage me repreende, pegando minha mão com medo de que eu caia.

Eu tropecei em um sapato uma vez e ele tem na cabeça que vou cair e quebrar o pescoço a qualquer minuto.

Olho ao redor da sala para o meu pai que está deitado de costas no sofá, um travesseiro sobre o rosto.

— Gage, você o matou? - Eu grito e corro para o meu pai, arrancando o travesseiro de seu rosto.

Ele olha para mim e parece que vai chorar. — Gage, ele está prestes a chorar. - Eu alcanço meu pai para tentar abraçá-lo.

A cara de choro cai quando ele vê Gage ao meu lado. — Que porra é essa? Não toque nela! - Ele arranca minha mão da de Gage.

— O que há de errado com vocês dois!? Vocês estão me deixando louca. - Eu encaro e me sento na beirada do sofá me sentindo meio tonta de tanta adrenalina.

— Claro que vou tocá-la, ela é minha. Pai ou não, eu vou te nocautear se você a tocar de novo, - Gage resmunga, ficando na cara do meu pai quando ele se levanta.

Pego meu telefone e mando uma mensagem para Jessica, dizendo a ela que eles estão brigando novamente. Eles brigam pelo menos uma vez por semana, mas esta é a primeira vez que ele nos pega nus juntos na cama.

— Se você aprender a bater como um fodido humano, então você não veria nada que não quisesse ver.

Eu mordo meus lábios assistindo de olhos arregalados para esses dois. — Bem, ela é minha filha. Se eu quiser vê-la, eu vou. Ela não deveria estar fazendo o que está fazendo de qualquer maneira. Ela é muito jovem para saber o que é isso, - meu pai diz com tanta convicção.

Comecei a rir do ridículo de tudo isso.

— Bem, venha desse jeito fodido se você quiser e da próxima vez não vou errar. - Gage se aproxima, eles estão nariz com nariz.

A porta se abre e Reaper entra com alguns donuts que ele me deve. Apostei que poderia vencê-lo na sinuca e ele perdeu, é claro.

Reaper coloca os donuts no meu colo, abro a caixa e me emociono ao ver os donuts da padaria da cidade. — Você é minha pessoa favorita agora.

A cabeça de Gage se vira, fulminante. — Que porra você está fazendo trazendo donuts para minha mulher? - Gage volta seu foco para Reaper.

— Gage, eu o venci na sinuca e seu pagamento era me trazer donuts.

Ele se inclina para mim, beija o topo da minha cabeça e se senta do meu outro lado.

Reaper é como o irmão que nunca tive, ele só fala a cada dez anos, mas entendo sua vibe.

Além disso, ganhei de propósito para que ele fosse à padaria ver a garota mais fofa que a possui, ela é tão doce e gentil. Eu a amo.

Reaper e ela seriam tão fofos juntos, então planejo mandá-lo para lá sempre que puder até que ele tenha coragem de chamá-la para sair, o que provavelmente acontecerá em dez anos.

Gage enfia a mão na caixa e entrega ao meu pai um donut como oferta de paz. — Pai, a moral da história é não entrar em quartos fechados sem bater.

Ele se senta na nossa frente, comendo seu donut. — Sim, porra, eu entendi isso. Sua bunda está gravada em meus globos oculares.

Eu desato a rir. — Bem, você aprendeu sua lição, pai, eu avisei.

Ele me encara. — Quando eu escuto você?

Reviro os olhos e dou uma mordida no donut de chocolate. — Pai, por que você está aqui, afinal? - Eu pergunto.

Ele enfia a mão no bolso de trás e me entrega uma pasta. Empurro os donuts no colo de Reaper e abro a pasta.

— Por que você pegou um caso para a mãe de Terror? - Eu pergunto a ele, estudando os detalhes. Ela está querendo encontrar irmãos há muito perdidos, pelo que parece.

Ele dá de ombros, sorrindo. — Este não é um dos seus casos habituais, - menciono a ele e ele apenas sorri mais largo.

— Quanto ela está pagando por isso? - Eu pergunto, folheando as páginas. Eu sei que Gage está confuso, acho que nunca foi mencionado o que meu pai fez.

— Meu pai é um caçador de aluguel. Ele encontra pessoas desaparecidas, ajuda as mulheres a recomeçar a vida depois da violência doméstica, - explico rapidamente. — Quanto ela está pagando?

Ele pisca para mim. — Ela não está me pagando um centavo.

— Como ela encontrou você? - Eu pergunto, sendo intrometida.

— Querida, parei no restaurante dela para jantar a caminho da minha casa. Eu e Marie estamos nos vendo.

Quase caio do sofá. Os olhos de Gage estão saltando de sua cabeça e Reaper também está chocado. — Melhor não contar ao Terror, diabos, todos os caras pensam nela como sua mãe.

— Que porra você está fazendo com ela? - Reaper pergunta e eu quase desmaio de choque. Esse é o maior número de palavras que ele já disse de uma só vez.

— Ela é minha mulher, ela simplesmente não sabe disso, - meu pai explica. Ele se levanta e caminha até mim, beijando o topo da minha cabeça. — Faça a pesquisa para mim, menina. Ela é importante para mim e quero que você saiba disso.

Eu me levanto e o abraço. — Estou feliz por você, pai, ela é uma senhora tão doce. Eu a amei quando a conheci.

Ele me abraça de volta com força. — Ela é. - Este é o mais suave que eu o vi em muito tempo, muito distante quando ele chegou aqui.

Um dia estou preocupada que ele e Gage não parem de brigar e machuquem um ao outro. Então terei que matá-los por machucarem um ao outro.

— Obrigada pelos donuts. - Agradeço a Reaper e tiro outro da caixa. — Eu preciso começar neste caso.



Eu bocejo esticando meus braços sobre minha cabeça. Estou procurando na internet há horas tentando encontrar sua irmã.

Elas foram separadas quando foram levados pela CPS quando crianças e nunca mais se viram. Isso é tão incrivelmente triste.

A porta se abre e Gage entra com duas pequenas caixas de comida, segurando a porta aberta para Penélope. — Aí está minha garota, eu estava esperando para ver você.

Ela ainda está de pijama e seu cabelo está bagunçado do sono. — Eu dormi esta manhã. - Ela dá suas risadinhas sonolentas.

Gage puxa sua cadeira que está ao lado da minha, ela tem seu próprio laptop que é feito para crianças. Ela gosta de fingir que está me ajudando.

— Papai me fez levantar, - ela faz beicinho.

Sorrio para ela, ela realmente tomou meu coração. — Como ele se atreve a fazer uma coisa dessas! - digo dramaticamente.

Gage puxa uma cadeira ao nosso lado, colocando a comida na nossa frente. — Onde está a sua? - Eu pergunto.

Ele parece tímido. — Eu meio que comi o meu no caminho para cá.

Olho para o hambúrguer e tenho uma suspeita de onde ele conseguiu. — Você foi e comprou na casa de Marie, a mãe de Terror, não foi?

Roubando uma das minhas batatas fritas, ele afirma: — Eu não tenho ideia do que você está falando.

— Bem, o que você viu? - Pergunto casualmente não querendo ser óbvia que eu quero saber também.

— Eles estavam lá juntos, seu pai é muito diferente com ela e Marie estava feliz.

Meu coração se acomoda no meu peito. — Bom. Acho que ela merece a felicidade tanto quanto meu pai. Ela estará segura com ele.

Ele não parece satisfeito com a ideia. — Seu pai é um pé no saco, mas ele é um cara legal.

Penélope levanta os olhos de comer seu hambúrguer, ketchup está espalhado em sua boca e bochecha. — Você disse uma palavra ruim.

Ele ri. — Eu sei menina. Tio Gage tem uma boca ruim às vezes.
- Ele estende a mão e bagunça o cabelo dela.

Adoro vê-lo com ela. Cada vez que eu faço isso, me faz querer ter filhos com ele mais e mais.

Quero que eles sejam criados nesta vida, pois ela ou ele terá tantos protetores e pessoas que os ajudarão a crescer.

Nós comemos nossa comida com Gage roubando quase todas as nossas batatas fritas. Penélope foi tão fofa fingindo não notar.

— Temos uma reunião do clube em cinco minutos, me ligue se precisar de mim. - Ele me beija e eu sorrio contra seus lábios.

— Tudo bem, nós, garotas, temos trabalho a fazer.

Penélope abre seu pequeno laptop e começa a digitar. Um pouco depois ela se cansa disso e vai até o canto da sala onde guarda brinquedos para mantê-la ocupada.

— Penélope, quando você quer ter aquela festa do pijama? - Eu me viro e pergunto a ela.

Congelo quando percebo um ursinho que ela está segurando, parece meio estranho. Pego um vislumbre de algo estranho com seus olhos.

— Penélope, posso ver o Sr. Urso?

Ela corre até mim, colocando o urso no meu colo. Volta para o canto brincando de festa do chá com seu bebê.

Levanto o urso para olhar em seus olhos e tento não entrar em pânico quando vejo o que me parece uma pequena câmera em seus olhos.

Eu o viro e passo o dedo para baixo, sentindo os pontos na costura de trás. Os pontos não faziam parte do urso porque são de uma cor totalmente diferente da do urso.

Levanto o urso ao meu ouvido, ouvindo. Juro que posso ouvir o clique de uma lente de câmera. Que porra?

Corro até a porta e a abro. — Leland, fique com Penélope. Não a deixe fora de sua vista.

Posso dizer que ele quer perguntar o que está acontecendo, mas preciso chegar aos caras. Corro e pego meu laptop, carregando o urso debaixo do braço.

Sem bater, entro direto na sala onde eles estão tendo sua reunião.

Todos parecem chocados ao me ver.

— Temos um grande problema.

Vejo a mudança em todos assim que digo isso e vou direto para Royal. — Há quanto tempo ela tem esse urso? - Pergunto-lhe.

— Que porra está acontecendo? - ele pergunta.

Todos estão olhando uns para os outros, confusos sobre o que está acontecendo. Eu sei que não estou fazendo sentido.

— Não tenho certeza, não comprei para ela. Pensei que um dos caras tinha comprado para ela. - Olho ao redor da sala para os caras para ver se alguém comprou para ela.

Eles balançam a cabeça negando.

Isso foi o que pensei. — Quando ela estava brincando com ele mais cedo, notei algo com seus olhos. Pedi a ela para me deixar ver e vi a porra de uma lente de câmera em seu olho. - Eu tiro a faca de Royal de seu lado e rasgo as costas do urso.

Queria estar errada, como eu queria estar errada.

Sigo o canto até a cabeça do urso, coloco minha mão dentro e pego uma câmera.

— QUE PORRA!? - Royal ruge e deixo minha cabeça pender por um segundo antes de engrenar.

Tiro o chip sabendo que posso rastreá-lo até as pessoas que estão assistindo.

Tomo o assento de onde Royal saltou, abrindo meu laptop. Empurro o cartão e começo a trabalhar, ignorando seus gritos.

Sinto alguém nas minhas costas e sei que é Gage. Olho para ele e descanso minha cabeça em sua mão no meu ombro.

— Ela me disse que falou com ela. Mas eu pensei com o quão grande é a sua imaginação, ela estava inventando. - Ele está pálido como um fantasma.

Invado o software principal e há uma lista inteira de vídeos. Eu rolo para o primeiro.

Sincronizo com a TV na parede para que todos possam assistir. Observamos enquanto parece que alguém está entrando, segurando o urso.

A porta se abre e mostra Penélope sentada na sala de jogos do Clube aqui. O urso está sentado na mesa à sua frente. — Eu tenho uma coisa para você.

Tento colocar a voz e minha pergunta é respondida quando a porra da Gretchen se senta ao lado dela. — Este urso é mágico, ele quer que você o leve a todos os lugares, ok? Você deve levá-lo a todos os lugares, especialmente perto de seus tios.

Estou tremendo de tanta raiva, acho que não consigo respirar. — Você é uma boa garota. - Com isso ela sai e Penélope volta a brincar, totalmente alheia.

— Deixe-me rastrear de onde ela está assistindo isso.

Total silêncio enquanto todos observam eu ampliando o ponto no mapa. Está à uma hora de distância de nós.

Aproximo e afasto até mostrar um enorme edifício de metal e bem na porta da frente diz: — Soulless Serpents MC.

— Gage, qual era o nome do presidente do MC? - Eu não quero estar certa.

— Kurt.

Fecho meus olhos. — Kurt é o nome do cara que é o sugar daddy de Gretchen.

Juro que você pode ouvir um alfinete cair. — Agora sabemos por que Kurt teve tanto problema comigo desde o início. Gretchen

é a causa disso e faz sentido como eles sabiam que estaríamos lá. Ele foi atrás de nós desde o início por causa dessa puta do caralho.
- Eu bato meu punho na mesa.

Royal está chateado. — Ela usou meu bebê como isca para ficar de olho em todos nós porque ela está chateada. É por isso que o filho da puta louco Kurt estava começando a merda, por causa de sua boceta rançosa.

Estamos todos ligando os pontos.

— Vamos montar, - diz Gage, mas sua voz é sem emoção.

Todos estão em uníssono, mas Royal parece inseguro. Eu não quero nada mais do que ir com eles e criar todos os tipos de merda.

— Vou ficar com Penélope, - digo a Royal.

Ele parece aliviado quando todos saem da sala, menos Gage. Eu o puxo para mim, beijando-o. — É melhor você não se machucar ou vou chutar sua bunda.

Ele ri. — Estarei seguro, baby. Que tal eu pegar aquela vadia para você?

Eu tremo dramaticamente. — Adoro quando você fala sacanagem comigo.

Ele beija minha testa, deixando seus lábios demorarem por um momento. — Te vejo daqui a pouco. - É difícil vê-lo sair e preciso de cada parte de mim para dizer a ele para não ir.

Knight ficou completamente em silêncio durante tudo isso, ele é o mais feliz do grupo, mas agora estamos vendo um lado totalmente diferente dele.

Reaper está em silêncio como de costume com Terror ao seu lado, verificando se sua arma está carregada. Mesmo os prospectos estão indo, Leland também. Isso faz meu coração afundar, ele é um bebê.

— Tchau, papai! Divirta-se em seu passeio. - Ela acena para todos, e todos olham para ela. Ela é um lembrete vivo do que eles estão lutando.

Ela.

Pego sua mão e os observamos partir. Todo o lugar está completamente vazio, exceto eu e ela. — O que você acha de fazer um pouco de comida para todos quando eles voltarem?

Ela pula para cima e para baixo. — Espaguete? - ela praticamente implora.

— Vamos. - Caminhamos juntas para a cozinha.

GAGE

Nossa vibração é intensa. Enfrentamos batalhas, duras, mas isso não é nada parecido com o que tivemos que fazer antes.

Nós vamos destruir.

Não vou descansar até que todos estejam mortos, principalmente aquela vadia, Gretchen. Eu nunca machuquei uma mulher na minha vida, mas quero matá-la.

Meu corpo está coçando para colocar uma bala em seu cérebro.

Andrey está à minha esquerda, Knight à minha direita e nós rodamos. A viagem até lá leva metade do tempo por causa da velocidade que estamos indo.

Nós não desaceleramos quando chegamos aos portões aberto, passamos direto por eles.

Paramos em frente ao clube e olhamos ao redor. Eu estava esperando entrar com suas armas apontadas para nós.

Mas não há uma pessoa aqui.

Royal pula de sua moto e bate a porta olhando para dentro, novamente não há ninguém aqui.

Então me atinge como uma tonelada de tijolos.

— PORRA!! Vamos voltar para as meninas!

Atinge todos de uma vez o que diabos estou querendo dizer. Eu nem espero pelos outros, eu saio.

Estou chegando, River! Eu estou indo, porra!

CAPÍTULO 13

GRETCHEN

Eu gritei no segundo que ela viu a porra da câmera no urso, puta! Eu a odeio tanto.

Isso me deixa sem tempo para sair daqui antes que eles apareçam para me matar. Um plano se forma em minha mente.

Abro uma garrafa de álcool isopropílico que tinha no balcão e que usei para limpar as feridas de Kurt.

Lágrimas enchem meus olhos, o álcool arde neles. Corro para fora da sala, fingindo chorar e direto para os braços de Kurt.

— Que porra está acontecendo? - Ele me puxa de volta. Seu corpo agora está curado de tudo que fizeram com ele.

— River, ela me ameaçou novamente. Ela enviou uma mensagem, - eu soluço, sorrindo em minhas mãos.

— Estou realmente cansado dessa porra de cadela. Quero fazê-la sofrer pela forma como ela destruiu minha vida e a sua.

Ele está com o pau mole desde que ela o esfaqueou, ele não consegue mais levantar. O ódio que tenho por ela não é nem parecido com o que ele sente por ela, mas Deus, eu odeio essa cadela.

Gage era meu e ela o roubou.

Eu quero que ela sofra.

Ela destruiu a porra da minha vida. Cada centavo que recebo na minha conta bancária, ela drena. Não tenho dinheiro, estou à mercê desagradável de Kurt. Eu sei que é ela fazendo tudo porque vi o que ela podia fazer antes que eu fosse obrigada a sair por causa daquela boceta.

— Vamos matá-la, vamos acabar com ela, - eu imploro a ele.

— Ok, - ele diz.

— Vamos montar, rapazes. Temos uma puta para estuprar e alguns Sinners para matar.

Eu me afasto, sorrindo e vendo todo mundo montar e ir para o clube. Quem é a piada agora, River?

RIVER

Penélope e eu estamos na cozinha cantando junto com o rádio e ela está balançando sua pequena bunda ao som da música. Isto é hilário.

Agarro seus braços e dançamos pela cozinha, os caras já se foram há cerca de quarenta minutos.

Lutei contra a vontade de ligar para ele e ter certeza de que está bem, mas não quero alertar Penélope sobre o que está acontecendo.

Há um alerta no portão e olho para a tela na parede para ver o feed da câmera.

Meu coração para ao ver todo o Soulless Serpent MC nos portões do clube. Mas nada é tão ruim quanto ver Gretchen na porra da moto de Kurt sorrindo como se ela tivesse ganhado.

Oh, porra, não.

Eu me viro e olho para Penélope. Vou lutar até a porra da morte por ela. Há uma sala segura que os caras fizeram para ela anos atrás, caso algo assim acontecesse.

— River, nós sabemos que você está aí! - Gretchen grita e Penélope olha para a tela. — Ei, foi ela quem me deu meu urso.

Eu fico de joelhos na frente dela. — Penélope, eu preciso que você seja uma boa menina, ok?

Seu rosto muda com o meu tom, pois nunca falei com ela dessa maneira. — Essas pessoas lá fora são homens maus, ok? - O medo enche seus olhos. — Você entra em seu quarto seguro e assiste TV. Não saia até que eu ou um de seus tios mande, ok? - Eu empurro seu cabelo para fora de seu rosto.

Pego sua mão e saio correndo pelo prédio até a lavanderia, apertando o pequeno botão para abrir a porta. — Eu estarei de volta para você. Eu te amo, tudo bem, P? - Eu a abraço apertado, ajudando-a a entrar.

Fecho a porta e ligo o alarme. Os caras receberão o alerta em seus telefones, informando que a sala segura está em uso se algo acontecer comigo.

Deslizo a arruela na frente da porta para que fique completamente invisível. Fecho a porta e fico do lado de fora me reunindo, empurrando tudo para fora da minha mente, o treinamento do papai saindo.

Posso ouvir as batidas no portão, eles estão tentando invadir. Se eles querem brigar, então nós vamos.

Coloco o código na sala do arsenal e sorrio ao ver todas as armas. A primeira coisa que pego é um colete à prova de balas, colocando-o sobre minha cabeça.

Eu os ouço ainda tentando arrombar o portão com tiros e pancadas.

Jogo meu cabelo em um coque e pego um rifle sniper e algumas pistolas prendendo-os ao meu corpo.

Subo as escadas até o topo principal do prédio. Coloco a arma no lugar que os caras fizeram para os rifles de precisão em situações como essa.

Deito-me no telhado, olho para a mira e vejo Gretchen gritando com alguns dos homens querendo que eles passassem.

Eu sorrio pensando no primeiro que eu quero tirar. Gretchen vai até o portão e tenta digitar o código.

Pego meu telefone, colocando-o ao meu lado. Decido pegar o filho da puta que está ao lado de Gretchen.

Eu não me importo com nenhum desses filhos da puta, mas Gretchen e Kurt.

Esses dois são meus e de Gage.

Eu alinho a mira, puxo o gatilho e a bala o atinge na cabeça. Sangue jorra da ferida, cobrindo Gretchen em seu sangue.

Ela grita a plenos pulmões, tentando limpar o rosto, ela é estúpida demais para se esconder.

Atiro em um dos membros cuja cabeça está saindo de trás de uma de suas motocicletas e ele bate no chão com um baque.

Eles começam a atirar de volta para mim. Acho que finalmente me viram no telhado, mas eles não sabem que sou eu.

Esta é a coisa mais divertida que tive em muito tempo, é como brincar de esconde-esconde com idiotas.

Eles colocam suas cabeças para fora e eu atiro, derrubando-os.

Posso ver que alguns deles estão ficando impacientes e tenho uma ótima sensação de que eles vão sair daqui.

Eles o deixaram para morrer no bar, deixaram-no pendurado lá muito ocupado tentando entrar nas calças das mulheres para se importar.

Você acha que eles se importam agora?

Começo a atirar em seus pés enquanto eles estão se escondendo atrás de suas motos e arbustos. Decido começar a atirar em suas motos, esperando que isso coloque o medo em suas

bundas ou até mesmo a possibilidade de atingir seu tanque de gasolina e causar uma explosão.

Olho para o meu telefone para verificar Penélope em sua área segura, ela está olhando para a TV e segurando um cobertor que estava lá e uma caixa de suco.

É por isso que estou fazendo isso.

Nenhum deles merece viver.

Ninguém mais fodendo com eles.

Restam dez.

Eu me concentro. Um deles corre para a moto e eu o acerto na nuca. Gretchen está gritando e dizendo a eles para não serem maricas.

Um dos caras está acelerando em uma van, meus olhos se arregalam quando ele não para e bate direto no portão.

O portão não cede, mas se abre um pouco.

Ele se afasta e um dos membros desliza para dentro da fenda.
— Bem, acho que é isso.

Solto um suspiro profundo, atirando no filho da puta vendo-o cair. Eles começam a avançar cada vez mais rápido, correndo em direções diferentes.

Eu atiro o mais rápido que posso, mas não adianta.

Gretchen, Kurt e outros cinco passaram pelo portão e estão indo para o clube. Eu me levanto do telhado, descarrego a arma e a coloco contra a parede.

Ouço a porta se abrir abaixo e pulo para baixo. Usando meu telefone, desligo todo o feed da câmera para que eles não possam me ver nas telas do andar de baixo.

— Uau, esses filhos da puta estão carregados, - diz um dos membros. Estou chamando-o de otário número um.

Um dos mais assustadores caminha para a luz. — Eu me pergunto onde está aquela garotinha que tivemos que assistir?

Todos eles se separam e eu sigo aquele que mencionou Penélope pelos quartos e corredores dos fundos.

Não ficarei satisfeita até ver a vida deixar seus olhos. Ele entra no escritório do Knight e estou andando bem atrás dele, ele nem me nota.

Meu pai me ensinou a andar nas sombras, a me misturar e não ser vista. Pego minha faca, esperando que ele me note.

Ele olha para todos os remédios no armário, trancados. Ele levanta sua arma e tenta usar a parte de trás do punho da arma para quebrá-lo.

Ando atrás dele, batendo em seu ombro. — Sim, eu não faria isso. - Ele se vira em choque.

Ele não solta uma palavra. Levanto minha faca, batendo direto em seu rosto e descendo em sua espinha. — Onde está Penélope? - Eu zombo dele. — Penélope não está aqui, sua tia está. - Eu torço a faca em seu rosto, sangue escorrendo pela minha mão e caindo no chão.

Eu puxo a faca, seu corpo sem vida batendo no chão com um baque. — Que otário. - Eu olho para seu corpo sem vida.

Ouçõ vozes do lado de fora no corredor e imediatamente reconheço a voz do otário número um. Eu passo atrás da porta para que ele não possa me ver enquanto entra. — Oh merda, eles têm um consultório médico aqui.

Assim que ele passa por mim, passo atrás dele e rapidamente movo minha mão para frente dele, arrastando minha faca ao longo de seu pescoço, respingos de sangue no meu rosto e na sua frente.

Ele agarra o pescoço enquanto se vira e cai de costas contra a mesa, olhando para mim. Eu me curvo na frente dele, observando e esperando que a alma deixe seu corpo.

Dois a menos.

Saio do escritório. Eu sei que Gretchen está ficando chateada porque ela não consegue encontrar ninguém.

Ando pela área de estar principal com todos os sofás, TVs e caixas de jogos. Meus olhos estão em Gretchen, que acabou de se dirigir na direção do escritório de Gage.

Não noto a pessoa atrás de mim até ouvir o clique de segurança de uma arma. Eu me viro e fico cara a cara com Kurt.

Eu sorrio, amando a raiva em seu rosto. — Bem-vindo ao clube Kurt e o pequeno Kurt. - Eu aceno para seu pau.

Posso sentir a raiva saindo dele em ondas. — Eu vou adorar te machucar. Tantos homens usarão seus buracos que você nem saberá quem você é.

Vejo alguém andando atrás dele enquanto digo: — Repita isso para mim, estou com deficiência auditiva.

Ele se aproxima de mim, sua mão se contorcendo com a arma apontada para mim. — Eu disse, vou adorar te foder de todas as maneiras possíveis, até que você deseje a morte, então eu vou te entregar aos meus homens para aproveitar o que resta.

Gage está atrás de Kurt. — Quer repetir isso? - Gage pergunta e Kurt se vira chicoteando a arma. Gage segura sua mão antes que ele possa apontá-la para alguém. — Ah, parece que você foi pego.

Eu passo atrás dele e mexo meus dedos em seus enormes buracos de orelha. — Faça sim. - Gage levanta o pulso cada vez mais, mais e mais, os gritos vindos dele alimentando minha alma até que eu ouço aquele som maravilhoso de estalo.

— Ahh, era isso que eu queria ouvir! - Dou um tapinha na nuca dele e Gage o coloca em uma cadeira no meio da sala. — Prospecto, leve-o para o porão. - Eles o pegam, arrastando-o para fora.

Olho para Reaper. — Deve haver mais dois ou três caras.

Knight está me olhando preocupado. — Knight, há dois cadáveres em seu escritório.

Royal está olhando ao redor da sala freneticamente e corro para ele. — Ela está na sala segura assistindo a um filme, ela não sabe de nada.

Ele parece querer me abraçar, mas sai correndo em busca de sua filha. — Não sei vocês, mas eu tenho uma cadela para pegar. — Eu ando na direção que Gretchen foi.

Olho por todos os quartos, ficando meio irritada por não a ter encontrado ainda. Gage está colado ao meu lado, observando cada movimento meu. Eu sei que ele está preocupado comigo.

Agora, temos merda para lidar.

Acredite ou não, eu a encontro na sala de jogos escondida em um maldito túnel. Eu vi seus olhos espiando pelo buraco. — Onde, oh, onde estaria a vadia? - Eu a provoco.

Ando ao redor da sala lentamente. — Ah, ela está aqui em cima? - Finjo olhar para o topo do playground.

Eu me abaixo olhando para ela bem na cara. — Eu a encontrei. - Eu sorrio.

Aproximo-me e a seguro pelos cabelos, arrastando-a para fora. — Qual é o problema?? Não é tão valente agora, hein? - Ela grita, chutando as pernas tentando se libertar.

— Não se preocupe, estou levando você exatamente onde você precisa estar. - Eu mantenho um aperto forte em seu cabelo, arrastando-a até chegarmos ao topo das escadas do porão que levam ao meu quarto favorito no momento.

Eu vejo Royal andando pela casa do clube com um cobertor sobre a cabeça de Penélope para que ela não veja tudo.

Gretchen usa as mãos para se impedir de descer as escadas. — Você sabe que isso está tornando as coisas mais difíceis para você. - Eu levanto meu pé e bato em sua mão contra a parede, então faço o mesmo na outra.

Ela grita, levantando as mãos. — Ah, eu quebrei alguns dedos, me desculpe. Deixe-me consertar. - Eu me abaixo e agarro seu dedo indicador torto e o movo na direção oposta. — Muito melhor. Que boa cadela. - Eu acaricio sua cabeça antes de agarrar seu cabelo novamente, arrastando-a para baixo.

Baque.

Baque.

Baque.

Eu a arrasto para uma cadeira, sentando-a nela. Andrey vem por trás e a amarra. Eu movo seu assento até que ela esteja cara a cara com Kurt.

— Agora, e sobre vocês pombinhos apaixonados invadindo nosso clube? - faço tsksk, meus instintos protetores em substituição.

— Mas isso não é tão ruim quanto o que você fez com Penélope. Você perseguiu e assediou uma garotinha. - Agarro seu rosto com força, amando seu rosto se contorcendo de dor.

Gage pega minha mão e me puxa pela sala para longe de todos.
— Baby, eu preciso saber, estou morrendo aqui, você está machucada?

— Ninguém chegou perto o suficiente para me machucar, eu prometo. - Eu seguro as mãos no meu rosto.

Descanso meu rosto em seu peito, precisando mergulhar em apenas alguns momentos de segurança embrulhada nele.

Eu não estava com medo por mim. Estava com medo de que, se algo acontecesse comigo, Penélope pudesse ter sido roubada por eles.

— Pronta para mostrar a eles quem é a porra da rainha? - ele me pergunta, seus olhos escurecendo a cada segundo.

Foi-se o doce Gage, substituído pelo pecador.

— Contanto que meu homem o mate por ousar tocar o que é dele. - Eu vejo seu corpo entrar em modo de matar com minhas palavras.

Começa o jogo.

GAGE

— Contanto que meu homem o mate por ousar tocar o que é dele. - Suas palavras fluem pelo meu corpo e imagino todas as coisas que vou fazer com ele.

Ao vê-la parada no meio da sala, coberta de sangue, meu primeiro pensamento foi cair no chão com medo de que algo tivesse acontecido com ela.

Então a porra do Kurt veio do nada com uma arma apontada para ela. Eu pensei que meu coração ia saltar para fora do meu corpo.

Então tudo ficou escuro. Não me lembro de me mover ou como diabos cheguei lá, mas sabia que precisava chegar até ela.

Andar de volta ao clube foi o momento mais longo da minha vida. Tentei ligar para ela, mas não deu certo.

Se algo tivesse acontecido com ela, eu não sobreviveria. Eu teria que segui-la para a vida após a morte porque eu não poderia ficar sem ela, não sem minha River.

Ela esfrega minha bochecha uma última vez, indo até nossos prisioneiros. — Agora que comece a diversão. - Ela bate palmas, sorrindo. — Ah, brinquedos. - Ela corre pela sala puxando uma faca da parede.

Meus lábios se contorcem tentando não rir dela. O que posso dizer? Adoro quando ela é má.

Ela pesa na mão. — Acho que para o Natal vou precisar do meu próprio conjunto de facas se essa merda continuar acontecendo.

Ela suspira dramaticamente enquanto deixa a faca balançar em suas mãos. — Sabe Kurt, já que você está tão determinado a estuprar mulheres, acho que os caras deveriam ouvir o que você planejou para mim.

Ela puxa uma cadeira e olha para ele, esperando.

Eu me movo ao lado dela, de pé em suas costas. Andrey me entrega minha própria faca, apenas uma versão menor. Que foddidamente apropriado, ela escolheria uma das minhas.

Ele não fala com ela, então ela olha para Gretchen. — Você sabia que seu homem planejava me estuprar e depois me entregar aos seus membros? - Eu pergunto a ela.

Ela estreita os olhos para ele. — Você quer dizer que iria tocá-la depois que você não consegue nem levantar para mim? - ela grita com ele.

River está assistindo eles discutirem com alegria. — Ah, você está me dizendo que não consegue levantar? Por quê? - Ela fala com ele como se ele fosse um bebê enquanto bate sua faca contra seu pau. — Eu fiz isso?

O olhar assassino em seu rosto enquanto ele a encara é outro prego no caixão. Eu continuo acumulando maneiras de torturá-lo com cada insulto.

RIVER

Eu posso sentir o ódio que ele tem por mim. — Você não é mais um homem, é? — Eu continuo a provocá-lo.

Não tenho piedade dele. No segundo que alguém ameça estuprar, somente merece estar morto. Ponto.

Obviamente, ele se preocupa com Gretchen e uma ideia se forma na minha cabeça.

Puxo minha cadeira para trás e vou até Gretchen. — Então, o quanto você a ama, Kurt? — Arrasto minha faca ao longo de seu braço, colocando pressão suficiente para desenhar uma pequena linha de sangue.

Ela grita: — OWWW! O que você está fazendo?

Agarro seu rosto, com força. — O que você acha que estamos fazendo aqui? Você vai morrer, mas eu vou brincar primeiro. - Eu a solto.

Seu rosto empalidece e acho que ela está percebendo que sua vida acabou. Lágrimas caem em seu rosto. — Por favor, não me mate. Eu te amo, Gage. Eu estava apenas lutando por você. - Ela olha para ele com seus olhos falsos de cachorrinho.

O que me irrita *pra* caralho.

— Você não olha para ele. Você não é digna nem mesmo de olhar para ele, sua puta nojenta.

Ela tenta olhar ao meu redor, olhando para ele mais uma vez. — Por favor, Gage, eu te amo, - ela implora a ele. — Eu sempre vou te amar.

A raiva me atinge com força, ele é meu. Ando até a parede e pego uma tocha. — Sim, acho que isso pode funcionar, você não acha, Andrey?

Ele ri. — Sim.

— Não o faça. - Eu ando dramaticamente, irritada quando a ouço sussurrando para Gage desamarrá-la para que possam viver juntos.

Acho que essa mulher é mais burra do que eu pensava. Ela literalmente está fazendo tudo o que pode para ser morta. — Eu avisei você, - digo a ela, furiosa.

Ela parece irritada por eu estar de volta. — Eu sou feita para ser sua old lady, - ela começa mais uma vez.

Empurro sua cabeça para trás com força contra a cadeira. Eu a puxo pelo cabelo. — Baby, você pode começar isso para mim? - Pergunto-lhe.

Ele ri. — Sim. - Ele acende a tocha.

Eu a trago para seu rosto, parando perto o suficiente para que ela sinta o calor. — Oh meu Deus! Você é louca? - ela grita.

Eu balanço minha cabeça. — Não, você é a única que está louca tentando roubar meu homem bem na minha frente.

Eu seguro sua pálpebra aberta e posso ouvir Kurt atrás de mim gritando, dizendo-me para não a machucar. — Cala a boca, idiota. - Eu ouço Gage dizer a ele e então o som de algo batendo na carne.

Olho para trás e vejo que Gage está com a mão na boca de Kurt. Mal posso esperar para ver Gage lidar com ele.

Agora, eu tenho uma cadela para cozinhar.

Seguro sua cabeça contra o encosto da cadeira com meus quatro dedos e uso meu polegar para manter seu olho aberto.

Trago a tocha cada vez mais perto até que esteja bem acima do seu olho. Ela chuta as pernas tentando me empurrar assim que a chama queima seu globo ocular.

Depois passo para o outro, fazendo a mesma coisa. — Isso é por Penélope também, vadia, - sussurro em seu ouvido.

Ela está cega e completamente nocauteada. Pego minha faca e a coloco direto em seu estômago, deixando-a morrer lenta e dolorosamente.

Bato minhas mãos dramaticamente. — Cara, eu suei. - Alguns dos caras estão me olhando como se tivessem medo de mim, mas Gage parece orgulhoso e Reaper também.

Entrego a tocha de volta para Andrey. — Meu trabalho está feito. - Tomo minha cadeira, cruzando as pernas olhando Gage e Kurt.

Gage tira a mão da boca, soltando o grito. — Sua puta do caralho! Seu idiota de merda! - ele grita a plenos pulmões, tentando cuspir em mim.

Gage levanta o rosto para longe de mim, para que ele não cuspa em mim. — Sua mãe não te ensinou boas maneiras? - Eu o repreendo, enojada.

Eu sinto que uma das coisas mais desrespeitosas que você pode fazer é cuspir em alguém. Gage levanta a mão para Andrey, que está segurando uma pequena bandeja de armas.

Gage desliza seus dedos ao longo das facas parando em uma longa e magra. Knight vem atrás de Kurt segurando sua cabeça para trás.

— Abra a boca, — Gage diz a ele.

Ele balança a cabeça negativamente, apertando os lábios. Gage rosna, acertando-o com força com as costas da faca.

— Abra, - ele exige novamente.

Ele relutantemente abre a boca, Andrey aperta a língua puxando-a o mais longe que pode, para fora de sua boca.

— O gato comeu sua língua? - Gage ri antes de deslizar a faca pela língua, cortando-a em duas.

Ele grita, seu corpo inteiro tremendo, tremendo de dor. Reaper se move para ficar ao meu lado. — Você está bem? - ele me pergunta e estou mais chocada que ele falou comigo do que todos os eventos que aconteceram aqui hoje.

— Estou bem.

No final não estou, estou longe de estar bem. Estou me segurando porque preciso ver com meus olhos a vida tirada desse

homem. Eu preciso ver que ele nunca vai tentar me machucar novamente.

A porta se abre e todos os caras se voltam para a porta. Posso ver que eles estão prontos para quem quer que seja.

É meu pai.

Seus olhos vão para mim antes de qualquer coisa. Eu sei que pareço horrível com o sangue secando na minha pele. — Esse é o filho da puta? - meu pai pergunta, olhando para Kurt.

— Sim, - eu respondo a ele.

Gage joga a língua no chão e eu observo enquanto ela rola pela sala parando na parede.

— Agora a parte divertida, - Gage ri sombriamente.

Ele traz sua faca para baixo em suas pernas, cavando fundo o suficiente para cortá-lo todo o caminho cortando suas calças fora de seu corpo.

Ele tem cortes irregulares e profundos da parte superior de suas coxas até os pés, deixando-o completamente nu na frente de todos.

Ele está engasgando com seu próprio sangue de sua língua sendo cortada. Meu pai está ao lado de Gage observando cada movimento dele atentamente.

Agora, é como se eles estivessem em seu próprio mundo. Andrey entrega a Gage uma banda de castração.

Eu tento não passar mal ao vê-lo colocando em suas bolas, o grito que vem dele é de quebrar. Ele desmaia, sua cabeça caindo para trás.

Gage o ignora. Ele olha para mim e posso ver a escuridão girando sobre ele novamente. Ele balança a cabeça, eu sei que ele está se culpando por tudo isso acontecendo.

Quero ir até ele mais do que tudo, mas também sei que ele precisa servir sua própria justiça.

A adrenalina está diminuindo lentamente do meu corpo, o medo do que poderia ter acontecido me atinge.

Posso sentir Reaper olhando para mim, mas eu o ignoro, meus olhos em Gage. Ele coloca um par de luvas, dando-lhe um tapa no rosto para acordá-lo.

Ele acorda gritando, mas nem parece um grito, é um gorgolejo estranho de sua língua sendo cortada.

Gage agarra seu pau com a mão enluvada, usando uma faca e cortando-o de seu corpo. Todos os caras na sala se movem para trás, estremecendo.

Ele dá um puxão sólido, puxando-o para fora de seu corpo e o enfia na boca. Ele mantém a boca fechada. — Você ameaçou minha mulher uma vez, relevei e deixei você viver. Você vai morrer engasgado com seu próprio pau. Não há uma punição terrível o suficiente para retificar você querendo estuprar minha mulher, querendo machucá-la. Ela é minha. Você vai morrer sabendo que minha mulher tirou a vida de sua mulher. Você a viu sofrer por seus erros e vai morrer sabendo que eu te matei e tirei tudo de você. - Gage solta seu rosto e ele cai para frente, sangue escorrendo de sua boca.

Andrey toma seu lugar costurando sua boca fazendo com que ele se afogue em seu próprio sangue.

Gage se vira para mim. — Vem cá, Baby.

Ele se abaixa e me pega, carregando-me. Enterro meu rosto na curva de seu pescoço. Estou tremendo, forte.

Ele me segura com tanta força, não olho para todos os corpos espalhados pelo chão da casa do clube e do lado de fora.

Eu fiz tudo isso.

Fiz isso para proteger Penélope e nunca me arrependerei disso. Eu a amo muito, ela roubou meu coração.

Morreria protegendo todos eles.

Gage me carrega até nossa casa, longe do clube e do inferno que aconteceu lá.

Ele me coloca no balcão do banheiro e liga o chuveiro. Eu olho para o chão, em minha própria cabeça, repetindo tudo o que aconteceu.

— Posso tirar sua roupa? - ele me pergunta, tirando-me dos meus pensamentos.

Eu concordo.

Ele desabotoa o colete à prova de balas do meu peito, deslizando-o sobre minha cabeça. Ele passa a mão pelo meu corpo, verificando se há feridas.

Eu pego um vislumbre de mim mesma no espelho, o sangue está cobrindo quase todo o meu rosto, apenas meus olhos são visíveis.

Ele desliza minha camisa pela minha cabeça, jogando-a direto na lata de lixo junto com minhas calças.

Ele tira a roupa. Ele está coberto de sangue de Kurt. Eu ajudo a desabotoar suas calças e elas caem no chão.

Esfrego minhas mãos em seu peito, precisando me assegurar de que ele está bem. Que ele está aqui.

Ele me levanta do balcão, levando-me para o chuveiro. Fecho os olhos deixando minha cabeça cair para trás e a água escorrer pelo meu cabelo e pelas costas.

Ele me lava. Eu não falo, apenas olho para o azulejo do chuveiro. Mal posso senti-lo limpando meu corpo e lavando meu cabelo.

Não sinto nada disso, estou entorpecida.

Não tenho certeza de quanto tempo estamos no chuveiro quando ele fala comigo, o som de sua voz áspera cheio de dor crua. — Baby, - ele implora comigo.

Eu olho para ele, a visão de seu rosto torturado é minha ruína. O soluço se solta que eu tenho tentado desesperadamente segurar.

Ele beija minha testa, segurando-me com força. — Eu tenho você, baby, você está segura. Acabou. - Suas palavras me lavam como um bálsamo, acalmando-me. Ele me diz isso repetidamente como se pudesse martelar na minha cabeça.

Envolvo meus braços ao redor de seu pescoço, abraçando-o com força. Meu corpo inteiro está tremendo e ele me abraça mais forte, como se pudesse me abraçar forte o suficiente para parar de tremer.

— Eu estava com tanto medo, Gage, - admito, olhando para ele, lágrimas rolando pelo meu rosto.

Ele segura meu rosto, descansando sua testa contra a minha. — Eu sei baby, isso me mata, porra, que você já sentiu um momento de medo. Vou guardar essa merda no meu coração pelo resto da minha vida.

Eu balanço minha cabeça. — Não, não. - Seguro seu rosto em minhas mãos querendo nada mais do que tirar a dor dele. — Se você se torturar, baby, isso vai me machucar mais do que todo o resto.

Ele deixa cair à cabeça no meu ombro, sua respiração acelerada. Ele então olha para mim e o olhar em seu rosto me tira o fôlego.

Ele estende a mão livre que não está me segurando e enxuga a lágrima que está escorrendo pelo meu rosto. — Eu te amo, River, tanto. Às vezes parece que não consigo nem respirar.

As lágrimas caem mais rápido. — Deus, eu também te amo, Gage. Mais do que a própria vida. Amar você é a melhor coisa que já me aconteceu. Você é todo o meu mundo inteiro. - Eu o beijo, precisando estar o mais perto dele que posso.

— Deus, eu te amo tanto, - eu soluço. — Cada respiração que dou, Gage, cada batida do meu coração é sua.

— Mas eu tenho mantido um segredo, - digo a ele, eu me afasto dele para me decepcionar. Saio do chuveiro e abro a gaveta. Volto para o chuveiro segurando o teste de gravidez na mão.

Seus olhos estão grudados na minha mão. — É isso? - ele pergunta.

Eu rio, chorando. — Sim, eu descobri esta manhã que estava grávida.

Ele começa a rir. — Porra, eu vou ser pai. - Ele cai de joelhos na minha frente, seu rosto na frente da minha barriga e me beija bem debaixo do meu umbigo.

— Oi querido, é o seu pai.

Sorrio ao ouvi-lo falar com nosso bebê. Enterro meus dedos em seu cabelo, este momento é um que eu nunca vou esquecer.

De repente, seu rosto se ergue e ele me encara. — Eu vi você descendo as escadas na câmera mais cedo.

Eu desato a rir. — Deus, você é louco, - brinco.

Ele ri também. — Eu sou louco por você, mas, falando sério. Chega de escadas.

Eu descanso minha cabeça contra o azulejo do chuveiro. Estes serão os melhores e mais longos nove meses da minha vida.

— Ok, - finjo concordar.

Seus olhos se estreitam sabendo que não estou falando sério.

— Amo você, baby. - Envolver meus braços ao redor dele, descansando minha cabeça em seu peito.

Seus lábios pressionam o topo da minha cabeça. — Eu te amo, meu anjo, - diz ele, esfregando a mão nas minhas costas.

Casa.

EPÍLOGO

RIVER

Um milhão de anos grávida

Gage e Knight estão dando os retoques finais no berçário. Estou grávida de quarenta semanas do nosso bebê.

Não sei o sexo porque queria ser surpreendida.

Um chute forte na minha barriga me faz assobiar de dor. Gage está em cima de mim em um segundo. — Você está bem? - ele pergunta, segurando minha barriga.

Eu amo tanto esse homem, ele me colocou em um pedestal durante toda a gravidez. Às vezes eu quero me beliscar que esta é realmente a minha vida.

Gage é muito mais protetor comigo, e os caras também. Se Gage tivesse que sair, eu notaria que um dos caras apareceria aleatoriamente.

Se eu tivesse uma dor aleatória, Gage ligaria para Knight e ele estaria aqui em um minuto. Eu o cronometrei, rio para mim mesma pensando em todos os momentos engraçados.

O livro de bebê que Gage comprou parecia ter passado por todos os caras como material de leitura.

Estou muito agradecida por eles e pelo incrível sistema de suporte que tenho com eles. Minha mãe tem estado aqui todos os dias para ter certeza de que estou bem.

A porta da frente se abre, e eu apostaria meu peito esquerdo que é o Reaper. Ouço o bater das botas e o que você sabe, ele entra no berçário. Sorrio para ele quando entra.

Ele me abraça. — Como você está se sentindo? - ele pergunta. Esfrego minha barriga sentindo o bebê chutar minhas costelas.

Eles se tornaram minha família, meus irmãos que nunca tive. — Estou bem, mas acho que vou tirar uma soneca. - eu bocejo. Ando cansada noventa por cento do tempo.

Seguro meu estômago, empurrando-me para cima com as costas da minha cadeira. Gage praticamente me levanta da cadeira, olhando para mim tentando fazer isso sozinha.

Ele me beija, batendo na minha bunda enquanto eu passo. Olho para trás e dou a ele o olhar que o deixa saber que quero que ele me siga.

Ele sorri, murmurando: — Dez minutos.

Eu pisco e cambaleio pelo corredor até o nosso quarto. Meu apetite por Gage tem sido louco. Eu quase o ataco diariamente.

Olho para minha barriga muito inchada, esfregando. — Mamãe mal pode esperar para conhecê-lo.

Ao longo do último mês tenho estado aninhada. Assim que terminei aqui, fui para a sede do clube e aninhava lá. Eu sei que os caras pensaram em me sacudir algumas vezes, mas minhas lágrimas de gravidez fizeram o truque.

Estou tão cansada de chorar sem motivo. Um dos caras pegou o último picolé e essa foi minha gota d'água para o dia.

Posso jurar que eles não vieram ao clube por alguns dias para ficar longe de mim. Eu rio da memória do rosto do Terror porque foi ele quem o roubou.

De repente, sinto xixi escorrendo pelas minhas pernas. Espere, isso não pode ser xixi.

Oh meu Deus, minha bolsa acabou de estourar. — GAGE!! - Eu grito, segurando minhas costas. Eu me inclino contra a parede.

Ouçó o som terrível de algo caindo. Gage empurra Reaper para fora da porta para chegar primeiro a mim. — O que diabos aconteceu? - ele me pergunta freneticamente.

Reaper corre em seguida e meus olhos se arregalam quando ele desliza na umidade ao meu redor.

Ele cai para trás e bate no chão com força nas costas. — Digame que não estou caindo no xixi, - diz ele.

Comecei a rir do ridículo de tudo isso. — Não é xixi. - Ele parece aliviado por um segundo. — Minha bolsa estourou.

Juro que Gage fica pálido como um fantasma, Reaper parece horrorizado deitado nele e Knight entra no modo médico.

Minha primeira contração me atinge com força. — Oh, merda, - eu gemo, cerrando meus olhos fechados.

Gage me pega, carregando-me escada abaixo. — Reaper pegue as malas, Knight vamos lá.

Pego meu telefone e mando uma mensagem para minha mãe e meu pai dizendo que minha bolsa estourou. Gage me coloca no banco da frente da caminhonete, me prendendo.

Pego sua mão, impedindo-o de me deixar. — Nós vamos ter um bebê, - eu lhe digo com admiração. Eu só precisava de um momento para desacelerar e aproveitar o momento.

— Nós vamos baby. - Ele me beija docemente.

A porta está fechada e os caras entram. Reaper parece hilário carregando todas as malas de uma vez. Ele as coloca na parte de trás e sobe ao lado de Knight.

— É hora do bebê, pessoal, - digo a todos, colocando minha mão na minha barriga. É difícil acreditar que em breve ela ou ele estará aqui.

Horas mais tarde

— Tudo bem River, é hora de empurrar, - minha médica me diz e todos começam a se mover ao meu redor.

O medo me atinge com força e eu alcanço Gage. — Estou com medo, - digo a ele, a dor me deixou além do desgaste.

Ele fecha os olhos, isso tem sido uma tortura para ele me ver com dor. — Está quase no fim, você é tão forte, baby, - ele me encoraja, descansando sua testa contra a minha.

Eu sorrio, as lágrimas enchendo meus olhos. Eu sou uma bagunça quente agora.

— Tudo bem pai, segure a perna dela. - Uma enfermeira mostra a ele como segurar minha perna, e minha mãe faz com a outra.

— Está pronta? - a médica me pergunta.

Eu concordo. — Pronta como nunca estarei.

— Assim que você sentir a próxima contração preciso que você empurre.

Assim que ela termina a frase, a próxima contração me atinge como uma tonelada de tijolos. Eu empurro e empurro, Gage está segurando minhas costas, apoiando-me e segurando minha perna com a mão livre. Eu grito, deixando sair, a dor é tão intensa.

Caio de costas contra a cama, respirando com dificuldade.

Gage passa um pano frio na minha testa. — Você está indo tão bem, anjo. Estou tão orgulhoso de você.

Mamãe nos encontrou aqui no hospital. A sala de espera está cheia com todo o clube, meu pai e Rebecca, minha irmã, seu marido e Maverick, irmão de Gage e marido de minha mãe.

— Eu preciso empurrar. - Gage me ajuda a sentar e eu agarro meus joelhos gritando enquanto empurro e empurro.

— Mais um empurrão e o bebê está fora, - ela me diz.

— Você quer pegar o bebê, pai? - a médica pergunta a Gage.

Ele olha para mim para ver. — Faça isso, - eu digo a ele, sabendo que isso tornará este momento mais especial, nem mesmo

me importando com tantas pessoas encarando minhas partes femininas.

Eles o enluvam e colocam uma roupa hospitalar nele em segundos. Minha mãe está segurando minha mão com lágrimas nos olhos. — Você está tão linda agora, River.

— Eu tenho que empurrar, - aviso a todos. Gage está entre minhas pernas ouvindo a médica. Bato minha mão nas grades da cama, usando-as como suporte e provavelmente quebrando a mão da minha mãe com a outra.

— A cabeça está fora! - ela grita e eu os sinto puxar o bebê para fora.

Olho para baixo ansiosamente vendo Gage segurando nossa bebê, e ele a coloca no meu peito em um cobertor que foi colocado lá.

Começo a chorar e vejo que ela é uma menina. — Nós temos uma garotinha, mamãe, - Gage me diz com lágrimas nos olhos.

Eu soluço, segurando sua mãozinha e olhando para seu rostinho amassado. — Nossa pequena Sky⁶.

Mamãe está tirando fotos e vídeos. — Por que você a nomeou assim?

Olho para minha mãe, a câmera na minha cara. Olho para minha bebê e depois de volta para ela. — Porque nós a amamos mais do que o céu.

⁶ Céu.

Dois anos depois

Skylar está tropeçando no chão do clube, todos os caras a observando com adoração.

— Dada. - Ela bate na porta do escritório de Gage.

Nem mesmo alguns segundos depois, é escancarada e ela está em seus braços. — Que bela surpresa. - Ele beija sua bochecha gordinha.

Ela é minha cara, mas posso ver muito de Gage. Ela tem seus lindos olhos e covinhas.

Ele pega minha mão, puxando-me. — Como a mamãe está se sentindo? - Ele pressiona nossos dedos entrelaçados contra meu estômago.

Estou grávida de seis meses, desta vez é um menino. Eu queria saber o sexo desta vez. — Você está sendo bom com sua mãe, filho? - Gage pergunta, curvando-se em direção ao meu estômago.

Eu rio. — Alguém está querendo o papai dela.

Ele sorri com esse conhecimento. Ela é uma menina do papai por completo. — PAPA! - Skylar grita a plenos pulmões. Gage a coloca no chão e ela corre o mais rápido que suas perninhas podem suportar, direto para o meu pai.

Gage envolve seus braços ao redor da minha cintura, segurando minha barriga inchada. Todos na sala chegaram até

aqui. Knight está com minha tia, sorrindo e segurando sua barriga inchada. Meu coração dói pelas lutas pelas quais eles passaram. Reaper está com sua mulher, Andrey está atualmente perseguindo uma, acredito, e Terror ainda é solteiro, para desgosto de sua mãe. Royal beija sua mulher na testa, segurando-a protetoramente. Meu estômago queima de raiva pelas coisas que eles enfrentaram pela mãe de Penélope. Ela não é mais um problema, um sorriso desliza sobre meu rosto para a justiça que Naomi distribuiu.

— GIGI! - Skylar grita e meu pai é trocado pela mãe de Terror.

— Eu te amo, Gage. Obrigada por me dar esta vida linda. - Eu me viro para encará-lo.

Ele segura meu rosto, inclinando-se até que sua testa esteja contra a minha. — Baby, esta vida não teria sido possível sem você, tudo isso é por sua causa.

Eu me apaixonei cada vez mais por esse homem, do jeito que ele é pelo nosso bebê. Tudo nele me faz amá-lo mais.

— Te amo anjo. - Suas palavras me atingiram tão forte quanto no dia em que ele me disse pela primeira vez.

Quando o vejo, só consigo pensar em uma palavra.

Casa.

FIM.

